



Universidade de
Aveiro

Departamento de Línguas e Culturas

2019

**JOSÉ MUACHIÂNVUA OS PRONOMES CLÍTICOS EM TEXTOS ESCRITOS
POR ESTUDANTES ANGOLANOS: O CASO DE
DUAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE TCHITATO**



**JOSÉ MUACHIÂNVUA OS PRONOMES CLÍTICOS EM TEXTOS ESCRITOS
POR ESTUDANTES ANGOLANOS: O CASO DE
DUAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE TCHITATO**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, realizada sob a orientação científica do Prof. Doutor António Barreira Moreno, do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus filhos e em especial à minha esposa, Maria Pinto Muachiânvua, pelo amor, paciência e carinho e por me ter suportado todo o tempo ausente.

o júri

presidente

Professora Doutora Rosa Lúcia Torres do Couto Coimbra e Silva
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Doutora Emília Maria Rocha de Oliveira
Doutorada da Universidade de Aveiro (arguente)

Professor Doutor António Barreira Moreno
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientador).

agradecimentos

Primeiramente, a Deus, por me ter dado saúde e força para superar as dificuldades.

Gostaria de expressar o meu agradecimento a todo o corpo docente do departamento de línguas e culturas da Universidade de Aveiro e em especial ao meu professor António Moreno pela disponibilidade e ensinamento, ao professor Carlos Morais pelo fornecimento de material de consulta, e a todos, pelo isentivo, ensinamento e demonstração de vossa sabedoria.

Os meus agradecimentos ao digníssimo decano da escola superior pedagógica da Lunda-Norte, Jorge Dias Veloso, pelo pagamento da minha inscrição na Universidade de Aveiro; ao amigo Domingos Pedrocha Deque, ao Domingos Ipanga, diretor da escola do Liceu do Dundo, ao Evaristo Luquino, diretor do complexo escolar do Samacaca pelo auxílio na aplicação dos inquéritos; ao colega de mestrado João Jungo, pelo auxílio de transporte de inquérito até a Portugal.

Gostava de agradecer também aos colegas de Mestrado na Universidade de Aveiro e em especial João Jungo, António Palaia e a Paula Rosa Miúdo pelo apoio e troca de experiência académica.

Por fim, não posso deixar de agradecer ao Instituto Nacional de Atribuição e Gestão de Bolsas de Estudo (INAGBE), pela concessão da bolsa de Mestrado e pela responsabilização de pagamento de propinas e da minha estada em Portugal.

palavras-chave

pronomes clíticos, colocação, seleção.

resumo

A presente dissertação tem como objetivo contribuir para a descrição e explicação (em textos escritos por alunos da 9ª classe e pelos alunos da 12ª classe do 1º e 2º ciclo do ensino secundário) das particularidades no uso dos pronomes clíticos. Segundo o estudo feito, pudemos observar em textos produzidos por inquiridos o enquadramento dos pronomes clíticos em percentagem superior quer de entradas corretas quer as entradas desviantes quanto a colocação e seleção ocorreram na posição proclítica. Tendo em conta este fenómeno, defendemos o ensino de padrões de colocação dos pronomes clíticos conforme o PE. Verificámos, igualmente, a seleção indevida de clíticos pronominais de CD (*o, a, os, as*) a serem substituídos por CI (*lhe*) e os reflexivos e recíprocos de 1ª pessoa gramatical aparecem neutralizados na 3ª pessoa; constatámos que o pronome clítico *lhe* está associado a desvios relativamente à norma do PE, fundamentalmente na sua função de complemento indireto, mas com o mesmo pronome em função de complemento direto.

Verificámos também, em locuções verbais, a colocação de pronomes clíticos ora como enclítico em relação ao verbo auxiliar, ora como proclítico em relação ao infinitivo do verbo principal, mesmo nas condições em que tal não é exigido. Nesse contexto, tendo em conta a predominância da próclise no PA, propusemos assim que faça parte da norma do português em formação em Angola, a colocação de clítico na posição proclítica em relação ao verbo principal, nas circunstâncias em que não houver nenhum proclisador.

No corpus analisado quer no grupo da 9ª classe quer no da 12ª classe, apesar do intervalo que os separa, foram raramente usados, os clíticos *o, as, os, lo, vos*. Tendo em conta que a 12ª classe é terminal no ensino geral, a falta de domínio no uso de pronomes clíticos e a prevalência de desvios relativos à colocação dos clíticos em relação a norma do PE é motivo de preocupação científica e pedagógica.

keywords

clitic pronouns, placement, selection

abstract

The present dissertation aims to contribute to the description and explanation (in texts written by students of the 9th grade and the students of the 12th class of the 1st and 2nd cycle of secondary education) of the particularities in the use of clitic pronouns. According to the study made, we could observe in texts produced by respondents the framing of the clitic pronouns as a percentage of either correct entries or deviant entries, and placement and selection occurred in the proclitic position. Given this phenomenon, we defend the teaching of patterns of placement of clitic pronouns according to the EP. We also verified the improper selection of pronominal clitics of CD (o, a, os, as) to be replaced by CI and reflexive and reciprocal ones of 1st person grammatical appear neutralized in 3rd person; we found that the clitic pronoun is associated with deviations from the EP norm, mainly in its indirect complement function, but with the same pronoun as a direct complement.

We have also verified, in verbal phrases, the placement of clitic pronouns either as enclitic in relation to the auxiliary verb, or as proclitic in relation to the infinitive of the main verb, even in the conditions in which this is not required. In this context, taking into account the predominance of proclisis in PA, we proposed that the clitic placement in the proclitic position in relation to the main verb should be part of the norm of the portuguese in formation in Angola, in the circumstances in which there is no procliator.

In the corpus analyzed in the group of the 9th class and in the group of the 12th class, despite the interval between them, clitics *o*, *as*, *os*, *lo*, *vos* were rarely used. Considering that 12th grade is terminal in general education, the lack of mastery in the use of clitic pronouns and the prevalence of deviations related to the placement of clitics in relation to the EP norm is a reason for scientific and pedagogical concern.

ÍNDICE GERAL

Introdução	21
CAPÍTULO I	25
Fundamentação Teórica.....	25
O conceito de pronome	25
Tipologia dos pronomes pessoais	29
1.1. Definição de pronomes clíticos	31
1. 2. Distribuição dos clíticos pronominais	34
1. 3. Tipos de pronomes clíticos.....	34
1.3.1. Clíticos com conteúdo argumental.....	34
1.3.1.1. Clíticos argumentais de referência definida.....	35
1.3.1.2. Clítico argumental de referência arbitrária: se-nominativo.....	36
1.3.2. Clítico argumental proposicional ou predicativo: clítico demonstrativo ..	36
1.3.3. Clíticos quase-argumentais	37
1.3.3.1. Clítico com estatuto argumental e funcional: se passivo	37
1.3.3.2. Clíticos referencias não associados à grelha argumental do verbo: dativo ético e de posse.....	38
1.3.4. Clítico com comportamento de afixo derivacional: clítico ergativo/anticausativo	40
1.3.5. Clítico sem conteúdo semântico ou morfossintático: <i>clítico inerente</i> ...	40
1.4. Padrões de colocação dos clíticos pronominais.....	41
1.4.1. Posição enclítica (...V+CL...)	43
1.4.1.1. Forma verbal simples	43
1.4.1.2. Sequências verbais	44
1.4.2. Posição mesoclítica	46
1.4.3. Posição proclítica.....	47

1.4.3.1. Forma verbal simples	47
1.4.3.2. Sequências verbais	50
SÍNTESE DO PRIMEIRO CAPÍTULO	51
CAPÍTULO II	55
2.1. Português Europeu e os estudos realizados.....	55
2.2. Português Brasileiro e os estudos realizados	59
2.3. Português Angolano e os estudos realizados	61
SÍNTESE DO SEGUNDO CAPÍTULO.....	67
CAPÍTULO III	69
3.1. Metodologia de investigação.....	69
3.2. Tipo de Estudo	69
3.3. Universo e Amostra.....	72
3.4. Os inquiridos	74
3.5. Natureza do corpus e recolha de dados	77
3.6. Análise do corpus.....	81
CAPÍTULO IV	85
4.1. Apresentação, análise e discussão dos dados	85
4.1.1. Apresentação dos dados	85
4.1.2. Análise e discussão dos dados do grupo da 9ª classe	90
4.1.2.1. Entradas corretas	92
4.1.2.2. Análise de clíticos em contextos de colocação desviantes.....	93
4.1.2.3. Próclise em vez da ênclise	93
4.1.2.4. Ênclise em vez da próclise	96
4.1.2.5. Uso de clíticos em locuções verbais.....	96
4.1.2.6. Casos de má seleção de clíticos	98
4.1.2.7. Casos de má colocação e seleção de clíticos	100

4.1.2.8. Casos de omissão de clítico	101
4.1.2.9. Situação de homofonia	102
4.2. Análise e discussão dos dados do grupo da 12 ^a classe.....	103
4.2.1. Caracterização.....	106
4.3. Ocorrência de clíticos com formas verbais simples em frases simples.....	108
4.4.1. Caracterização.....	111
4.5. Ocorrência de clíticos com formas verbais complexas em frases simples	111
4.6. Ocorrência de clítico com formas verbais complexas, introduzidas por advérbios e pronomes indefinido.	112
4.7. Ocorrência de clíticos em frases coordenadas e subordinadas (finitas e não finitas) com forma verbal composta.	114
4.8. Ocorrência de clíticos na conjugação perifrástica	115
4.9. Ocorrência de clíticos na forma verbal simples do futuro e do condicional	116
4.10. Ocorrência de clíticos na forma verbal composta do futuro e do condicional	117
5. Caracterização	119
Em síntese	124
Conclusões.....	127
Referências Bibliográficas:.....	129
APÊNDICE	133
Guião de respostas de teste de comportamento linguístico provocado aplicado aos alunos da 12 ^a classe.....	141
Anexo 1: Inquérito	147
Anexo 2	155

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gráfico de contingência dos estudantes	73
Gráfico 2: Percentagem das estruturas frásicas com pronomes clíticos produzidos pelos alunos do complexo escolar do Samacaca.....	87
Gráfico 3: Disposição de clíticos desviantes em relação a PE	88
Gráfico 4: Uso de clíticos em estruturas verbais simples	109
Gráfico 5: Uso de clíticos em frases coordenadas e subordinadas (finitas e infinitas).....	110
Gráfico 6:Uso de clítico com formas verbais complexas em frases simples	112
Gráfico 7:Uso de clítico em formas verbais complexas, introduzidas por advérbios e pronomes indefinido	113

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Universo e Amostra	73
Tabela 2: Idade dos inquiridos	74
Tabela 3: Uso de clíticos de alunos da 9ª classe do complexo escolar do Samacaca	86
Tabela 4: Clíticos e sua frequência	89
Tabela 5: Ocorrências das categorias que desencadearam a posição proclítica em entradas corretas	91
Tabela 6: Entradas desviantes de clíticos segundo a norma do PE.....	93
Tabela 7: Seleção de clítico colocado incorretamente.	104
Tabela 8: Identificação de clítico em alternativa que seja mais bem formulada. .	106
Tabela 9: Uso de clíticos em frases coordenadas e subordinadas (finitas e não finitas) com forma verbal composta.....	114
Tabela 10: Uso de clíticos na conjugação perifrástica	116
Tabela 11: Uso de clítico na forma verbal simples do futuro e condicional	117
Tabela 12: Uso de clíticos na forma verbal composta do futuro e do condicional	118

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro 1: Formas átonas do pronome pessoal	34
Quadro 2: Línguas bantu faladas em Angola	75

ÍNDICE DE FIGURA

Figura 1: Mapa das comunidades etnolinguísticas de Angola.....	76
--	----

Introdução

Esta dissertação de mestrado, tendo como tema o uso de pronomes clíticos em textos escritos pelos alunos da 9ª classe do Complexo Escolar do Samacaca e pelos alunos da 12ª classe do Liceu do Dundo, constitui-se como requisito para a obtenção de grau de mestre em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira, na Universidade de Aveiro.

O uso dos pronomes clíticos tem sido uma preocupação por parte de muitos estudiosos da Linguística em Angola. De facto, há tendências por grande parte de falantes do português em Angola para o uso desviante dos pronomes clíticos, segundo a norma do português europeu (PE). Não sendo um fenómeno recente, é determinante de atualidade e de interesse.

O uso desviante dos pronomes clíticos, pelos alunos do 1º e 2º ciclos do ensino secundário, nas suas produções orais e escritas, é um facto que ainda interessa aos investigadores da Língua Portuguesa em Angola; esses falantes optam por uma seleção particular dos pronomes clíticos e da sua colocação, contrariando a norma padrão do PE. Esta foi a principal razão que motivou a escolha deste tema.

Com o presente trabalho, pretende-se mitigar as dificuldades que alunos destes ciclos apresentam no emprego dos pronomes clíticos nos seus variados discursos orais e escritos; entendemos que a maior parte manifesta desconhecimento dos padrões de colocação dos pronomes clíticos. Considerando o uso desviante de pronomes clíticos, esperamos com este trabalho contribuir para a descrição das complexidades relacionados com o emprego de clíticos pronominais e, conseqüentemente, para a identificação de áreas críticas de modo a colaborarmos para uma definição de soluções para o ensino do português em Angola e, em particular, dos pronomes clíticos.

Ao longo dos anos, no âmbito da nossa atividade pedagógica, vimos verificando por parte de alunos, algumas produções verbais e escritas insistentemente desviantes relativamente a norma padrão, frases que no contexto

sintático apresentam desvios gramaticais referentes ao uso de pronomes clíticos. Agramaticalidades relativas à colocação e seleção de clítico acusativo, reflexivo na 3ª pessoa gramatical em detrimento da 1ª pessoa; o clítico colocado em posição proclítica mesmo nas condições em que tal não é exigido e de clíticos com a função de complemento indireto a funcionar como clíticos de complemento direto, assim como a colocação de clítico *lhe* na posição inicial de frase.

Todos estes aspetos constituem objeto do estudo nesta dissertação cuja intenção é caracterizar a dinâmica dos clíticos no português falado em Angola.

Pretendemos, desta forma, contribuir para descrição e explicação de dados linguísticos relativos ao emprego de pronomes clíticos em textos produzidos pelos alunos do 1º ciclo do Samacaca e a partir dos resultados obtidos no teste de comportamento linguísticos (TCLP) aplicado aos alunos do 2º ciclo do Liceu do Dundo.

Os objetivos são os seguintes:

- (i) inventariar os principais erros relativos aos pronomes clíticos a partir dos textos escritos pelos estudantes da 9ª e 12ª classes;
- (ii) descrever os desvios e/ou erros cometidos relativamente ao uso dos pronomes clíticos;
- (iii) confrontar o uso dos clíticos em alunos da 9ª classe e da 12ª classe para se poder analisar, confrontar e identificar os problemas com o uso de pronomes clíticos que prevalecem em alunos destas classes, consideradas classes terminais destes ciclos.

Esta dissertação, situando-se na área da Linguística pretende descrever e analisar o uso dos pronomes clíticos servindo-se da pesquisa qualitativa e quantitativa com o intento de recolher e apresentar os dados estatísticos organizados em tabelas e percentagens.

Para este fim, a cada grupo foi aplicado um inquérito sociolinguístico com vista à recolha de dados biográficos sociais e culturais dos informantes. Quanto aos dados, foi constituído um *corpus* de 88 estruturas frásicas contendo clíticos

pronominais extraídos de textos produzidos pelos 45 alunos do complexo escolar do Samacaca. A nossa intenção foi ainda a de aplicar um teste de comportamento linguístico provocado com exercícios assentes nos juízos de gramaticalidade sobre os pronomes clíticos, a 38 alunos da 12^a classe do Liceu do Dundo.

A nossa opção de trabalharmos com a 9^a classe ficou a dever-se ao facto de ser a classe terminal do 1^o ciclo do ensino secundário; considerando o aprendizado do português, nesta classe, todo o aluno já devia possuir certo saber da Língua Portuguesa. Já a preferência pela 12^a classe deveu-se ao facto de serem alunos pré-finalistas do 2^o ciclo do ensino secundário e, conseqüentemente, de se situarem à entrada ao ensino superior, e também pelo facto de estarem sujeitos sempre à um exame escrito e oral na disciplina de Língua Portuguesa; por estas razões queremos confrontar estes dois níveis de ensino e concluir que dificuldades esses alunos apresentam relativamente ao uso dos pronomes clíticos na saída de cada ciclo. Identificar este problema, permitir-nos-á tirar ilações, perspetivarmos o fenómeno e propor soluções científico-pedagógicas.

O trabalho está organizado em quatro capítulos: a introdução, onde se faz a apresentação do tema, se mostra a relevância do trabalho delimitando o problema da pesquisa, se definem os objetivos, se explica a metodologia seguida. Segue-se o primeiro capítulo, no qual se faz um breve estudo dos conteúdos linguísticos usados neste trabalho bem como das teorias que regulam a estrutura e os parâmetros dos pronomes clíticos. No segundo capítulo, faz-se uma breve revisão da literatura, ou seja, a revisão bibliográfica de estudos feitos por alguns autores relativamente aos pronomes clíticos no português europeu, português brasileiro e português angolano. No terceiro capítulo, apresenta-se a metodologia de investigação, caracterização da população e da amostra e os instrumentos de recolha e organização de dados. No quarto capítulo, apresentamos e analisamos os resultados dos inquéritos e uma síntese. Por último apresentamos as conclusões, a bibliografia utilizada para a realização desta dissertação e os apêndices e anexos assim como o guião do inquérito aplicado.

CAPÍTULO I

Fundamentação Teórica

Neste primeiro capítulo, trataremos de um breve estudo das delimitações que serão usadas neste trabalho bem como das teorias que regulam a estrutura e os parâmetros dos pronomes clíticos. Depois, abordaremos os conceitos de pronomes e os tipos, pondo em causa a entidade de pronomes substantivos ou simplesmente (pronomes) e de pronomes adjetivos ou (determinantes); ulteriormente, diferenciaremos os pronomes fortes e os pronomes fracos, sendo o foco o de tratamento dos pronomes clíticos átonos. Abordaremos, seguidamente, o conceito do pronome clítico e os seus tipos. E, por fim, nos dedicaremos aos padrões de colocação dos pronomes clíticos no português europeu (PE), pondo assim em relevância a posição enclítica como sendo a típica em enunciações fundamentais, já que o uso da mesóclise tem sido considerado como uma das regras desusadas, pelo que muitos dos seus falantes já não o utilizam.

O conceito de pronome

No conceito de pronome, podemos destacar aqui diferentes tipos de caracterização. Bechara (2003:132) define pronome como uma classe de palavras que se refere a um léxico indicado pela situação ou por outras palavras do contexto; no seguimento, o mesmo autor assume que esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada no discurso.

Moreira & Pimenta (2017:151) chama pronome à palavra pertencente a uma classe fechada que pode substituir um grupo nominal, não precede um nome ao contrário do determinante, e é conhecido por substituto. Esta afirmação, parece estar de acordo com Cunha e Cintra (2014: 351-352) segundo os quais, “o pronome distingue -se do determinante e do quantificador por não poder ocorrer antes de um nome já que substitui o grupo nominal”. Estes, ainda acrescentam que os pronomes, “desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais e recebem o nome de *pronomes substantivos* por representar um substantivo; acompanham um substantivo

determinando-lhe a extensão do significado, (...) modificando o substantivo que o acompanham como se fosse adjetivo”. Para estes autores, o que distingue pronome de determinante é que este sempre é antecedido de um nome enquanto que o pronome substitui um nome ou um grupo nominal. Os mesmo autores, referem que “alguns quantificadores podem surgir no final ou até mesmo separados do grupo nominal, contribuindo para seu valor referencial, (...) e expressam informação relativa à quantidade ou número do referente”.

Moreira & Pimenta (2017:151) afirmam que os pronomes pertencem a classes fechadas e que podem substituir um nominal, não precedem um nome ao contrário do determinante. Cunha e Cintra (2014:101), explicam que os pronomes são “as classes fechadas constituídas por um número finito de vocábulos, como é o caso da classe de pronomes, determinantes dos quantificadores, das preposições e conjunções”.

Nesta senda, Nunes C., Oliveira M. & Sardinha M. (1997:95) defendem que, “os pronomes funcionam como representantes, como antecipantes ou como designativos; são representantes quando substituem um nome já expresso, como antecipantes quando anunciam um nome que vai seguir-se e como designativos quando representam o participante na comunicação”. Embora estes autores entendam que os pronomes substituem um nome já expresso no ato comunicativo, entretanto estão de acordo com Bechara ao referirem-se que pronome é uma palavra com referência léxica que designa outras palavras em outro contexto relacionando-as à um nome ou à uma pessoa no discurso.

Na verdade, vários são os autores que se têm debruçado sobre o conceito de “pronome”. Como se pode ver, não é tão simples a delimitação deste conceito. Dos autores apresentados, uns têm a mesma visão, mas outros, acrescentam mais algumas achegas em relação ao seu funcionamento.

Ainda neste âmbito Alfredo Gomes, citado pelo Tavares (2013:7), conceitua o pronome como “a palavra que substitui o nome”. O autor explica que o gramático faz uma observação em que ressalta que o pronome pode também substituir um adjetivo, outro pronome, um membro de uma frase e também uma oração inteira, o que, segundo ele, não invalidaria a definição, uma vez que o nome pode ser

substantivo ou adjetivo. Como se confirma segundo os exemplos de Gomes (1920 [1887]):⁵¹ *Já fui bom, hoje não o sou; vi-o alegre; fulano é um favorito da família, beltrano nunca o foi; fale a verdade, manda-o a consciência.*

Nesta perspectiva, Nunes & Sardinha (1997:95) referem que “o emprego dos pronomes se baseia no princípio da economia geral da mensagem codificada, permitindo evitar a repetição das mesmas palavras”. Os mesmos autores afirmam que “o processo de substituição de segmentos por outros é um fator de economia para retomar a informação já dada e não tornar a mensagem demasiada longa”.

Martins (2013:2193) afirma que os pronomes são expressões nominais que não têm conteúdo referencial inerente, ou seja, não tem autonomia referencial. A sua referência estará sempre dependente da situação de enunciação ou do contexto linguístico ou discursivo. Esta visão parece ser a mesma que a de Bechara, já antes mencionado, segundo o qual pronome, refere um léxico indicado por outras palavras do discurso e a referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada no discurso, conforme se ilustra nos exemplos (1) a seguir:

(1) O Primeiro-Ministro elogiou o Presidente da República. (Martins 2013:2193)

Neste exemplo, o autor diz que, as expressões nominais *o Primeiro-Ministro* e *o Presidente da República*, que têm autonomia referencial, permite-nos identificar sem dificuldade o referente de cada uma delas; para estas frases este autor explica que, se dissermos a frase, *ele elogiou-o* sem qualquer contexto o nosso interlocutor será obrigado a pedir informação extra sobre o referente das formas *ele* e *o*, que não tendo autonomia referencial, não permite identificar por si só o referente.

Por estas razões, estas ideias podem ser completadas com a que foi explicada por Moreira & Pimenta (2017) e Cunha e Cintra (2014), já aludidas, segundo as quais os pronomes podem substituir um grupo nominal, e, considerando as frases anteriores, pode-se explicar o seguinte: A expressão nominal: “*O Primeiro-*

Ministro” é substituída por “*ele*” e a expressão nominal: “*o Presidente da República*”, é substituída por pronome pessoal “*o*”.

Dando seguimento à explicação a volta destas abordagens, sobretudo as de Cunha & Cintra as de Nunes & Sardinha, os pronomes são classes de palavras que substituem os nomes e os elementos adjacentes concordando com a palavra que a representa. Como se constata na frase 2 e 3

(2) A Maria comprou todos os livros da montra.

(3) A Maria comprou-os.

Na perspectiva de Cunha & Cintra (2014:352), é possível uma subdivisão dos pronomes: Aqueles que substituem os substantivos segundo o exemplo em (4), e aqueles pronomes adjetivos que, normalmente, ficam na posição de determinantes, conforme se especifica na frase (5) a seguir:

(4) *Tudo* foi dito.

(5) *Teus* filhos sabem cantar.

Em termos de substituição de nomes por pronomes, Raposo (2013:893) explica que à exceção de *outrem*, os quantificadores existenciais organizam-se em pares. Em cada par, um dos membros caracteriza-se pelo traço nominal [- humano] – *algo* e *nada* - e o outro membro pelo traço nominal [+ humano] – *alguém* e *ninguém*.” Conforme os exemplos que seguem (6)

(6) Alguém bateu à porta/ = Segundo o autor, “assim, *alguém* `significa uma pessoa` e (*ninguém bateu à porta*) e *ninguém* significa nenhuma pessoa.

Relativamente à identificação e classificação dos pronomes, estes autores distinguem-nos em seis tipos, nomeadamente, pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, interrogativos, relativos e indefinidos; entretanto, nem todos estes interessam ao nosso trabalho, apenas os primeiros, ou seja, os pronomes pessoais. Os pronomes pessoais são classificados em dois tipos: os pronomes retos, dada a sua variação e a forma nominativa, desempenham a função sintática de sujeito; os de pronomes clíticos que, segundo a sua essência

e os padrões, assim como dos seus hospedeiros verbais selecionado, correspondem a casos acusativos, dativos ou oblíquos.

Do exposto, sobre a noção do pronome, todos os autores estão de acordo, uma vez que, consideram que o pronome se refere e substitui um nome ou à uma expressão equivalente, representada no discurso, ao contrário do pronome adjetivo precede um nome.

Tipologia dos pronomes pessoais

Mateus *et al.* (2003:826) diz que os pronomes pessoais denotam a pessoa gramatical das entidades participantes no ato comunicativo (locutor, ouvinte e entidade a cerca da qual se fala).

Martins (2013:2194) explica que, em português, os pronomes pessoais são especificados quanto à pessoa gramatical e semântica (...) as formas de primeira pessoa semântica - que produz o discurso (*eu, me, mim, nós, nos*), de segunda pessoa semântica - a pessoa a quem é dirigido o discurso - (*tu, te, você vós, vos, vocês*) e de terceira pessoa semântica – a pessoa que não participa no discurso – (*ele, ela, o, a, lhe, etc.*)

As mesmas autoras, distinguem os pronomes pessoais de acordo as funções sintáticas, ou seja, as formas de sujeito, chamadas nominativas – *eu, tu, você, ele, ela, nós, vós, vocês, eles, elas*; formas de complemento direto, chamadas acusativas -*me, te, se o, a, nos, vos, os, as*; formas de complemento indireto, chamadas dativo – *me, te, lhe, nos, vos, lhes*; formas de complemento de preposição, chamadas oblíquas – *mim, ti, ele, ela, nós, vós, etc...* Acrescenta ainda que “fonologicamente, os pronomes pessoais podem ser fortes, com acento próprio, como no caso de *eu, tu, mim, etc.* ou formas átonas que se cliticizam ao verbo, como *me, te, o, a, etc.*”.

Nas palavras de Everett (1993) e Kato (1999), citados por César (2014:17), os pronomes fortes, opostos aos pronomes fracos, podem equivaler a pronomes livres e afixos de concordância. E acrescentam que os pronomes fortes possuem uma natureza deítica, enquanto que os pronomes fracos são referencialmente dependentes. De realçar que os pronomes fortes, não é objeto do nosso trabalho,

mas sim os fracos, que podem ser designados pronomes pessoais, pronomes clíticos átonos ou de clíticos especiais; apresentam as formas de complemento direto (acusativa) e as formas de complemento indireto (dativo).

Cunha & Cintra (2014:356) explicam outra funcionalidade de pronomes pessoais. Segundo estes autores, “o pronome pessoal *you* tem as formas da 3ª pessoa no singular (incluindo *si* e *consigo*, originalmente com valor reflexivo) enquanto *you*s corresponde, habitualmente, às formas da 2ª e 3ª pessoas do plural”. Recorde-se que estes autores, usando terminologia pedagógica, designam a expressão pronome reto por caso nominativo; realça ainda que “com a preposição *com* existe as formas de contração *comigo*, *contigo*, *connosco*, *convosco* e *consigo*” e que “os pronomes dativo e acusativo podem combinar-se nas contrações *mo/ma/mos/mas*/(*me + o/a/os/as*), *to/ta/tos/tas* (*te + o/a/os/as*) e *lho/lha/lhos/lhas*(*lhe ou lhes + o/a/os/as*).

Em português europeu, quanto à entoação com função de sujeito e oblíquo, são tónicos com função de complemento direto e indireto são átonos e aparecem geralmente depois do verbo (ênclise) separados por meio de hífen no meio da forma verbal (mesóclise) e, em outras ocasiões, antes do verbo (próclise) Cunha & Cintra (2014).

Segundo os mesmos autores, quando o pronome oblíquo da 3ª pessoa, com a função de objeto direto aparece na posição pré-verbal, apresenta-se sempre com as formas *o*, *a*, *os*, *as*, conforme em (7).

(7) (a) As chaves, não as vejo desde ontem.

(b) O Carlos, nunca o encontrámos em casa.

Quando aparece depois do verbo ligado por hífen (pronome enclítico), a sua forma depende da terminação da forma verbal:

- Se a forma verbal terminar em VOGAL ou DITONGO ORAL, emprega-se *o*, *a*, *os*, *as*, como se vê os exemplos:

(8) (a) As flores, ela leva-as todos os dias.

(b) O rapaz, levei-o em casa.

- Se a forma verbal terminar em *-r*, *-s*, ou *-z*, suprimem-se estas consoantes, e o pronome assume as formas de *lo*, *la*, *los*, *las*, conforme os seguintes exemplos:

(9) (a) Os bilhetes de ingresso ao jogo, nós enviamo-*los* pelos correios.

(b) A camisa, ela trá-*la* da boutique.

(c) Os bilhetes de ingresso ao jogo, o estafeta veio trazê-*los* ontem.

O mesmo se dá quando vem posposto ao designativo *eis* ou aos pronomes *nos* e *vos*: *Ei-lo sorridente / O nome não vo-lo direi*. Cunha (2014).

- Se a forma verbal terminar em DITONGO NASAL, o pronome assume a forma de *no*, *na nos*, *nas*, como se vê nos exemplos:

(10) (a) Os pratos, eles puseram-*nos* no armário.

(b) O livro, ela põe-*no* em cima da mesa.

1.1. Definição de pronomes clíticos

Matos (2003:827) diz que os pronomes clíticos correspondem prototipicamente às formas átonas do pronome pessoal que ocorrem associadas à posição dos complementos dos verbos.

Para Mateus *et al.* (1992:86) citado por Semedo (1997:11) afirma que português é uma língua com pronomes clíticos de 1ª, 2ª e 3ª pessoa, que conservam a flexão casual e que, consoante os contextos sintáticos, ocorrem em posição proclítica, mesoclítica ou enclítica. Ainda segundo a mesma autora “o clítico é uma forma que se assemelha a uma palavra, mas não pode ocorrer por si só num só enunciado, estando estruturalmente dependente de uma palavra vizinha numa dada construção”.

Analogamente, Martins (2013:2231) define clítico como um item lexical sem acento prosódico atribuído no léxico (tal como os afixos e contrariamente às palavras), mas com uma certa liberdade posicional (tal como as palavras, mas contrariamente aos afixos). Esta autora argumenta ainda que “a ausência de acento de palavra faz com que o clítico dependa necessariamente de uma palavra adjacente acentuada”. E diz ainda que “a esta palavra à qual o clítico se liga

chama-se hospedeiro do clítico” e “ao processo de ligação de clítico ao seu hospedeiro de cliticização (...); o clítico goza de autonomia no plano morfológico (por oposição aos afixos, presos a uma base)”.

Brito (2007), citada por César (2014:19) refere que os pronomes clíticos podem ser considerados como partículas desprovidas de acento que requerem um hospedeiro que os receba, assim como acontece com os afixos flexionais. E a mesma autora, acrescenta que os clíticos são fonologicamente fracos, e, por essa via, não podem aparecer sozinhos, devendo ser adjungidos a um hospedeiro, que, no caso concreto de clíticos é geralmente um verbo.

Na mesma perspetiva, Duarte (1983:159), citada por Semedo (1996:11), afirma que “clítico é fonológica e sintaticamente dependente do verbo, adjacente a esse verbo, e que é interpretado como sujeito, objeto direto ou indireto do mesmo”.

Usando das palavras de Matos (2003:826), clíticos átonos especiais, designação dada por (Zwicky:1977), partilham com outras unidades lexicais, como, as preposições e os artigos, a propriedade de serem átonas, dependentes de itens lexicais com acentuação própria, os seus hospedeiros, propriedade que impossibilita estas subclasses de palavras surgir isoladamente no discurso, como se vê nos exemplos (11), (12) e (13). Esta situação é também defendida por Martins (2013:2231) ao afirmar que não só os pronomes pessoais complementos são designados como clíticos, por não constituírem uma palavra prosódica; outros itens lexicais como, artigos definidos pronomes interrogativos *que* e *porque*, o pronome relativo *que*, as conjunções *que*, *se*, *mas*, *e*, ou, as preposições *de*, *para*, *por*, *com*, *em* e o quantificador *cada*, são também formas clíticas; por esta razão, Vigário (2003:17b:175), citado por Martins (2013:2232), comenta que todas estas formas sem acento próprio necessitam de cliticizar a uma palavra adjacente por forma a tornar-se parte de uma palavra prosódica, como se confirma nos exemplos.

(11) - Vens de Lisboa ou Vais para Lisboa?

*- Para. Vs. – Para Lisboa.

(12) - Ele terá lido o livro ou a revista?

*- A. Vs. – A revista.

(13) - Ele falou a alguém quando entrou na sala?

*- Me! Vs. – A mim!

Por motivos fonológicos, Raposo (2013:905) afirma que os clíticos se juntam ao verbo da oração em que ocorrem, podendo ligar-se à sua direita, numa configuração de ênclise, como em (14), à sua esquerda, numa configuração de próclise como em (15), ou no condicional ou no futuro, na configuração de mesóclise, separando a flexão verbal em pessoa e número do tema desses tempos, conforme em (16).

(14) Vi-as ontem à noite.

(15) Não as vi ontem a noite.

(16) Vê-las-ia/ vê-las-ej à noite.

Em todos os autores as suas definições são unânimes: o clítico é elemento que tem dependência fonológica, não funciona isoladamente e sempre vem ligado a um verbo.

1. 2. Distribuição dos clíticos pronominais

O quadro 1, mostra a disposição dos clíticos não-reflexos e reflexos, consoante a pessoa gramatical e a forma casual a que correspondem:

Quadro 1 - Quadro 1: Formas átonas do pronome pessoal

Formas átonas do pronome pessoal			
Pessoas	Clíticos não-reflexos		Reflexos
Gramaticais	Acusativo	Dativo	Acusativo / Dativo
1. ^a singular	me	me	me
2. ^a singular	te	te	te
3. ^a singular	o/a	lhe	se
1. ^a plural	nos	nos	nos
2. ^a plural	vos	vos	vos
3. ^a plural	os/as	lhes	se

Quadro 1: Matos (2003:827)

Como já se disse anteriormente, os pronomes clíticos correspondem prototipicamente às formas átonas do pronome pessoal que ocorrem associadas à posição dos complementos verbais.

1. 3. Tipos de pronomes clíticos

Ao referir-se aos os tipos de pronomes clíticos, quanto às características e realização, Matos (2003:835) diz que em português, como em todas as línguas românicas, é possível distinguir diferentes tipos de clíticos, tendo por critérios: (i) o seu potencial referencial ou predicativo; (ii) a possibilidade de receberem um papel temático; (iii) a sua referência específica ou arbitrária; (iv) a capacidade de ocorrerem em construções de redobro de clítico e de extração simultânea de clítico; (v) e a faculdade de funcionarem como afixo capaz de alterar a estrutura argumental de um predicado. Assim, os cinco tipos de clíticos especiais são:

1.3.1. Clíticos com conteúdo argumental

Face às propriedades acima anunciadas, os clíticos argumentais podem ser classificados por dois subtipos: (i) clíticos argumentais de referência definida: pronominais e anáforas, (ii) clíticos de referência arbitrária: se-nominativo. No

quadro dos clíticos de referência definida estão os pronominais (acusativos e dativos), ou seja, os não reflexos e os anafóricos (reflexos e recíprocos).

1.3.1.1. Clíticos argumentais de referência definida

Quer os clíticos pronominais quer os anafóricos são caracterizados como argumentais, pois ocorrem associados às posições de objeto direto e indireto dos verbos transitivos ou bitransitivos, bem como a argumentos do verbo subordinado de construções de marcação de caso excepcional ou de reestruturação/união de orações, de acordo os seguintes exemplos:

(17) (a) Convidaram-*na* (acusativo) para passear.

(b) A Maria José pediu-*lhe* (dativo) um microscópio.

(c) Eles beijaram-*se* (recíproco) no quarto.

(d) O Junilson lavou-*se* (reflexo) sozinho.

(e) Os alunos perguntaram-*lhe* (união de oração) quando marcaria o exame de recurso.

Estes clíticos admitem construções de redobro em que o constituinte redobrado assinala a posição argumental a que o clítico está associado, como se vê no seguinte exemplo:

(18) (a) O Elísio mandou-*a* a ela sair de casa.

(b) Só *lhe* disseram a ela para não ir à festa.

(c) O Joaquim e a Fernanda conheceram-*se* um com outro, na escola de formação de professores no início do ano letivo.

Em frases com extração simultânea de clítico, é possível recuperar o argumento não realizado, sem que a frase seja sentida como um caso de Objeto Nulo, conforme os seguintes exemplos:

(19) (a) Leonardo mandou-*a* [-] comprar leite e [-] ficar na paragem de autocarros.

(b) Acho que eles se conhecem [-] e encontram [-] frequentemente na Escola Superior Pedagógica.

1.3.1.2. Clítico argumental de referência arbitrária: se-nominativo

Alguns autores como Cunha e Cintra (1984) e Bechara (1999) designam por clítico sujeito impessoal ou indeterminado, o clítico que Matos (2003:836) designa por *se-nominativo*. No caso deste clítico, normalmente tem sido usado para designado por sujeito indeterminado. Por outras palavras, em algumas frases ao serem usados estes clíticos, não se consegue determinar, com exatidão, o tipo de sujeito da frase, razão pela qual se designa por referência arbitrária. E pode ser parafraseável por expressões nominais como *alguém*, como se vê nos seguintes exemplos:

(20) (a) Diz-se que os preços vão baixar.

(b) Vende-se casa.

(c) A grande questão está naquilo em que se acredita. (Mateus et ali. 2003)

(d) A grande questão está naquilo em que *alguém/uma pessoa* acredita.

Esta situação é oposta àquela a que normalmente se verifica nos clíticos argumentais em que se aceita a construção de redobro de clítico. Porém, com o *se nominativo* não aceita o caso de redobro de clítico. A oposição nas frases (21) mostra que na frase (a), o clítico não aceita o redobro do clítico ao passo que em (b) o redobro do clítico é admissível.

(21) (a) **Alguém vende-se casas*.

(b) *Alguém se lava a si mesma*.

1.3.2. Clítico argumental proposicional ou predicativo: clítico demonstrativo

Entre clíticos argumentais, está o pronome invariável *o*, correlato do demonstrativo *isso*, que denota situações e estados de coisas. Este clítico ocorre normalmente com verbos que selecionam frases por objeto direto, como se pode ver em (22):

(22) (a) O Eduardo era culpado pelo desaparecimento do dinheiro, ele não o manifestou publicamente.

(b) Não havia provas suficientes para incriminar os professores e a juíza sabia o perfeitamente.

O clítico invariável *o* surge em estruturas copulativas como predicado nominal, desempenhando o papel de núcleo das orações pequenas selecionadas pelo verbo em frases como em (23):

(23) (a) A Maria José é muito inteligente e toda a família *o* é.

(b) O Muachiânvua está muito contente como o comportamento dos filhos e a mãe também *o* está.

1.3.3. Clíticos quase-argumentais

Os clíticos com propriedades precisamente quase-argumentais são reunidos em duas classes: (i) *o se* passivo, com um estatuto argumental e funcional e (ii) clíticos referencias não associados à grelha argumental do verbo: *dativos éticos* e *de posse*.

1.3.3.1. Clítico com estatuto argumental e funcional: *se* passivo

O *se* passivo tem por referente uma entidade arbitrária identificada com o chamado “agente da passiva”. Assim, seja o *se* passivo como o *se* nominativo não têm a possibilidade de redobro de clítico, segundo o exemplo (24a). Porém, dado o seu valor argumental, *se*-passivo admite interpretações de extração simultânea de clítico, como se confirma em exemplo (25).

(24) (a) Venderam-se hoje muitos livros. (Matos 2003:839)

(b)* Venderam-se hoje muitos livros por alguém na feira do livro. (Matos 2003:839)

(25) Já hoje *se* venderam e compraram muitos livros na feira do livro. (Matos 2003:839)

Para além do seu comportamento argumental, o clítico *se* passivo acumula as funções tipicamente atribuídas ao morfema passivo – bloqueia a atribuição de

relação temática à posição de argumento externo e de acusativo ao argumento interno do verbo. Este facto aproxima o referido clítico do afixo de participio passado inacusativo na construção passiva e na construção de participio absoluto, como ilustrado em (26 a e b), respetivamente.

(26) (a) Foram vendidos muitos livros hoje (por alguém). (Matos 2003:840)

(b) Comprados muitos dos livros pelo público que acorrera à feira, o negócio parecia correr de feição. (Matos: 2003:840)

1.3.3.2. Clíticos referencias não associados à grelha argumental do verbo: dativo ético e de posse

Nesta classe, agrupam-se o dativo ético e o dativo de posse. Entretanto, vários autores rejeitam o estatuto quase-argumental dos dativos éticos e de posse. É o caso de Sportiche (1988), citado por Mateus *et al.* (2003:840) que, sugerem que estes podem ser tratados como clíticos associados a constituintes nominais sem conteúdo referencial. O dativo ético designa tipicamente o locutor, manifestando o seu interesse na realização da situação expressa pela frase. Ocorre, pois, tipicamente em frases exortativas, envolve a forma do clítico na primeira pessoa do singular e, marginalmente, na primeira do plural, como se pode constatar nos exemplos:

27) (a) Acaba-me depressa os trabalhos de casa! (Matos: 2003:840)

(b) Cala-me essa boca, pois já não te posso ouvir chorar! (Matos: 2003:840)

(d) *Cala-me essa boca, pois já não te pode(m) ouvir chorar! (Matos: 2003:840)

Ainda assim, o dativo designa uma entidade que pode ser considerada como beneficiário e a sua natureza não argumental pode impossibilitar a ocorrência de redobro de clítico ou de legitimação simultânea de clítico, como se vê nos seguintes exemplos:

(28) (a) *Cala-me essa boca a/para mim, pois não te posso ouvir chorar!

(b) #Ordeno-te que me cales essa boca e abras esses olhos!

Note-se que em (28b) é difícil recuperar o dativo ético no segundo termo coordenado: este é preferencialmente interpretado como comportando apenas a expressão (*Ordeno que*) *abras esses olhos*, em vez de (*Ordeno que me*) *abras esses olhos*.

O dativo de posse difere do dativo ético pelo facto de que, embora não esteja correlacionado com uma posição argumental do predicador verbal, está associado a uma posição de argumento ou de adjunto de complemento deste predicador. Esta posição torna-se visível na construção de redobro de clítico e, em alguns casos, é evidenciado pelo pronome possessivo, como se pode depreender em (29).

(29) (a) *Dói-me* as vistas.

(b) Ela conhece-*lhe* todas as manias.

(c) *Dói-me* as vistas a mim.

Como este dativo indica a relação de posse inalienável, o clítico pode assumir todas as pessoas gramaticais, conforme ilustrado:

(30) (a) *Dói-me / te / lhe / nos / lhes* as vistas.

(b) Ela conhece-*me / te / lhe / nos / lhes* todas as manias.

Os pronomes átonos dativos, nomeadamente (*me, te, lhe, vos, lhes,*) podem ser empregues para designar o sentido possessivo das pertenças de um indivíduo e/ou das partes do corpo, (Cunha & Cintra: 2014) como se vê nos exemplos:

(31) (a) *Escutaste-lhe* a voz? *Viste-lhe* o rosto?

(b) *Osculaste-lhe* as plantas?

(c) *Tocaste-lhe* os vestidos?

(d) O burro que em quimeras modelaste / *Quebrou-se-te* nas mãos.

1.3.4. Clítico com comportamento de afixo derivacional: *clítico ergativo/anticausativo*

Matos (2003:841) afirma que o clítico exibe uma forma idêntica à dos pronomes anafóricos reflexos. A designação de ergativo ou anticausativo advém do facto de a sua ocorrência inibir a presença do argumento externo do verbo a que se associa, argumento externo esse que deteria normalmente as relações temáticas de causador ou de agente. A sua função é fundamentalmente a de destransitivizar o verbo principal a que se associa, comportando-se deste modo como um sufixo derivacional anticausativo, conforme os exemplos a seguir:

- (32) (a) O condutor elétrico cortou-se.
- (b) O fogo cortou o condutor elétrico.
- (c) *O fogo cortou-se o condutor elétrico.
- (c) A vitória da equipa acalmou-me.
- (d) Eu acalmei-me / Nós acalmámo-nos.
- (e) *Eu acalmei / Nós acalmámos.

Embora as propriedades referidas anteriormente sejam aproximadas do se-apassivante, o clítico ergativo difere do primeiro por não apresentar valor argumental. Assim sendo, pode co-ocorrer com um adjunto explicitando a causa externa denotado pelo verbo, como em (33).

- (33) (a) O condutor elétrico cortou-se devido de fogo.
- (b) Eu acalmei-me por causa da / vitória da equipa.

1.3.5. Clítico sem conteúdo semântico ou morfossintático: *clítico inerente*

Designam-se como casos de clítico inerente as formas do pronome reflexo que não estão associadas a qualquer posição argumental ou de adjunto e em que o clítico não pode ser interpretado como uma partícula destransitivizadora, conforme os exemplos (34).

- (34) (a) A Fernanda apaixonou-se por um ateu.
- (b) Rio-me às gargalhadas das graças desse cómico. Matos (2003:843)

O clítico inerente não afeta a estrutura argumental do predicador verbal, não pode ser redobrado e, consoante os verbos, ocorre opcional ou obrigatoriamente, como se vê em (35).

(35) (a) *A Maria apaixonou-se a si própria/por si própria por aquele encantador.

(b) *Tu zangas-te a ti própria/ por mim própria sem saber porquê.

1.4. Padrões de colocação dos clíticos pronominais

Mateus *et al.* (1983:497) explica que, a ORDEM DE PALAVRAS é determinada no português, pela função sintática dos constituintes, em interação com fatores de natureza sintático-semântica e pragmática.

De acordo com Said Ali (1966:198), COLOCAÇÃO ou ORDEM é a maneira de dispor os termos da oração e os grupos de palavras que formam esses termos. A colocação habitual não se explica satisfatoriamente pela sequência lógica de ideias, porque, sendo esta a mesma por toda a parte, varia, entretanto, a colocação de um idioma para outro.

Segundo Duarte (2003:847), apesar da diversidade referida anteriormente os pronomes clíticos têm um comportamento uniforme quanto aos padrões de colocação; todos eles exigem um hospedeiro verbal, o que se traduz num requisito de adjacência entre o pronome clítico e uma forma verbal, finita ou não finita, contrariamente ao que acontecia no português antigo e mesmo no português clássico, onde os casos de interpolação de constituintes eram frequentes.

Os mesmos autores afirmam que a variedade europeia do português moderno respeita uma generalização sobre colocação de formas clíticas conhecida como *Lei de Tobler-Moussafia*, formulada do segundo modo: as formas clíticas não podem ocupar a posição inicial absoluta de frase. Esta generalização não é válida para outras línguas românicas, nem para o português brasileiro, como se nos seguintes exemplos:

(36) (a) **Lhe dá pão.*

(b) *Se comportando deste maneira, não me verás mais em sua casa.

(c) *Me conta essa história direitinho. (Mateus et al. 2003:849)

Atualmente, no português moderno, os clíticos pronominais surgem sempre numa posição vizinha quer seja à direita, quer seja à esquerda do verbo e estas posições são nomeadas por enclítica, proclítica e mesoclítica, esta última está já em retrocesso. Mateus *et al.* (2003:865) considera que na variedade europeia sobrevivem traços de uma gramática antiga que está claramente em desaparecimento, e que compreende a colocação alternativa à ênclise nas formas do futuro e de condicional exigida no português europeu, denominada *mesóclise*, como se vê em (37).

(37) (a) Os serviços avisá-lo-ão da data da prova.

(b) Se me fizesse essa pergunta, recusar-me-ia a responder.

O Português europeu assinala três padrões de colocação para os clíticos pronominais:

(i) *Enclítico*, com o clítico em posição pós-verbal... verbo (v)+clítico (cl)...;

(38) (a) O Mateus deixou-o na escola.

(b) O Albertinho deu-lhe a esferográfica.

(ii) *Proclítico*, com o clítico em posição pré-verbal...clítico (cl)+verbo(v)...;

(iii) (39) (a) Não o deixou na escola.

(b) Não lhe deu a esferográfica.

(iv) *Mesoclítico*, com o clítico em posição intraverbal

(40) (a) O Albertinho ter-lhe-ia dado uma esferográfica.

(b) A mãe tê-la-ia visto se chegasse cedo da escola.

Sob esta perspetiva, Martins (2013:2235) sustenta ainda que, quando numa mesma oração ocorre mais do que um pronome pessoal complemento, estes formam um grupo clítico, que se caracteriza pela inseparabilidade dos elementos

que o constituem. Assim, a uma frase *vou devolver já o livro ao António* corresponde *vou já devolver-lho*, em que os dois clíticos, *lhe* (dativo) e o (acusativo) formam o grupo *lho*.

Os pronomes clíticos *o/a/os/as* assumem as formas *lo/la/los/las* quando a forma verbal termina em */s/* ou */r/*, dando-se simultaneamente o desaparecimento destes elementos e o clítico apresenta-se como *no/na/nos/nas*, quando a forma verbal termina em nasal. Estas alterações não se registam na língua padrão quando o verbo é seguido de artigos definido ou preposições, conforme os exemplos.

(41) Tu comes; eu como-*o*, tu come-*lo* podes comê-*lo*; eles comem-*no*.
(Matos: 2003:831)

(42) Damos; damo-*nos*. (Matos: 2003:831)

1.4.1. Posição enclítica (...V+CL...)

Esta é a posição básica do português moderno, não marcada, sendo a posição proclítica induzida por fatores de natureza sintático-semântica ou prosódica. A ênclise é utilizada quer nas formas verbais simples, quer nas formas verbais complexas. Este padrão obtém-se também em frases finitas de todos os tipos, contrariamente ao que acontece em outras línguas românicas de sujeito nulo, segundo os exemplos.

(43) (a) O pai ofereceu-*me* o computador. (frase declarativa)

(b) O pai ofereceu-*te* o computador? (frase interrogativa)

(c) Ofereceu-*te* o computador! (frase exclamativa)

(d) Oferecesses-*me* o computador e eu teria feito todo o trabalho. (frase optativa)

(e) Ofereça-*me* o computador! (frase imperativa)

1.4.1.1. Forma verbal simples

No português moderno, o pronome clítico ocorre na posição enclítica em frases declarativas afirmativas, nas interrogativas globais, em frases coordenadas

e subordinadas, obtém-se este padrão na ausência de atratores de próclise que c-comandem o clítico no mesmo sintagma entoacional, como se vê os exemplos:

(44) (a) O Manuel viu-*o* na escola.

(b) A mãe chateou-*se* com a filha e deixou-*a* ficar em casa.

(c) O Muachiânvua prometeu à Maria levá-*la* a Luanda.

(d) Ofereci-*lhe* o relógio de prata?

1.4.1.2. Sequências verbais

Mapasse (2005) entende que, tal como as restantes línguas românicas de sujeito nulo, o PE admite subida de clítico, que consiste na seleção para hospedeiro verbal de um verbo do qual o clítico pronominal não é dependente. A autora afirma que, em sequências verbais, na ausência de um elemento proclisador, a subida de clítico é obrigatória com padrão enclítico:

(i) Nos tempos compostos e nas passivas de ser

(45) (a) A Sofia tem-*no* maltratado sempre.

(b) * A Sofia tem maltratado-*a* sempre.

(46) (a) O livro foi-*lhe* dado pelo professor.

(b) *O livro foi dado-*lhe* pelo professor.

As orações participiais não podem conter pronomes clíticos, contrastando com as orações gerundivas.

(47) (a) *Observada-*a*, o médico decidiu atuar rapidamente. (Martins: 2013:2293)

(b) Observando-*a*, o médico decidiu atuar rapidamente. (Martins: 2013:2293)

(ii) Com auxiliares que selecionam formas gerundivas

(48) (a) O Manuel ia-*se* esquecendo das chaves de casa.

(b) *O Manuel ia esquecendo-*se* das chaves de casa.

(iii) Em construções de reestruturação, com verbos de controlo e com semiauxiliares modais / temporais / aspectuais.

(49) (a) Querem-se saber os resultados dos testes ainda esta semana.
(Mateus at. ali 2003:646)

(b) Tencionam-se usar todos os recursos disponíveis neste projeto.
(Mateus at. ali 2003:646)

(50) (a) Os alunos devem-*lhe* entregar o trabalho amanhã. (Mateus at. ali 2003:646)

(b) Os organizadores podem-*nas* convidar para o congresso. (Mateus at. ali 2003:646)

(51) (a) O Elísio vai-*lhe* contar uma história amanhã.

(b) O Elísio está-*lhe* a contar uma história.

Quando o verbo principal da sequência verbal está no infinitivo e a frase apresenta um elemento tipo operador em posição pré-verbal, o clítico pronominal pode preceder o verbo modal / aspetual ou ocorrer à direita da forma infinitiva, conforme a reestruturação tenha ou não operado.

(52) (a) O Manuel não *a* deve ver tão cedo.

(b) O Manuel não deve vê-*la* tão cedo.

Em sequências verbais encabeçadas por verbos semiauxiliares aspectuais que seleccionam uma preposição distinta de *a*, a subida de clítico ou pode não operar ou pode produzir resultados marginais

(53) (a) Estava para comprá-*lo* / para o comprar.

(b) *Estava-*o* para comprar.

(c) Acabei de comprá-*lo*.

(d)? /*Acabei-*o* de comprar.

1.4.2. Posição mesoclítica

Os pronomes clíticos ocorrem em posição mesoclítica nas formas verbais do futuro e condicional, nas condições em que não se aconselha a ênclise.

(54) (a) Eu amar-*te-ei* até que a morte nos separe.

(b) Eu amar-*te-ia* se me obedecesses.

Como já se disse anteriormente, a mesóclise em português moderno é sobrevivência de uma gramática antiga e está claramente em desaparecimento.

Contudo, não obstante as razões acima apontadas, Mateus et al. (2003) esclarece que este padrão de colocação tem a sua origem na gramática do português antigo, em que as formas do futuro e do condicional eram ainda analisadas como formas analíticas constituídas pela forma infinitiva do verbo principal e pelo auxiliar *haver* no presente e no imperfeito do indicativo. Por exemplo, *escrever-te-ei*, provém de *escrever te hei*; *dir-me-ás* de *dir me hás*. As mesmas autoras explicam que este padrão, ou seja, a mesóclise, está claramente em desaparecimento relativamente a gramática do PE moderno, e que os falantes de variedades populares e, em geral, mais novas revelam que a ênclise está invadir os contextos de mesóclise, como se vê nos exemplos (55). Tendo em conta esta desadequação, entendemos que as regras precisam ser estudadas segundo o padrão do português moderno.

(55) (a) Telefonarei-te mais vezes. (12^oanos, 6^o ano de escolaridade)

(b) Na conjuntura sócio económica, poderá-se verificar um saldo bastante positivo. (prova específica de acesso ao ensino superior, modo escrito)

Na perspetiva do Martins (2013:2241), embora a mesóclise ocorra no futuro e no condicional, como (56) mostram que, só por si, as formas verbais em causa não induzem a mesóclise. A autora explica que, nas frases negativas, por exemplo, ocorre obrigatoriamente a próclise, independentemente dos traços do tempo e aspeto da forma verbal.

(56) (a) Não se *lhes* levaria a mal por isso, tinham desculpa.

(b) E o fogo não *lhe* queimará a barriga?

1.4.3. Posição proclítica

Na perspectiva do Duarte (1983), citado por Semedo (1996:21), a ordem CL+V é o resultado das regras sintáticas de elevação da negação e elevação dos quantificadores, atuando no nível da forma lógica, que deslocam o clítico para uma posição antes do verbo.

Nesta senda, Said Ali (1966:204) comenta que certas causas de ordem fonética podem, entretanto, determinar o deslocamento das referidas formas pronominais para antes do verbo. Tomando o verbo como termo aferidor, costuma-se então dizer que o *me*, *te*, *se*, etc. passaram a pronomes proclíticos.

Frota e Vigário (1996), citados por Matos (2003:853), caracterizam os atratores de próclise como palavras funcionais pesadas e sugeriram que os enclíticos passam a proclíticos na presença de palavras funcionais pesadas que c-comandem e precedem o clítico no mesmo sintagma entoacional (SEnt), como se confirma no exemplo a seguir:

(57) (a) Acho que [ao João, a Maria ofereceu-lhe um livro. (Duarte: 2003:853)

(b) Acho [que ao João, a Maria lhe ofereceu um livro. (Duarte: 2003:853)

Em seguida, ilustram-se as condições que impõem a posição proclítica CL+V, nas formas verbais simples e na forma verbal complexa.

1.4.3.1. Forma verbal simples

(i) Ocorre a próclise em operadores de negação e sintagma negativos

(58) (a) A Maria não/ nunca *lhe* disse nada.

(b) Ninguém *me* pediu para viajar.

(ii) Ocorre a próclise em sintagmas-Q interrogativos, relativos e exclamativos.

(59) (a) Quem *te* disse que a mãe foi ao trabalho?

(b) Que linda casa (que) *lhe* ofereceste!

(c) A pessoa a quem *me* apresentaste na universidade trabalha é ateu.

(iii) Os quantificadores na posição de sujeito, não se comportam homogeneamente como gatilhos de próclise, mas em:

- Quantificadores distributivos e grupais como *todos*, *ambos* e *qualquer* induzem próclise, contrariamente a *cada-* que a admite, mas não exige.

(60) (a) Todos os meus filhos *me* telefonaram.

(b) *Todos os meus filhos telefonaram-*me*.

(c) Cada filho deu-*lhe* um abraço.

(d) Cada filho *lhe* deu um abraço.

- Os quantificadores numerais, partitivos e de contagem não são proclisadores.

(61) (a) Três filhos / três dos filhos deram-me beijo.

(b) *Três filhos me deram beijo / *três dos filhos me deram beijo.

- Quantificadores indefinidos e existencial como *um* e *algum* – não são proclisadores, enquanto *alguém* e *algo* são proclisadores.

(62) (a) Uma pessoa / um enganou-*nos*.

(b) Alguns alunos queixaram-*no*.

(c) *Uma pessoa / um *nos* enganou.

(d) *Alguns alunos o queixaram.

(63) (a) Alguém / algo *nos* enganou.

(b) *Alguém / algo enganou-*nos*.

- Quantificadores generalizados como: *bastantes* e *pouco* – induzem a próclise, contrariamente a *muitos*, que a admite, mas não a exige.

(64) (a) Poucas pessoas / poucos *se* enganam neste trabalho.

(b) Muitas pessoas / muitos enganam-*se* neste trabalho.

(c) * Poucas pessoais / poucos enganam-*se* neste trabalho.

(d)? Muitas pessoais / muitos *se* enganam neste trabalho.

(iv) Os complementadores simples e complexos selecionados por uma preposição ou advérbio ou que resultam de reanálise são igualmente palavras funcionais indutoras de próclise.

(65) (a) Sei que a Maria *a* viu ontem na igreja.

(b) Perguntaram ao pai se a mãe *lhe* deu a bíblia.

(c) O Rodriguês pediu à mãe para *lhe* telefonar às 12h00.

(d) Diga a Zaida logo que / mal *a* vejas.

(e) Embora *se* viajasse tarde, a Maria ainda esteve em casa.

(f) Visto que / porque *se* fez presente tarde no serviço, o Miguel não foi escolhido para o concurso de olimpíadas de Matemática.

(v) Incluem-se entre os proclisadores, os advérbios de focalização, de referência predicativa, confirmativos, de atitude proposicional e aspetual e as expressões adverbiais, e não há pausa que os separe:

(66) (a) Só / apenas o Mateus *as* viu.

(b) *Só / apenas o Mateus viu-*as*.

(c) O Junilson também *me* saudou.

(d) *O Junilson também saudou-*me*.

(e) O Muachiânvua sempre *te* convidou para a igreja.

(f) *O Muachiânvua sempre convidou-*te* para a igreja.

(g) Talvez / oxalá ela *lhe* diga a verdade.

(h) *Talvez / oxalá ela diga-*lhe* a verdade.

(i) O José já / ainda *se* lembra da guerra de 1975.

(j) *O José já / ainda lembra-*se* da guerra de 1975.

(k) Só depois *se* senta no chão a chorar. (Cunha: 2014:395)

(l) Nas pernas *me* fiava eu. (Cunha: 2014:395)

(vi) Inclui-se como proclisadores, um conjunto de conjunções coordenativas. Trata-se de conjunções correlativas com um elemento de polaridade negativa (não só..., mas / como também, nem...nem) e de conjunções correlativas disjuntivas (ou...ou, ora ... ora, quer... quer, seja... seja).

(67) (a) Nem a Madalena o insultou, nem o Albertinho *lhe* bateu.

(b) Quer *te* agrade, quer não *te* agrade, vou à igreja.

(c) *Nem a Madalena insultou-o, nem o Albertinho *lhe* bateu.

(d) *Quer agrade-*te*, quer não agrade-*te*, vou à igreja.

(vii) Em construções apresentativas iniciadas por um constituinte ligado discursivamente e em que o sujeito tem o estatuto de foco informacional, o padrão exigido é a próclise.

(68) (a) Aqui se assinou o memorando de entendimento para a paz em Angola.

(b) *Aqui assinou-se o memorando de entendimento para a paz em Angola.

1.4.3.2. Sequências verbais

Como já se disse, a posição proclítica é motivada pela presença de certos atratores e/ou proclisadores. Assim, o português europeu exige a subida de clítico, como se pode observar nos seguintes contextos:

(i) Com tempos compostos e em passivas de *ser*, os pronomes clíticos posicionam-se à esquerda do verbo auxiliar, se existir um atrator.

(69) (a) A Idália não *a* tem visto.

(b) Até *a* Cristina *a* tem procurado frequentemente.

(70) (a) Nada *lhe* foi entregue no dia do seu aniversário.

(b) Quando *lhe* dito que devia viajar de avião?

(ii) O clítico ocorre a proclítica, com verbos auxiliares que selecionam formas gerundivas negativas e nas orações gerundivas introduzidas pela preposição *em*.

(71) O Leonardo não se ia esquecendo do dinheiro.

(72) *O Leonardo não ia esquecendo-se do dinheiro.

(73) Em *lhe* cheirando a homem chulo é com ele. (Cunha: 2014:394)

(iii) O clítico fica na posição proclítica, com verbos de controlo, semiauxiliares modais/ temporais/aspetuais, em verbos que admitem a construção de reestruturação, desde que haja um proclisador que antepõe ao verbo mais alto.

(74) (a) A Cláudia não a vai convidar para festa.

(b) O Chalana não *lhe* entregar a gramática do português moderno.

(c) A Mónica não a estava a ver mais em casa.

(iv) Mapasse (2005) percebe que em sequências verbais com verbos semiauxiliares aspetuais que selecionam complementos infinitivos introduzidos por preposições, distintas de *a* e *de*, que não admitem reestruturação na presença de um proclisador no domínio superior, não pode ocorrer a subida de clítico, ocorrendo o clítico em próclise à forma infinitiva.

(75) (a) O José não *lhe* está a ensinar inglês.

(76) (b)? O José não *lhe* deixou de falar.

(c) O José não deixou de *lhe* falar.

(77) (a) * O José não se acabou por esquecer da festa.

(b) O José não acabou por se esquecer da festa.

SÍNTESE DO PRIMEIRO CAPÍTULO

Neste capítulo, buscamos debater vários conceitos de pronomes e suas tipologias e procuramos expor a distinção de pronomes substantivos e pronomes adjetivos; em prossecução destes conceitos, esclarecemos que os pronomes desempenham a função de substantivo porque podem representar um substantivo. Designam-se pronomes adjetivos os que modificam o substantivo. Paralelamente salientamos que pronome substitui um nome ou uma expressão inerente ao passo que o determinante sempre é anteposto a um nome.

Referimo-nos aos pronomes pessoais, diferenciando-os em pronomes fortes e fracos, formas acusativas e dativas e exemplificamos a noção de pronomes clíticos e as suas tipologias.

Explicámos que, fonologicamente, os pronomes fortes têm acento próprio, os fracos (átonos) cliticizam-se ao verbo. Já as formas acusativas (*me, se, te, o, a, nos, vos, os, as*) desempenham a função sintática de objeto direto; as formas dativo (*me, te, lhe, vos, lhes*) desempenham a função de objeto indireto. E elucidamos mais que os pronomes fortes correspondem a pronomes livres e afixos e têm uma natureza demonstrativa enquanto que os pronomes fracos (clíticos átonos ou clíticos especiais) são referencialmente dependentes.

Entre as várias definições dadas por vários autores sobre os pronomes clíticos destacámos as formas átonas de pronome pessoal sem acento próprio e dependentes de um hospedeiro verbal, pelo que pode ser enclítico, mesoclítico ou proclítico.

Deixámos claro que existem, em português e em outras línguas românicas, diferentes tipos de pronomes clíticos nomeadamente: (i) *clíticos com conteúdos argumental*, os quais, classificados em clíticos argumentais de referência definida, são caracterizados como argumentais e ocorrem associados às posições de objeto direto e indireto e em ligações de orações assim como admitem o redobro de clítico; clítico argumentais de referência arbitrária: o *se* passivo, o qual serve para a indeterminação do sujeito. (ii) *Clítico argumental proposicional ou predicativo*, realçando o clítico demonstrativo, o qual corresponde ao demonstrativo *isso* e seleciona frases por objeto direto. (iii) *clíticos quase argumentais*, que estão agrupados em *se passivo*, utilizado como agente da passiva e os dativos éticos de posse ocorre em frases exortativas. (iv) *Clítico com comportamento de afixo derivacional: clítico ergativo/ anticausativo*; este clítico não apresenta valor argumental externo, tem por função destransitivizar o verbo principal a que está associado. (v) *Clítico sem conteúdo semântico ou morfossintático: clítico inerente*; este clítico por não desempenhar a função de destransitivizadora do verbo, denota as formas do pronome reflexo que estão associados a qualquer posição argumental ou de adjunto.

Relativamente aos padrões de colocação dos pronomes clíticos, segundo a norma do português europeu, a ênclise é considerada como a colocação básica; já a próclise é motivada pela presença de palavras atractoras, atraindo assim o pronome clítico para antes da forma verbal. Dissemos que a mesóclise já é uma marca em decadência apesar de nas gramáticas portuguesas existirem normas do português antigo. No entanto, os seus falantes não as utilizam pelo que tem sido substituída pela ênclise. Nesta perspetiva é uma obrigação do ensino destas regra.

CAPÍTULO II

Para o presente capítulo, buscamos fazer uma breve revisão da literatura ou a revisão bibliográfica de estudos feitos por alguns autores relativamente aos pronomes clíticos no português europeu, português brasileiro e português angolano. Esta revisão permitir-nos-á compreender que estudos foram realizados em Angola, em Portugal e em Brasil de um tempo a esta parte e quais os resultados obtidos.

2.1. Português Europeu e os estudos realizados

Vários são os estudos que têm sido realizados por investigadores sobre os pronomes clíticos, entre os quais podemos realçar os estudos feitos por Martins (1994) e (2016), Matos (2003), Marquilhas (2013), entre outros; todas estas investigadoras nos estudos feitos, consideram a ênclise como padrão básico de colocação dos pronomes clíticos no português europeu. À guisa de exemplo, Martins (2002), citado por Marquilhas (2013:35), refere que, entre os sécs. XIII e XVI, os pronomes clíticos podiam ocorrer tanto depois do verbo como antes do verbo, conforme os exemplos (78) e (79). Segundo a mesma autora, ainda no sec. XIII, a variação pendia a favor da ênclise, mas a próclise foi-se tornando frequente, para ser quase categórica durante o sec. XVI, com uma exceção: em início absoluto de frase, mantinha-se sempre a ênclise, como se vê no exemplo (80)

(78) (a) E a donzela foi-se e deo agoa à rainha. (*Primeiro livro de linhagem, sec. XIII*)

(b) E donzela foi-se e deu água à rainha.)

(79) (a) E a aguia faze-o assy. (*Fabulário, séc. XV*)

(b) (E a águia fê-lo assim.)

(80) (a) Estas se costumão fazer nos navios, para proveyto, & lhe fermosura. Dão-lhes parecer, & majestade. (*livro da fábrica das Naos, séc. XVI*)

(b) Estas costumam-se fazer nos navios para proveito e formosura. Dão-lhes parecer [bom parecer] e majestade.

A mesma autora mostra que, nos secs. XVII e XVIII, a próclise sempre existiu e sempre foi obrigatória em certos contextos: em orações subordinadas, nas frases independentes, orações principais de frases complexas com itens negativos, com o advérbio a anteceder o verbo, conforme os exemplos (81)

(81) *ele deu-lhe um beijo vs ele disse que lhe dava um beijo, ele nem lhe deu um beijo, ele já lhe deu um beijo.*

Martins (1994), citado por Duarte (2003), no *corpus* por ela estudado, mostra que, no século XVI, o português apresentava o padrão proclítico, à semelhança do que acontecia nas restantes línguas românicas. Mas, já no século XVII, as percentagens de próclise e de ênclise inverte-se bruscamente. Esta inversão brusca dos padrões proclítico e enclítico pode ser atribuída a uma mudança na gramática do português ocorrida em meados do séc. XVIII. Ainda a mesma autora mostra que, no séc. XVIII as primeiras produções das crianças portuguesas apresentavam em comum o padrão enclítico, situação diferente para outras línguas românicas, conforme o exemplo (82). A geração mais jovem tende a produzir crescentemente clíticos enclíticos, em contextos em que a variedade padrão exige a próclise conforme o exemplo (83)

(82)(a) não chama-se nada (M., 20 meses)

(b) é que não estragou-se (J. G., 39 meses)

(c) foi alguém que meteu-me nesta fotografia (J. G., 39 meses)

(83) (a) porque é que foste-me interromper? (R., 29 meses)

Martins (2016), justificando a estabilidade e mudança, quanto a aspetos diacrónicos da colocação dos pronomes clíticos, mostra que o português do século XIII e XVI não é muito diferente do português contemporâneo quanto à distribuição da próclise e ênclise, exemplificando com fragmentos da *Crónica Geral de Espanha de 1344* de Cintra (1990), citado por Martins (2016:14). A

autora indica que continuava a verificar-se a próclise em frases negativas (e.g. *Nõ vos está bem*), em orações subordinadas (e.g. *E elles disserom que lho tiinham em grande mercee*) e nas frases afirmativas em que precedem o verbo os mesmos itens que são desencandadores de próclise no português europeu contemporâneo (e.g. *ainda vos êvya h~ua tenda; ambos vos acordadaredes no melhor; E assi vos vingaredes*) defende que, fora destes casos, é a ênclise que ocorre maioritariamente nas frases finitas, embora a próclise seja também possível (e.g. *E dom Alvaro Fernadez lhe disse*).

Na mesma perspetiva, a autora mostra que com a estabilização da ênclise com verbo finito, aconteceram mudanças de variação ênclise/próclise, mas a frequência da próclise relativamente à ênclise vai crescendo gradualmente até a próclise se tornar fortemente dominante no séc. XVI. Segundo os estudos da autora, no período medieval aconteceu a expansão da próclise que, depois do século XIII, começa a aparecer em contexto sintático que antes a excluía; a partir do século XIV, um pronome proclítico pode ocorrer na posição inicial de orações coordenadas introduzidas pela conjunção *e*, conforme exemplo (84). No século XV, um pronome proclítico pode ocupar a posição inicial de oração principal de uma frase complexa com subordinada anteposta, como se vê no exemplo (85). Por fim, já no século XVI, um pronome proclítico pode estar adjacente ao constituinte topicalizado numa estrutura de deslocação à esquerda clítica, ocupando a primeira posição não periférica da frase, segundo exemplo (86) do séc. XII até hoje, mantêm-se estável nos contextos a próclise obrigatória.

(84) o Cide *lhes* fez muyta honrra e *lhes* deu grandes doas em ouro e prata e cavallos e outras cousas (Crónica Geral de Espanha de 1344; Miranda 2013,229,228)

(85) e quando entendeo outra vez de mover esta guerra, *lhe* escreveo que fallasse com o duque e com seu irmão (Fernão Lopes, Crónica de D. Fernando; Macchi 1975, 418, 427)

(86) aos que imda lá sam, *lhe* tenho dado seguros e *lhe* mando agora notificar ho voso perdam (Cartas de Afonso de Albuquerque; Pato 1884, 94, 99)

Matos (2003) mostra que a mesóclise é um padrão de colocação que teve sua origem no português antigo, em que as formas de futuro e condicional eram formas analíticas, constituídas pela forma infinitiva do verbo principal e pelo auxiliar *haver* no presente e no imperfeito do indicativo, conforme exemplo (87). Para a mesma autora, o estudo feito com produções de alguns falantes de variedade portuguesa popular, das gerações mais novas, no português europeu, os dados revelam que há variação livre entre ênclise e mesóclise e que a ênclise está a invadir os contextos da mesóclise, conforme os exemplos (88)

(87) (a) E enton dar-lhe ía Deus lumes de seus olhos (*Mattos e Silva, 1989 apud Martins, 1994:158*)

(b) e partir-m ía de vos querer bem (*Ogando, 1980:262, apud Martins, 1994:159*)

(88) (a)? Telefonarei-*te* mais vezes. (*12 anos, 6.º ano de escolaridade, modo escrito*)

(b)? Na conjuntura socioeconómica, poderá-se verificar um saldo bastante positivo (*prova escrita de acesso ao ensino superior, modo escrito*)

Martins (1994) mostra que, em textos estudados por diversos autores, no século VIII a XVI, as orações que contêm um operador de negação predicativa apresentam invariavelmente o pronome complemento átono colocado antes do verbo e que esta situação é idêntica no Português atual concluindo que a anteposição do clítico ao verbo em orações não dependentes negativas é uma constante em todas as épocas, como se vê em (89)

(89)(a) e no britando a porta da Claustra e nos ñõ conoscêdo ne ñõ conocemos por nosso herdeyro (No, 1279)

(b) e ñõ lhy fazer o Moesteiro pela carreira mais dano do que lhy ante f[azia] (No, 1308)

2.2. Português Brasileiro e os estudos realizados

O estudo dos pronomes clíticos tem sido objeto de investigação por muitos linguistas brasileiros quer na perspectiva diacrónica quanto na sincrónica. Desde Mattoso Câmara, em 1957, os pronomes clíticos vem ganhando a atenção dos linguistas que apontam para variação neste sistema pronominal.

No estudo diacrónico do comportamento dos clíticos pronominais, feito por Pagotto (1992), verifica-se que no PB generaliza a próclise em todas as situações, e que isto aumenta as diferenças em relação a PE, no qual ocorre a próclise segundo as regras já referidas no capítulo I.

Outros estudos parecem mostrar que, relativamente ao subsistema dos clíticos, a mudança no PB abrange dois sistemas: a sua posição mudou (Ciryno 1983; Pagotto, 1992) e houve uma queda drástica na sua frequência de ocorrência (Tarall 1983; Ciryno 1990). Essas situações relacionadas com a mudança de posição mostrado por Ciryno (1990) são retomados neste trabalho a partir da dissertação de Mapasse (2005). Este autor, a partir do dum *corpus* de 200 dados para cada metade dos séculos XVII, XIX e XX, observou a distribuição dos clíticos pronominais em PB quanto à sua colocação, e chegou às seguintes conclusões:

- (i) Quanto à próclise, o clítico pronominal, no século XVIII, podia ocorrer com verbo principal, proclítico ou enclítico com verbo auxiliar, ou seja, o clítico era móvel. No século XX, encontra-se sempre proclítico ao verbo principal em formas verbais complexas.
- (ii) Quanto à ênclise, o clítico pronominal, no século XVIII, ocorria com imperativo afirmativo, infinitivo impessoal e com gerúndio. No século XX, encontra-se restrito ao pronome *o*, acusativo quando há um infinitivo.
- (iii) De forma geral, nota-se um aumento no uso da posição proclítica, mesmo nos contextos julgados agramaticais para o PE, ou seja, no imperativo afirmativo e na posição inicial absoluta da frase.

O estudo de Kato e Martins (2016), citado por Martins (2016), mostra que o Português brasileiro falado quer com formas finitas quer com formas não finitas do verbo, incluindo o infinitivo, gerúndio e o particípio passado, apresenta próclise generalizada com o clítico a posicionar-se antes do verbo de que é complemento, conforme os exemplos:

(90)

- | | |
|---|--------------------------------|
| (a) O chefe <i>me</i> despediu. | Próclise ao verbo finito |
| (b) <i>Me</i> dá um beijo. | Próclise ao imperativo |
| (c) Você não pode <i>me</i> despedir. | Próclise ao infinitivo |
| (d) Ele está sempre <i>me</i> provocando. | Próclise ao gerúndio |
| (e) Você não tinha ainda <i>me</i> contado. | Próclise ao particípio passado |

No mesmo sentido, (Cunha 2014:400) mostra que a colocação dos pronomes no Brasil, principalmente no colóquio normal, difere da atual colocação portuguesa e encontra-se em alguns similares na língua medieval e clássica. O autor explica que as características do português do Brasil e do português falado nas Repúblicas africanas, são semelhantes, quanto à possibilidade de se iniciarem frases com pronomes, especialmente com a forma *me*, como se vê nas frases (91). A preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavras que exigem ou aconselhem tal colocação, como se pode ver nas frases (92) e a próclise ocorre ao verbo principal em locuções verbais como se vê em (93):

(91) **Me desculpe** se falei demais.

(92) Se vossa reverendíssima me permite, **eu me sento** na rede.

(93) Não, não sabes e **não posso te dizer** mais, já não me ouves.

Nesta perspectiva, Matos (2003:849), mostra que a variedade brasileira não obedece à Lei de *Toblei-Moussafia*, segundo a qual as formas clíticas não podem ocupar a posição inicial absoluta de frase. Neste âmbito, a agramaticalidade das frases (94) no PE é aceite no português Brasileiro.

(94) (a) *Lhe* canta os parabéns!

(b) Se comportando deste modo, ela não consegue ter amigos.

O estudo feito por Mattos e Silva (2013) mostra que em PB a posição mais comum dos pronomes clíticos é a próclise incluindo o caso das orações simples em que o PE tem ênclise, como se pode ver em (95). As mesmas autoras afirmam também que no PB existe ainda uma aceitação generalizada dos clíticos na primeira posição da oração, exceto no caso dos acusativos *o(s)* e *a(s)*; estes com rara recorrência na fala, encontram-se, contudo, em posição enclítica ao infinitivo, como na variedade europeia, conforme os exemplos (96)

(95) Eu *te* vi ontem (PB) vs. Eu vi-*te* ontem (PE)

(96) (a) *Te/lhe* disse que ia chover!

(b) *Me* passa esse livro.

(c) **O* vi no cinema.

(d) Vamos vê-*lo* amanhã.

Quanto ao pronome *lhe*, as mesmas autoras realçam que no PB é notório a perda da sua função dativo e o seu uso frequente, em certas variantes, como acusativo na segunda pessoa, correlacionado com o pronome *você*, como se no exemplo (97)

(97) Você gosta mesmo de golfe! Eu *lhe* vejo sempre no clube.

PE: Eu vejo-o sempre no clube.

Do estudo feito por muitos linguistas, no PB, a próclise é a posição predominante sobretudo na linguagem oral, mas a ênclise tem sido aplicada no registo escrito.

2.3. Português Angolano e os estudos realizados

No português angolano, existem alguns estudos referentes aos clíticos pronominais, destacando-se os estudos de Inverno (2005), Miguel (2003), Nzau (2011), Undolo (2014), entre outros. Destes estudos feitos sobre o uso dos pronomes clíticos em Angola os *corpus* usados por cada autor são aqui

elucidados; o *corpus* usado por Inverno (2005), tendo como exemplo, um *corpus* oral semi-espontâneo recolhido no Dundo, província da Lunda-Norte, através de trinta entrevistas informais, visou adquirir uma visão geral das características linguísticas do PVA (português vernáculo de Angola), pelo que o critério subjacente à escolha foi essencialmente o facto de serem falantes de português língua segunda, uns com um grau médio de escolarização outros têm pouca ou nenhuma escolarização. O *corpus usado* por Undolo (2014) restringiu-se a dados de escrita produzida em contexto formal de comunicação por alunos de distintos níveis de ensino: básico, médio e superior. Em Miguel (2003), a correção ou desvios no emprego dos clíticos foram comentados a partir dos corpora do português oral e escrito em Luanda. As amostras orais foram recolhidas em conversas informais, incidiram sobre pessoas de todos escalões sociais e, sempre que possível, anotava-se o nível etário e a instrução do falante. Ainda no domínio oral, o corpus, integra gravações, produções improvisadas de locutores de rádio ou de televisão e de entidades oficiais. Quanto às fontes escritas, foram realizadas pesquisas na imprensa nomeadamente, «Jornal de Angola», a recolha cingiu-se a discursos dos jornalistas, as obras de escritores angolanos, nas quais as falas das personagens reproduzem a linguagem de populares.

O estudo de Inverno (2005), realizado no Dundo, Província da Lunda-Norte e na maior parte do interior de Angola, mostra que os pronomes clíticos do objeto direto (*o, a, os, as*) são muito raros no PVA (português vernáculo de Angola). Segundo a autora, estes são sistematicamente substituídos pelas formas pronominais de sujeito do PE (*eu, tu, eles, elas*) ou pela forma clítica do objeto indireto, conforme os exemplos (98) e (99)

(98) PVA: Deixa *ele* falar.

PE: Deixa-o falar.

(99) PVA: É uma sigla porque lemos-*lhe* letra por letra.

PE: É uma sigla porque *a* lemos letra por letra.

Das análises feitas, constatou que o PA diverge do PE também no que respeita à ordem de colocação dos pronomes na frase; as formas acentuadas de

objeto do PA seguem o padrão do PE, mas as formas clíticas de objeto direto e indireto em (100) e as formas reflexivas e as recíprocas em (101), divergem do padrão europeu pois surgem tipicamente antes do verbo.

(100) PVA: ... minha mãe e o meu pai *me* deu o nome o nome de JX...

PE: ... minha mãe e o meu pai deram-me o nome o nome de JX...

(101) PVA: Então, o alfaiate *se* pendurou ao tronco.

PE: Então, o alfaiate pendurou-se no tronco.

Nesta perspectiva, a autora esclarece que a influência de substrato parece ser, mais uma vez, a explicação mais plausível, pois a ordem de colocação dos pronomes no PVA é semelhante à atestada nas línguas bantu faladas em Angola, i.e., pronomes de objeto e pronomes reflexivos surgem sempre à esquerda do radical verbal.

Undolo (2014) mostra que, no conjunto dos seus informantes, o nível de domínio da função dos pronomes clíticos foi variável e concluiu que há uma tendência para aceitação do clítico não reflexo dativo da 3ª pessoa em detrimento do clítico não reflexo acusativo da mesma pessoa, conforme no exemplo (102); não há observância rigorosa dos atractores, como se vê em (103); não é usual a colocação alternativa à ênclise nas formas de futuro denominada mesóclise tal como no português moderno e estes pronomes ocorrem na posição proclítica, segundo o exemplo (104)

(102) PA: Apanharam-lhes?

PE: Apanharam-nos?

(103) PA: Alguém lhe viu? Alguém viu-o? Lhes conhecem?

PE: Alguém o viu? Alguém o viu? Conhecem-no?

(104) PA: Lhe oferecerão um computador portátil.

PE: Oferecer-lhe-ão um computador portátil. Oferecer-lho-ão.

O autor, fazendo uma analogia, explica que a generalização de dativo em detrimento de acusativo e a predominância da próclise em detrimento da mesóclise é a consequência do contato linguístico entre as línguas bantu e a Língua Portuguesa. Este autor ainda explica que nas línguas bantu não existe pronomes clíticos especiais e mostra que na língua Umbundu, por exemplo, os morfemas *ndi* e *ondi* (pré-verbais), quando traduzidos para LP, deverão corresponder ao clítico não reflexivo acusativo «*me*», conforme o exemplo:

(105)	1.a)	Mama	ka	ndi	sole		b)	Mama	ondi	sole
		↓	↓	↓	↓			↓	↓	↓
		Mãe	neg	me-acus	ama			Mãe	me-acus	ama
		“A mãe não me ama”						“A mãe me ama”		

Miguel (2003) mostra que, no estudo realizado em Luanda a partir de um *corpus* oral e escrito, a seleção do CD (*o, a, os, as*) é substituída pelo CI (*lhe, lhes*), conforme (106). Mostra igualmente que os pronomes reflexos e recíprocos aparecem neutralizados na forma da terceira pessoa “*se*” para todas as pessoas gramaticais, como se vê em (107). O autor explica que este uso pode ser justificado pela contaminação do substrato linguístico em que o emprego de uma única e mesma forma de pronome reflexo e recíproco é característica do kimbundu.

(106) PA: Eu, pelo menos, vi-lhe aqui. (professor bacharel)

PE: Eu, pelo menos, vi-os aqui.


(107) PA: Ando a lutar para mim se registrar... (jovem de 25 anos.)

PE: Ando a lutar para eu me registrar.

Nesta perspetiva, a autora esclarece que, quer os infixos objetivos de CD e CI quer os infixos reflexivos e recíprocos, em kimbundu, são sempre colocados depois das partículas formativas e imediatamente antes do radical verbal, conforme o exemplo (108) e (109)

(108) (a) Eye u-**ngi**-zola. Tu amas-**me**.

(109) (a) Eme ngi-**di**-sukula. Eu lavo-**me**.



(b) Etu tu-**di**-zola. Nós amamo-**nos**.



Gonçalves (2013), mostra que no PA, embora se registre uma grande instabilidade na colocação dos pronomes átonos, sobretudo na linguagem coloquial, os dados recolhidos sugerem que existe a tendência para adotar o padrão proclítico em frases em que não estão presentes atratores da próclise, como se vê em (110). Ainda assim, é adotado o padrão enclítico em orações subordinadas e em frases contendo um advérbio de negação, conforme em (111).

(110) PA: *te* vi no Roque (PE: *Vi-te no roque*)

(111) PA: O *que* surpreendeu-*nos* é que esta questão... (PE: *o que nos surpreendeu*)

Mingas (2000), no seu trabalho realizado em Luanda, incidiu sobre um *corpus* reunido junto de locutores (da região de Lwanda) e de escritores angolanos, de alguns números de “Jornal de Angola”, notou algumas interferências de origem kimbundu, que caracterizam o português desta província tendo analisado um fenómeno muito frequente de confusão entre pronome pessoal em função de complemento direto e em função de complemento indireto. Constatou que no Kimbundu, o pronome pessoal em função de complemento direto ou indireto é representado por um mesmo morfema. O locutor do kimbundu ao falar português não faz distinção entre /o/, /a/, pronome pessoal em função de complemento direto e, /lhe/, o mesmo tipo de pronome mas, desta feita, em função de complemento indireto, o qual pode aparecer amalgamando com os pronomes //o/, //a/, (complemento direto) em /- lho/ e/ou /- lha/, conforme os exemplos (112).

Exemplos do Kimbundu:

(112) (a) ngamumono kya

(b) ngamubane mahonjo

Nga- **mu**- mono/kya

nga – **mu** – bane/ ma – honjo

eu/**o**/ver + perfectivo/já

eu/**lhe**/ dar + perfectivo/ bananas

“eu já o vi”

“eu dei-lhe algumas bananas”

(c) o mundele yo, eye wondomwambata?

o mundele /yo/eye/u-ondo-**um**-ambata

branco/esse/tu/tu-futuro-**o**-levar

“esse branco aí, vais levá-lo?”

A autora, tendo como referência as construções indicadas acima, onde o pronome em função de complemento direto e/ou indireto apresenta a mesma estrutura formal, afirma que os angolanos utilizam a mesma construção.

A autora, neste mesmo trabalho feito em Luanda, constatou que na variante angolana, por interferência do mesmo tipo de construção do kimbundu, o pronome não é nunca enclítico como em português, mas proclítico, como se pode notar nos exemplos (113)

(113) (a) sô Paulo, **lhe** atropelaram na venida Brasil

em vez de:

sr. Paulo, atropelaram-**no** na Avenida Brasil

(b) você pensa que não **lhe** conheço?

em vez de: você pensa que não **o** conheço?

(c) foi ele que **lhe** levou no posto

em vez de: foi ele que **o** levou no posto

Este fenómeno de emprego de clítico com a função de complemento indireto em detrimento aos verbos que regem o complemento direto como se vê em (114) assim como o uso de próclise em contextos padrão de ênclise conforme em (115), tipicamente influenciadas pelo substrato linguístico, é recorrente igualmente no PM, (português de Moçambique), facto constatado por Moreno (2015) ao analisar

o uso de pronomes clíticos no romance *Niketché*. O autor explica que a seleção de clítico *lhe* por estes verbos pode eventualmente ser interpretada como uma forma de indicar que a ação verbal influencia uma entidade humana. Segundo o mesmo autor, a ocorrência do clítico *lhe/lhes* é também frequente com estes tipos de verbos no PB.

(114) PM: Vai e grita bem alto que a Lu tem um marido que *lhe* ama [...]

PE: ... que o ama [...]

(115) PM: Uma onda de ciúme *me* invade [...]

PE: Uma onda de ciúme invade-*me*.

Por as razões que foram expostas, Nzau (2011:68-69) defende que o “plano sintático é onde se evidenciam de forma intensiva, as principais marcas das línguas nacionais de origem africana, em virtude de muitos angolanos falantes da língua portuguesa terem como língua materna uma destas línguas”. Segundo o mesmo autor, tendo as línguas uma função identificadora, via através da qual um falante consegue exprimir melhor, o seu mundo, a sua alma, enfim toda a sua realidade envolvente, é natural que ao usarem o português façam transferência das estruturas e de esquemas da sua gramática intuitiva das línguas africanas para a gramática da língua portuguesa.

SÍNTESE DO SEGUNDO CAPÍTULO

Neste capítulo, abordamos os estudos feitos no português europeu destacando Martins (1994), (2016) Matos (2003), Marquilhas (2013), entre outros. Explicamos que todos os estudos feitos por estas autoras sobre a colocação de pronomes clíticos são unânimes em afirmarem que no português europeu predomina a posição enclítica. Esclarecemos que os estudos de Martins (1994) e (2002) ilustram que, entre os séculos XIII e XVI, os pronomes clíticos podiam ocorrer tanto depois do verbo como antes do verbo e que, no século XIII, a variação pendia a favor a ênclise. Já no século XVII o português, à semelhança do que acontecia nas restantes línguas românicas, apresentava o padrão proclítico; afirmamos que a distribuição da próclise e ênclise, no português do século XIII e XVII, não é muito diferente do português contemporâneo.

Dissemos que no PE a próclise foi sempre obrigatória em orações subordinadas, nas frases independentes e nas orações principais de frases complexas com itens negativos ou com advérbio a anteceder o verbo.

Quanto ao PB, declaramos que o português brasileiro falado apresenta próclise generalizada com o clítico a posicionar-se antes da forma verbal do qual é seu complemento, ao passo que no português brasileiro escrito predomina a posição enclítica.

Declaramos também que na variedade brasileira as formas clíticas ocupam a posição inicial absoluta de frase, contrariamente à variedade europeia.

Constatámos que, em certas variedades dialetais do PB, o clítico *lhe* perde a sua função de complemento indireto em detrimento do complemento direto, situação similar com a variedade angolana e a variedade moçambicana.

Relativamente à variedade angolana e considerando os estudos feitos por muitos autores, mostramos que os pronomes clíticos de objeto direto (*o, a, os, as*) são substituídos pelas formas pronominais de sujeito no PE (*eu, tu, ele, ela*) e pela forma do objeto indireto (*lhe, lhes*), assim como o clítico reflexo é substituído pelo clítico acusativo da mesma pessoa gramatical.

Mostramos igualmente que no PA os pronomes reflexos e recíprocos aparecem neutralizados na terceira pessoa “se”, isto é, para todas as pessoas gramaticais. Todos os autores afirmam que este uso é resultado do contágio do substrato linguístico em que a única e a mesma forma de pronome reflexo e recíproco é característica das línguas bantu faladas em Angola.

Afirmamos também que a ordem de colocação de pronome clítico reflexo e recíproco no PA é semelhante à das línguas bantu pela qual estes pronomes surgem sempre à esquerda do radical verbal.

Elucidámos igualmente que a partir do Kimbundu, situação idêntica a todas línguas bantu faladas em Angola, o pronome pessoal em função de complemento direto ou indireto tem sido representado por um mesmo morfema *o*; assim os falantes destas línguas ao falarem português não fazem a diferenciação entre pronomes pessoais com a função de complemento direto e indireto.

CAPÍTULO III

3.1. Metodologia de investigação

Neste terceiro capítulo, procuraremos descrever a metodologia que foi utilizada nos inquéritos e exibiremos, fundamentalmente, as amostras, os dados sociolinguísticos dos inquiridos, o nível de formação e assim por diante.

3.2. Tipo de Estudo

Pretende-se neste estudo apreender a forma como os alunos do 1º e 2º ciclos do ensino secundário das classes terminais fazem o uso dos pronomes clíticos. Considerando o intervalo que os separa, queremos, também, compreender se as dificuldades de uso de clíticos são as mesmas. Por conseguinte, podemos afirmar que quanto à natureza de investigação é um estudo aplicado, como o afirmam Silva & Menezes (2005:20), este tipo de estudo objetiva geralmente conhecimentos para a aplicação prática e dirige-se para solução de problemas específicos e envolve verdades e interesses locais.

As escolas secundárias oficiais do Complexo Escolar do Samacaca e a Escola do Liceu do Dundo fornecem o *corpus* de estudo da colocação de pronomes clítico. Todas têm localização específica na cidade do Dundo, ainda que cada uma tenha características próprias e diferentes entre si; todas estão localizadas nas zonas suburbanas, mas os seus alunos são provenientes de zonas urbanas e suburbanas, facto confirmados no item sobre a residência. Uma das vantagens de focalizarmos a investigação nestas escolas deve-se ao facto de se tratar de escolas estatais, por existirem iguais condições de acesso para alunos de todas as camadas sociais e onde facilmente podemos encontrar alunos de língua materna o português e os de língua materna as línguas bantu.

Do ponto de vista de abordagem deste estudo, podemos dizer que a pesquisa é qualitativa e quantitativa como o afirmam Silva & Menezes (2005:20), “a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo dissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenómenos e a atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente

natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. É descritiva. O processo e o seu significado são os focos principais de abordagem.”

Porém, o estudo na área da linguística aplicada não só incide sobre a pesquisa qualitativa como também utiliza a pesquisa quantitativa. Para o presente estudo, foram usados dados estatísticos e tabelas que representam a percentagem do fenómeno a ser estudado, pois a frequência é que determinará com exatidão a natureza do estudo feito. Silva & Menezes (2005:20) consideram que em pesquisa quantitativa, os juízos, informações obtidas, depois de classificadas e analisadas, são transformadas em números com base em técnicas estatísticas.

Conforme já afirmamos, este estudo enquadra-se em pesquisa qualitativa e quantitativa, visto que todos os procedimentos incidem com a mesma relevância. Ainda assim, o nosso intento é o de descrevermos a forma como os alunos da 9ª classe e da 12ª classe do ensino secundário fazem o uso de pronomes clíticos. Assim, do ponto de vista dos objetivos, a pesquisa é descritiva. Gil (1991), citado pelo Silva & Menezes (2005:21), defende que “a pesquisa descritiva visa descrever as características de uma determinada população ou fenómeno de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coletas de dados: questionários e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento”. A nossa constatação enquanto professor e subdiretor pedagógico, quanto ao mau uso de pronomes clíticos pelos alunos da 9ª classe e pelos alunos da 12ª classe, ensino envolvendo um grau de observação, motivou-nos uma análise sistemática para identificarmos o problema em estudo. Aos inquiridos foi aplicado um inquérito sociolinguístico para a recolha de dados e, para além disso, aos alunos da 9ª classe um teste para a produção duma redação e um teste de comportamento linguístico provocado para alunos da 12ª classe.

Do ponto de vista dos procedimentos, utilizamos a consulta bibliográfica elaborada a partir de material já publicado, constituídos principalmente em livros e material disponibilizado na internet. Este trabalho enquadra-se ainda no estudo de caso. Segundo (Bell. J 2010), “o método de estudo caso particular é

especialmente indicado para investigadores isolados, dado que proporciona uma oportunidade para estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada um determinado aspeto de um problema em pouco tempo”. E nas palavras de (Gil, 1991) citado pelo Silva e Menezes (2005:21) “um estudo de caso envolve um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de modo a que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento”. Considerando estas abordagens, o nosso trabalho buscou estudar de forma exaustiva o uso dos pronomes clíticos em alunos da 9ª classe do Complexo Escolar do Samacaca e em alunos da 12ª classe do Liceu do Dundo. Buscamos discriminar, compreender e enquadrar as razões para o uso desadequado de pronomes clíticos.

Constatámos que quer alunos da 9ª classe, quer alunos da 12ª classe colocaram os clíticos na posição proclítica ao invés da enclítica. Verificamos igualmente a alteração de clíticos com função de objeto indireto ao invés de objeto direto, assim como observámos que os alunos utilizam o pronome reflexo e recíproco se em todas as pessoas gramaticais. Pensamos que estes dados serão percebidos no corpo do trabalho e na apresentação, na discussão e análise dos dados.

Qualquer problema encontrado aponta para linhas de investigação. A partir de uma observação feita de forma sistemática por nós, enquanto educadores, o problema identificado foi o uso de pronomes clíticos por falantes de Angola. Assim, deve identificar-se método e/ou métodos com finalidades próprias, já que todo o trabalho científico implica vários métodos, havendo um que predomina.

Lakatos & Marconi (1991:40) definem o método como “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detetando erros e auxiliando as decisões do cientista”. Usando as palavras dos mesmos autores, a obtenção da verdade por meios de hipóteses explicando a realidade, constitui a finalidade científica. Por isso, pensamos que o problema identificado com as hipóteses formuladas, deve ser explicado.

Para este trabalho, escolhemos o método indutivo, na medida em os factos a serem estudados partem de casos isolados para comuns (Lakatos & Marconi (1991). O método hipotético-dedutivo (Reis 2010:08), “é adotado quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenómeno. Para tentar superar este problema, são formuladas hipóteses e destas deduzem-se consequências que deverão ser testadas”; ainda Reis (2010:08) explica que “enquanto o método dedutivo procura a todo o custo, confirmar as hipóteses, ao contrário, o método hipotético-dedutivo, procuram evidências empíricas para testá-las”. Este trabalho, sendo de abordagem qualitativa, não requer a aplicação de técnicas de cálculo, mas sim de descrição. Desta forma, queremos encontrar as causas pelas quais os alunos da 9ª e 12ª classes cometem desvios no uso dos pronomes clíticos.

3.3. Universo e Amostra

Considera-se universo da pesquisa o número total de sujeitos que possuem as mesmas particularidades, que serão explicadas para uma determinada análise. A amostra é a parte deste universo escolhida segundo uma norma numa dada categoria, Silva & Menezes (2005: 32). Para o nosso estudo, o universo da pesquisa contempla alunos da 9ª classe do Complexo Escolar do Samacaca e pelos alunos da 12ª classe do Liceu do Dundo.

Gallisson & Coste (1983:40) afirmam que “a amostra é considerada como um estrato da população total (designado «população parente» ou conjunto parente). A nossa amostra é constituída por dois grupos, sendo 45 alunos da 9ª classe do Complexo Escolar do Samacaca e 38 alunos da 12ª classe do Liceu do Dundo, da especialidade de ciências humanas, dos dois géneros, como na tabela e gráfico de contingência abaixo.

Tabela 1: Universo e Amostra

Amostra 83 Alunos					
38 alunos do Liceu do Dundo			45 alunos do Complexo Escolar do Samacaca		
Género			Género		
Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
31	7	38	26	19	45

Gráfico de contingência dos estudantes

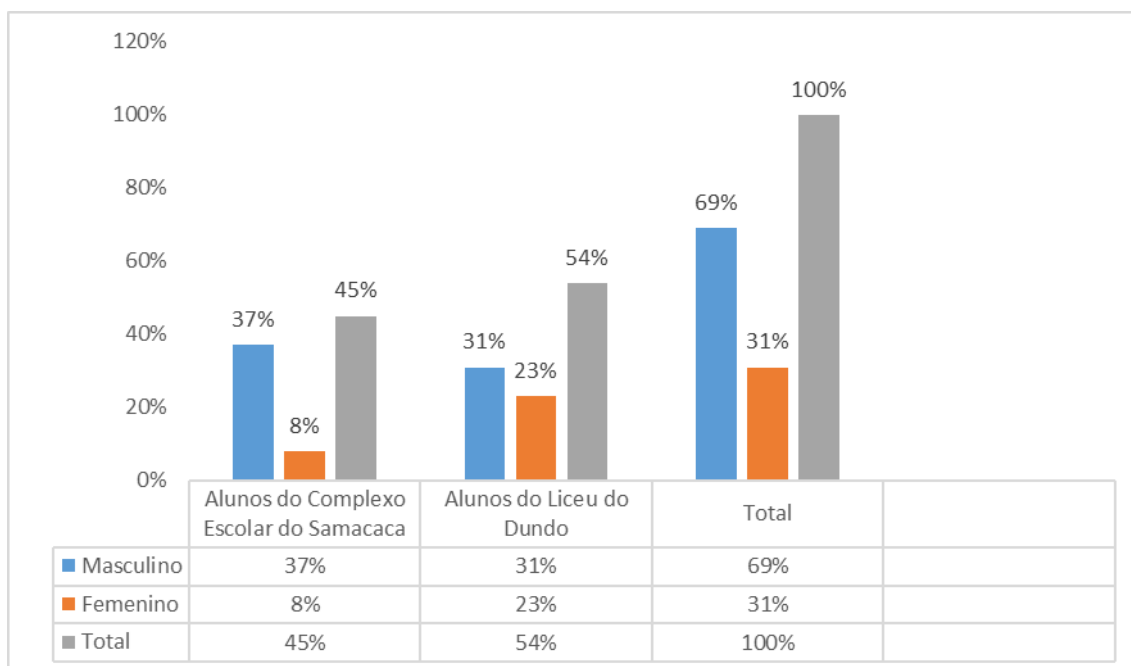


Gráfico 1: Gráfico de contingência dos estudantes

Com estes dois grupos, a nossa intenção é a de aferir como é que os inquiridos usam os pronomes clíticos, para depois entendermos os tipos de agramaticalidade relativas ao uso de pronomes. O interesse por estes dois grupos advém do facto de estarem expostos à aprendizagem do português ao longo do

percurso escolar, de serem finalistas de cada ciclo de ensino, assim como de estarem sujeitos sempre à um exame escrito e oral na disciplina de Língua Portuguesa; presume-se assim que os sujeitos em análise tenham competências na colocação de pronomes clíticos conforme a norma do português europeu.

3.4. Os inquiridos

Importa realçar que, como já nos referimos, os inquiridos são constituídos por dois grupos: o do 1º ciclo do complexo escolar do Samacaca e pelo grupo da escola do 2º ciclo do Liceu do Dundo, com idades compreendidas entre 13 a 30 anos de idade como se pode observar no quadro seguinte.

Tabela 2: Idade dos inquiridos

Idade dos Inquiridos				
	13-16	17-21	22-25	26-30
9ª Classe	12	28	5	-
12ª Classe	-	24	9	5

Do exposto na tabela 2, constatámos que 12 alunos da 9ª classe do Complexo Escolar do Samacaca têm idades compreendidas entre 13 a 16 anos, existem 28 estudantes com idades compreendidas entre 17 a 21 anos, e 5 alunos têm idades que varia de 22 a 25 anos. Não se constatou nenhum aluno com mais de 25 anos de idade. Já para o grupo da 12ª classe, notámos a idade mínima é de 17 anos, existem 24 alunos com idades a variar entre 17 a 21 anos, 9 alunos com idades compreendidas entre 22 a 25 anos, 5 alunos com idades entre 26 a 30 anos.

No que se refere a naturalidade, constatámos que, dos 83 inquiridos, a maioria é natural da província da Lunda-Norte, cuja capital é a cidade do Dundo, onde decorreu a nossa pesquisa. Encontrámos nos dois grupos 7 alunos provenientes de outras províncias nomeadamente: 1 aluno natural de Cabinda, 1

de Zaire, 2 da Lunda-Sul, 1 de Luanda, 1 de Namibe e 1 da província do Moxico. Considerando a existência de várias línguas bantu em Angola, o facto de não serem línguas homogéneas, a L1 bantu de muitos angolanos, cada uma com as suas especificidades, pode influenciar diferentemente na aprendizagem de L2, no caso particular o português.

Angola é um país constituído por 18 províncias: Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Cuando Cubango, Cunene, Huambo, Huila, Kwanza-Norte, Kwanza-Sul, Luanda, Lunda-Norte, Lunda-Sul, Malanje, Moxico, Namibe, Uíge e Zaire. Como já anunciámos, o nosso trabalho foi realizado na província da Lunda-Norte, concretamente na cidade do Dundo. A província possui 10 municípios: Cambulo, Capenda Camulemba, Caungula, Chitato, Cuango, Cuilo, Lóvua, Lubalo, Lucapa e Xa-Muteba.

Quanto às línguas faladas em Angola, segundo o estudo de Redinha (1975) e na perspectiva de Kukanda (1986), Fernandes & Ntondo (2002), citados por Undolo (2014:80), “em Angola são faladas nove línguas bantu”; como se pode ver no quadro 2 e no respetivo mapa abaixo.

Quadro 2: Línguas bantu faladas em Angola

<p>Línguas bantu faladas em Angola</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Língua cokwe (falada pelos Tucokwe); • Língua Kimbundu (falada pelo povo Ambundu); • Língua Kikongo (falada pelo povo Bakongo); • Língua Ngangela (falada pelo povo Vangagela); • Língua Nhaneka (falada pelo povo Vanyaneka-Nkhumbi); • Língua Helelo (falada pelo povo Ovahelol); • Língua Kwanyama (falada pelo povo Ovakwanyama); • Língua Oxindonga (falada pelo povo Ovandonga); • Língua Umbundu (falada pelo povo Ovimbundu).
--	---

Mapa das comunidades etnolinguísticas de Angola



Figura 1: Mapa das comunidades etnolinguísticas de Angola

No mapa de Angola apresentado, estão representados os povos e as línguas faladas nas respetivas regiões. Para além destas línguas, na Lunda-Norte existe um mosaico etnolinguístico e cultural, com falantes de outras línguas pertencentes a outros grupos e subgrupos étnicos, nomeadamente: Cokwe,

Lunda, Bangala, Xinge, Luba, Bena May, Cacongo ou Bandinga, Kakete, Kafia, Matapha, Holo, Kari, Suku ou Mussuku, Khoge, Paka e Songo. Todos estes grupos e subgrupos fazem parte do grupo de línguas bantu. No entanto, de todas as línguas faladas na província, a mais falada é a língua Cokwe, usada como língua de unidade, de relação e de comunicação com todos os habitantes.

Apesar de a língua Cokwe ser a mais falada, como já nos referimos, e o estudo ter sido aplicado na cidade do Dundo, onde a maioria fala esta língua, cerca de 10 alunos dos inquiridos são provenientes de províncias diferentes o que significa que são falantes de outras línguas bantu. O inquérito aplicado revela que, para além do Português que é a língua oficial do país, todos os inquiridos falam ou percebem mais uma língua da sua região. Constatámos a partir das respostas dadas do inquérito sociolinguístico, à guisa de exemplo, o aluno natural da província de Cabinda e residente na cidade do Dundo, fala mais línguas maternas “Fiote” e “Cokwe” que são as línguas da região mais a Língua Portuguesa; o aluno natural de Luanda fala “Kimbundu” e percebe “Cokwe”.

Quanto à aprendizagem da língua portuguesa, os inquiridos declararam que a maioria aprendeu a falar o português na infância com seus familiares, e indicaram que não foi difícil à sua aprendizagem; justificaram que aprendiam a falarem-na desde a infância.

Do exposto, a aquisição quer do português quer das línguas bantu pelos inquiridos tem sido de forma natural e/ou espontânea, porém o uso de pronomes clíticos suscita muitos problemas, uma vez que, o estudo feito pelo Undolo (2014), no capítulo 2, defende que as línguas bantu não têm clítico.

3.5. Natureza do corpus e recolha de dados

Inicialmente, com vista à recolha de dados, elaborou-se um inquérito sociolinguístico constituído por um questionário e um teste. O questionário visou a recolha de dados biográficos e a identificação do meio sociolinguístico: são 10 perguntas no total com a informação sobre o inquirido, nomeadamente nome, idade, sexo, naturalidade, local de residência, classe e (especialidade para os alunos da 12^a classe), identificação das línguas angolanas que fala e/ ou percebe e que fala em casa; em que situações usa a língua portuguesa e as línguas de

Angola, onde e com quem as fala; quando, onde, e com quem aprendeu a falar a língua portuguesa, enfim, se é difícil começar a falar a língua portuguesa. Em seguida, optamos pela aplicação duma redação escolar a 45 alunos da 9ª classe do Complexo Escolar do Samacaca; foram dois temas propostos à escolha: “amizade na infância, na juventude e na terceira idade”; “amor ao próximo como um dos deveres do ser humano”. Pensamos que os temas são suficientemente universais e estão ao alcance de todos. De salientar que este teste foi feito sem que os mesmos soubessem da sua finalidade, ou seja, não lhes foi explicada a finalidade dos textos escritos de modo a não haver interferências nos resultados esperados. Os inquiridos foram ainda avisados que os textos a serem elaborados deviam ter pelo menos 200 a 250 palavras. Queríamos assim que os inquiridos escrevessem e aplicassem com naturalidade os pronomes clíticos. O inquérito foi aplicado no dia 11 de fevereiro do ano em curso, no decorrer de uma aula de Língua Portuguesa durante 45 minutos, e em presença do professor, pelo que não foi permitido falar nem consultar quaisquer materiais.

Como já referimos, a cada grupo foi aplicado um inquérito sociolinguístico com vista à recolha de dados biográficos. A tipologia de teste foi diferente. Em relação aos inquiridos da 9ª classe, queríamos que escrevessem textos sem saberem a finalidade de avaliação e usassem os clíticos com espontaneidade. Para os inquiridos da 12ª classe, considerando os 12 anos de escolaridade, a aprendizagem sistemática do português, estando na última classe do ensino secundário, decidimos aplicar um teste de comportamento linguístico provocado (TCLP) que visa aferir o grau de competência dos inquiridos relativamente ao uso dos pronomes clíticos; por conseguinte, elaborou-se um conjunto de exercícios assentes no juízo de gramaticalidade sobre os pronomes clíticos, que possibilitou aceder com maior rigor ao conhecimento empírico dos estudantes, já que as suas enunciações quer orais quer escritas não são coincidentes com a norma do PE.

Tendo em vista pormos em evidência o objeto do nosso estudo e evitar dados irrelevantes, para os inquiridos da 12ª classe, elaborámos um teste escrito com base nas regras linguísticas conforme a norma do português europeu. Por outro lado, comparamos com as particularidades do português angolano que não

correspondem à norma europeia. Assim, o teste elaborado está estruturado em quatro grupos: o primeiro formado por quatro frases de seleção como se pode ver em (1); o segundo grupo é de 15 expressões para escolher a mais bem elaborada segundo a norma do PE como se vê em (2); o terceiro grupo é composto por 23 exercícios de preenchimentos com clítico pronominal, conforme (3); o quarto grupo é constituído por 25 frases para reescrita com clíticos pronominais exibidos, todos de natureza diferente, como se ilustra em (4).

Assim, são retomados aqui alguns exercícios apenas como exemplos ilustrativos do tipo de instrução que foi dado. Os testes completos estão em apêndice.

Grupo (1)

- (a) Ninguém **se** fechou-**se** na cozinha.
- (c) Vi a Maria e **lhe** disse-**lhe** que teríamos aula amanhã.

No primeiro grupo, constituído por quatro frases, querámos que os inquiridos com um certo discernimento de gramaticalidade riscassem o clítico colocado incorretamente, considerando os clíticos pronominais segundo a regra proclítica e enclítica. As expressões a serem riscadas, estão negritadas.

Grupo (2)

2. O pai foi buscar a filha à escola.

- a) Foi buscar a ela? ()
- b) Foi buscar-lhe? ()
- c) Foi buscar ela? ()
- d) Foi-lhe buscar? ()
- e) Lhe foi buscar? ()
- f) Foi buscá-la? ()

No grupo 2, foram dadas três frases: a primeira, uma frase interrogativa com seis expressões afirmativas entre as quais se deve assinalar apenas a alínea (c),

a mais bem formulada segundo a norma do PE; na segunda frase declarativa foram dadas seis expressões interrogativas com várias possibilidades de substituição, mas como escolha correta apenas a alínea (f); na terceira frase interrogativa foram dadas cinco expressões interrogativas com elemento que atrai o clítico; devem selecionar a expressão mais correta que substituí o objeto direto, neste caso alínea (d), a ser assinalada com uma cruz (+).

Grupo (3)

- (a) O Leonardo____ viu____ na igreja. (o)
- (b) Só o Maria____ viu____ na igreja. (a)
- (c) O Rodriguês visitou o Niltinho e____ pediu____ livro. (lhe)
- (d) O professor____ disse que não____ viu____. (te)

No grupo 3, tendo em conta o mau enquadramento dos pronomes clíticos observados no *corpus*, quanto à colocação, queríamos que os inquiridos colocassem os pronomes clíticos acusativos e dativos na posição correta, obedecendo à regra proclítica ou enclítica conforme a norma do PE.

Grupo (4)

- (a) O Mateus tem visto o Rodriguês esses dias. (o)
-
- (b) O Mateus não tem visto esses dias a Rita. (a)
-
- (c) Os professores começam a corrigir as provas amanhã. (as)
-
- (d) O Lucas nunca diria uma coisa dessas a mim. (me)
-
- (e) As crianças teriam visto a Zaida se ela estivesse em casa. (a)
-
- (f) Algum amigo teria convidado o João para a festa. (o)
-

No quarto 4, tínhamos mais exercícios de seleção do objeto direto e indireto (sublinhado nas frases) e os clíticos a serem substituídos indicados em parênteses. Pedimos que os inquiridos, reescrevessem as frases colocando os pronomes apresentados em parênteses conforme regras referidas no capítulo 1, recorrendo a proclisadores, formas verbais simples, complexas e com a forma verbal no condicional e no futuro; foram usadas frases simples, orações coordenadas e subordinadas.

3.6. Análise do corpus

Gallisson & Coste (1983:169) definem *corpus* como “um conjunto finito de enunciados tomados como objeto de análise”; os mesmos autores, em prosseguimento, conceituam *corpus* como um “conjunto finito de enunciados considerados característicos do tipo de língua a estudar, reunidos para servirem de base à descrição e, eventualmente, à elaboração de um modelo explicativo dessa língua”. E segundo eles, “trata de uma coleção de documentos quer orais (gravados ou transcritos) ou escritos, quer orais e escritos, de acordo com tipo de investigação pretendido”. Segundo a natureza do *corpus* do nosso trabalho que é tipicamente escrito, podemos afirmar que segundo o objetivo de estudo, o *corpus* estruturado adequa-se ao estudo proposto.

Sobre as redações feitas, primeiro observámos atentamente os textos produzidos pelos inquiridos, identificando as frases em que foram alojados os pronomes clíticos, pô-los nos círculos e grifar o período correspondente, como se confirma no exemplo a seguir apresentado.

Tema: A) fala amizade

f. 45 falando da minha amizade ~~da~~ na
antiguidade que é na infância tinha
uma amizade muito boa tinha
um amigo que alegrava muito. fazíamos
uma brincadeira em casa dos meus pais
e na casa dos pais do meu amigo. os
f. 46 meus pais dava meus brinquedos.
fazíamos uma casa de caça e abrimos
ao lado da casa para caçar
passaros e jogávamos bolas e brincava
com as bolinhas!

f. 47 Amizade na idade adulta
eu tenho uma amizade com
o meu amigo ele me aconselha
e eu lhe aconselho ele me reflexões
chamei para enfrentarmos a
ignora me ensinou para não
fazer mal e ensinou para
fazer bem.

Depois deste processo, passamos a codificar os excertos retirados das compilações criadas pelos inquiridos em conformidade com os respetivos nomes e criámos uma nomenclatura da seguinte forma: abreviar o primeiro e último nome, com o hífen a separar o número de ordem separado por sua vez por tema da redação e, por último, o número da linha corresponde em que foi extraído o pronome, como por exemplo: TA-01-T/amizade ou/ amor-I.03.

Identificadas as frases que hospedam os clíticos pronominais, serão reproduzidos os textos escritos pelos inquiridos, não na sua totalidade, mas sim apenas a parte em que é alojado o clítico pronominal.

Para os inquiridos do Liceu do Dundo, o teste de comportamento linguístico provocado que lhes foi aplicado, será observado em função do grau de gramaticalidade e analisado em diferentes contextos relativamente à colocação e seleção de dativo e acusativo tendo em conta a sua natureza sintática de ocorrências / entradas corretas, desviantes nas formas verbais (simples, complexas e futuro e condicional) nos tipos de frases (estruturas de frases simples, coordenadas e subordinadas assim como em distintos contextos de frases afirmativas, com negação predicativas, as introduzidas por pronome interrogativo e aquelas com constituinte em posição inicial interpretado em foco. Identificadas estas ocorrências, far-se-á o inventário de desvios relacionados com o uso de pronomes clíticos cometidos pelos inquiridos e, paralelamente, referindo o seu uso correto segundo a norma do PE.

CAPÍTULO IV

4.1. Apresentação, análise e discussão dos dados

Neste capítulo, procurámos fazer a apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos através das redações produzidas pelos alunos da 9ª classe do Complexo Escolar do Samacaca e dos resultados obtidos a partir do teste de comportamento linguístico provocado aplicado aos alunos da 12ª classe do Liceu do Dundo.

A análise destes dados, centrar-se-á na identificação de frases produzidas pelos alunos da 9ª classe que contêm pronomes clíticos e a percentagem destes; números de clíticos usados corretamente e/ou entradas corretas nas frases conforme a norma do PE e sua percentagem, próclise ao invés da ênclise, entradas desviantes quanto a colocação e seleção; em seguida, trataremos de casos de omissão de clíticos e apresentaremos casos de clíticos em locuções verbais e também em situação de homofonia. Finalmente, analisaremos os resultados dos testes de comportamento linguístico provocado aplicado aos alunos da escola do Liceu do Dundo, identificando assim as entradas corretas e as desviantes e conseqüentemente a sua descrição.

4.1.1. Apresentação dos dados

A partir de *corpus* do trabalho, apresentámos em seguida a percentagem de clíticos produzidos pelos alunos da 9ª classe do complexo escolar do Samacaca, em entradas corretas e entradas desviantes quanto à norma de colocação e de seleção.

Tabela 3: Uso de clíticos de alunos da 9ª classe do complexo escolar do Samacaca

Colocação de clíticos		Entradas corretas		Entradas desviantes	
		Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Ênclise		13	14.8%	-	-
Próclise		34	38.7%	19	21.6%
Mesóclise		-	-	-	-
Outros casos	locuções verbais	2	2.2%	5	5.7%
	Seleção de clíticos	-	-	9	10.2%
	Seleção e colocação de clíticos	-	-	6	6.8%
Subtotal de entradas		49	55.7%	39	44.3%
Total de entradas		88			

A tabela ilustra que foram analisadas 88 construções frásicas contendo clíticos pronominais extraídos de textos produzidos pelos alunos do complexo escolar do Samacaca; como já havíamos referido no capítulo III, a amostra do grupo da 9ª classe era composta por 45 alunos. Constatámos que, em seis textos produzidos pelos alunos, não foi usado nenhum pronome clítico. Assim, os clíticos analisados foram produzidos por 39 alunos.

Considerando as 88 estruturas frásicas produzidas pelos alunos da 9ª classe do complexo escolar do Samacaca, na tabela1, constatámos que estes alunos fizeram o emprego correto em 49 estruturas frásicas, equivalendo a percentagem

de 55.7% e empregaram o clítico na forma desviante em relação a norma padrão em 39 estruturas frásicas, equivalendo a 44.3%, como se pode ver no gráfico 1 abaixo apresentado.

Percentagem das estruturas frásicas com pronomes clíticos produzidos pelos alunos do complexo escolar do Samacaca.

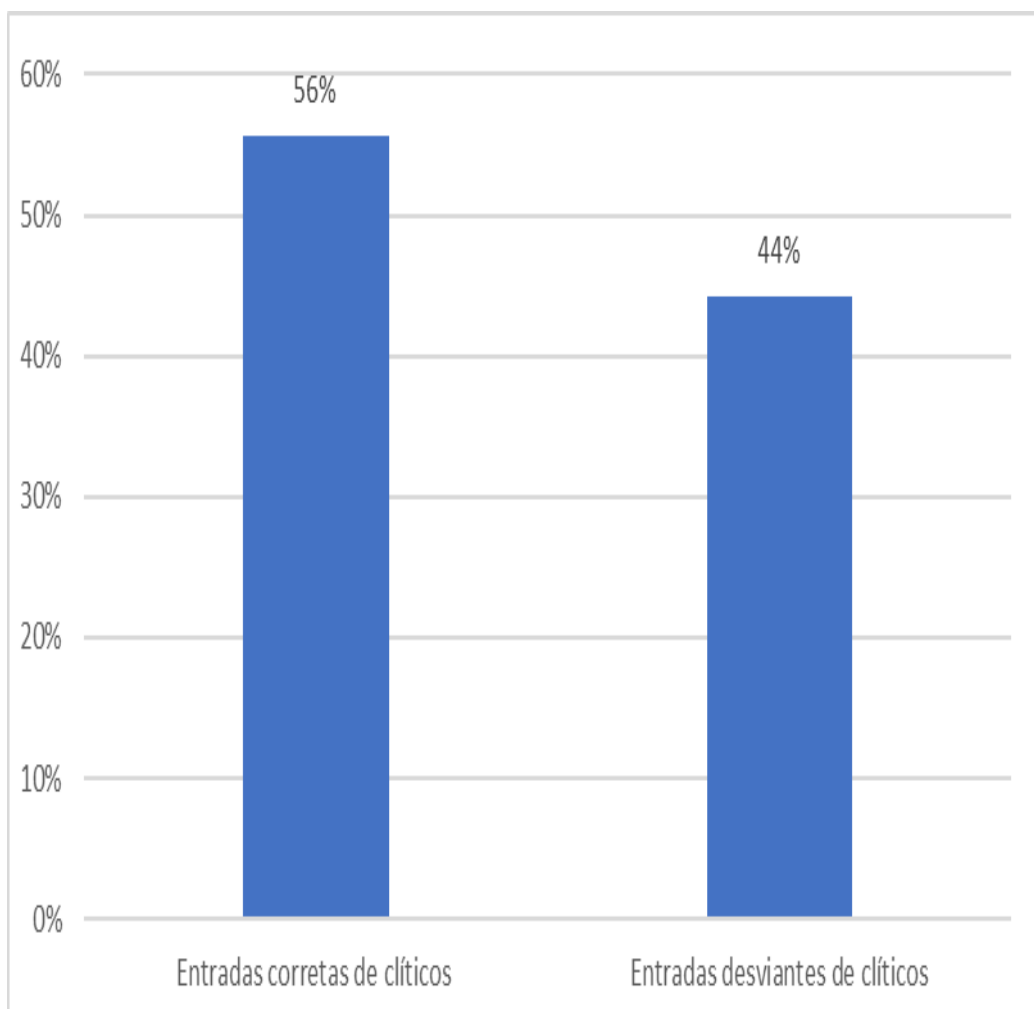


Gráfico 2: Percentagem das estruturas frásicas com pronomes clíticos produzidos pelos alunos do complexo escolar do Samacaca

Quanto à disposição de desvios de clíticos em relação a norma do PE, de 44.3% entradas desviantes de clíticos pronominais, 21.6% corresponde a padrão de colocação e 22.7% refere-se a outros casos. Importa realçar que a porção de outros casos compreende a locução verbal, seleção e colocação de clíticos, como se vê no gráfico 2 a seguir

Disposição de clíticos desviantes em relação a PE

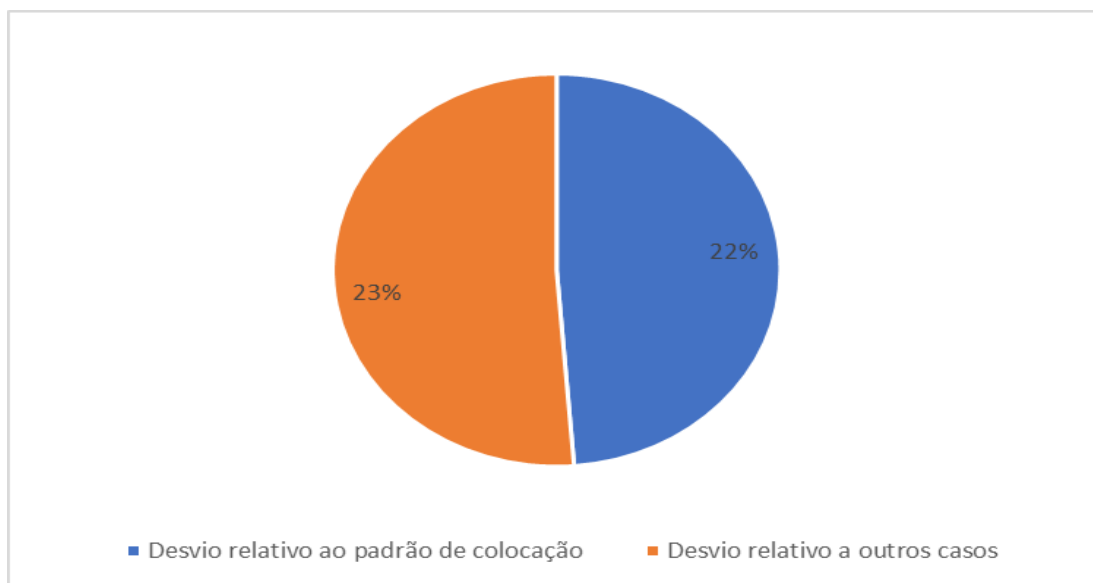


Gráfico 3: Disposição de clíticos desviantes em relação a PE

Os dados indicam que a percentagem de entradas corretas de clíticos é superior relativamente a disposição desviante de clíticos e há uma percentagem maior de desvios relativos a outros casos em relação a desvios relativos ao padrão de colocação. É de salientar que quer a parte relativa a entradas corretas, quer a de desviantes de clíticos em relação a norma padrão ocorreram na posição proclítica, pelo que estes números revelam um contraste em relação a norma do PE. Gonçalves (2013), já referida no capítulo II, afirma que no PA se regista uma grande instabilidade na colocação de pronomes clíticos átonos sobretudo na linguagem coloquial. Os dados recolhidos sugerem que existe a tendência de adotar o padrão proclítico em frases em que não estão presentes os atratores da próclise. Perante esta situação, podemos considerar outras razões constatadas por Nzau (2011:68-69): “no plano sintático é onde se evidenciam de forma intensiva, as principais marcas das línguas nacionais de origem africana, em virtude de muitos angolanos falantes da língua portuguesa terem como língua materna uma dessas línguas”. O mesmo autor explica, que tendo as principais línguas com uma função identificadora, através da qual um falante consegue exprimir melhor o seu mundo, a sua alma, enfim toda a sua realidade envolvente, é natural que ao usarem o português façam transferência das estruturas e dos

esquemas da sua gramática interiorizada das línguas africanas para a gramática da língua portuguesa.

Considerando o nosso trabalho, estes dados são relevantes e demonstram uma certa alteração da norma do PE havendo um pendor para o não cumprimento do padrão de colocação e de seleção de clíticos pronominais.

A tabela que a seguir vamos apresentar representa os clíticos e sua frequência de acordo com os textos produzidos pelos alunos da 9ª classe do Complexo Escolar do Samacaca.

Tabela 4: Clíticos e sua frequência

Frequências dos pronomes clíticos recolhidos no corpus da 9ª classe	me	te	se	o	a	os	as	lhe	no	na	nos	nas	lo	los	vos
	31	5	17	3	1	1	-	2	-	-	25	-	1	1	1
Total	31	5	17	3	1	1	0	2	0	0	25	0	1	1	1

Do exposto acima, verifica-se que o clítico *me* foi o mais utilizado, com 31%, seguida de *nos*, com 25%; constata-se igualmente que o clítico *se* com 17% foi o mais desviante, ou seja, erradamente colocado, nomeadamente como pronome reflexo e recíproco de primeira pessoa gramatical que aparecem na terceira pessoa, como se ilustra em (1).

(1)(a) Todos dias brincávamos do carro eu como motorista e brincávamos muito aquilo era se divertir até outros dias ficávamos com fome mais ficávamos alegres. JMb-24-T/amizade-I.08;

(b) Esse amor que eu sinto é muito grande, que nem consigo se controlar. IV-34-T/amor-I.01;

Como se pode perceber nestas frases, dado que as enunciações estão na primeira pessoa, o clítico tinha que estar na mesma pessoa gramatical: em a)

seria o clítico *nos* e em b) seria o clítico *me*; no primeiro seria enclítico e no segundo, proclítico ao verbo auxiliar.

Este fenómeno do uso de pronomes reflexo e recíproco do clítico *se* em todas as pessoas gramaticais é justificado por Miguel (2003) pela contaminação do substrato linguístico já que o emprego de uma única e mesma forma de pronome reflexo e recíproco é característica do kimbundu.

Ainda assim, constatámos que os clíticos *lhes*, *as*, *nas* não foram empregues pelos inquiridos ao passo que os pronomes clíticos *os*, *la*, *lo*, *los*, *vos*, foram pouco usados; já o clítico *te* teve cinco ocorrências, e os clíticos *lhe* e *o* duas ocorrências; o clítico *lhe* indicou erros incomuns relacionados com a norma do PE, o pronome complemento indireto é usado como complemento direto, como se pode verificar em (2).

(2)(a) Eu tenho uma amizade com o meu amigo ele me aconselha e eu *lhe* aconselho ele me chamou para frequentarmos a igreja. TA-01-T/amizade-1.19.

Este fenómeno foi analisado pela Minga (2000), já referida no capítulo II. A autora afirma que este fenómeno, a desordem entre pronome pessoal com a função de complemento direto e os de complemento indireto, é muito frequente e justifica que a ocorrência se deve ao facto de em kimbundu os complementos direto e complementos indireto serem representados pelo mesmo morfema. Assim, o locutor do kimbundu ao falar português não faz distinção entre *o*, *a* clíticos com a função de complemento direto e de clítico *lhe* com a função de complemento indireto. A autora afirma que os angolanos utilizam a mesma construção.

4.1.2. Análise e discussão dos dados do grupo da 9ª classe

Nesta parte do trabalho, vão ser analisadas todas as estruturas frásicas que foram produzidas, as que correspondem a entradas corretas, as entradas que ocorreram em próclise ao invés da ênclise ou ênclise ao invés da próclise; outros casos, como a ocorrência de clíticos em locuções verbais, má seleção de clíticos, omissão de clíticos e da homofonia vão ser considerados.

Na tabela 5, que se segue, vamos mostrar as palavras e suas ocorrências assim como as categorias que desencadearam a posição proclítica em entradas corretas segundo a norma do PE.

Tabela 5: Ocorrências das categorias que desencadearam a posição proclítica em entradas corretas

Classes de palavras e sua frequência que desencadearam próclise em entradas corretas		
Classe de palavras atratores de próclise	Palavras	Total
Complementadores	porque	3
	que	5
	quando	1
	como	1
	para	1
Operadores de negação	não	5
	ninguém	1
Advérbios de focalização	sempre	1
	também	1
	agora	1
Preposições	de	5
	por	1
Total	-	26

Do exposto na tabela 5, compreende-se que, entre os pronomes clíticos usados pelos alunos, destacam-se as categorias de operadores de negação,

preposição e complementadores; dos 26 proclisadores utilizados, correspondendo a entradas corretas, constatámos que ocorreram 5 entradas com pronome relativo *que*, 5 ocorrências com advérbio de negação e 5 com a preposição *de*; as restantes categorias com uma entrada cada. Perante esta situação, podemos dizer que, embora as outras classes tenha dado entrada correta, os complementadores, as preposições e operadores negativos são as que mais atraem os clíticos na posição proclítica no PA.

4.1.2.1. Entradas corretas

Em seguida, vamos apresentar as entradas que contêm o pronome clítico bem enquadrado, sem, no entanto, observarmos os erros de várias índoles, porquanto não se trata do objetivo do nosso trabalho.

Vamos apresentar algumas das frases com entradas corretas e as restantes estão no guião de correção do inquérito.

- (3)(a) Todos nós erramos, mas temos que perdoar porque deus *nos* perdoa.
IV-34-T/amizade I.08
- (b) Eu não sei se eles(as) sentem mesma coisa, mas não *me* importa. IV-34T/amizade-I.04
- (c) Nós devemos fazer coisas aos outros o que queremos que *nos* façam.
EW-35-T/amor-I.7
- (d) O meu amor com próximo é muito positivo é amor que ninguém se esquece. AC- T/amor—I.02
- (e) As minhas amigas conheceram-*me* e foi uma boa amizade. AF-37-T/amizade-I.04
- (f) Os nossos pais davam-*nos* brinquedos. TA-01-T/amizade-I.06
- (g) Nós amamos um ao outro e nunca consegui esquecer-*la*. AF-37-T/amizadel.06
- (h)Ele por sua vez ensinou-*me* a dominar a bola. AM-36-T/amizade-I.05

4.1.2.2. Análise de clíticos em contextos de colocação desviantes

Nesta secção, vamos analisar estruturas frásicas desviantes com pronomes clíticos produzidos pelos alunos da 9ª classe do complexo escolar do Samacaca em vários contextos, nomeadamente colocação de clítico na posição proclítica ao em vez da enclítica, colocação enclítica em vez da proclítica, posição de clíticos em locuções verbais, circunstâncias de má colocação e seleção de clíticos assim como situação de homofonia.

Tabela 6: Entradas desviantes de clíticos segundo a norma do PE

Entradas desviantes de clíticos segundo a norma do PE		
Contexto de ocorrência	Nº de ocorrência	Percentagem
Próclise ao invés da ênclise	20	44.4%
Ênclise ao invés da próclise	-	-
Clíticos em locução verbal	6	13.3%
Desvios quanto seleção	8	17.8%
Desvios quanto à colocação e seleção	7	15.6%
Situação de homofonia	4	8.9%
Total de ocorrência	45	100%

Os dados apresentados na tabela 6 mostram que a percentagem de ocorrência de clítico na posição proclítica é bastante superior em relação a outros contextos, ou seja, de 45 ocorrência de clíticos desviantes, 20 desencadearam próclise ao em vez de ênclise. Isto mostra que a norma em formação do PA é predominantemente proclítica, facto que será explicado a seguir.

4.1.2.3. Próclise em vez da ênclise

Segundo a regra de colocação de pronomes clíticos, já mencionada no capítulo I, na forma verbal simples, obtém-se a ênclise na ausência de atractor de próclise que c-comandem o clítico no mesmo sintagma entoacional; os inquiridos desrespeitam a norma estabelecida. A colocação real dos clíticos pronominais do português falado em Angola mostra um certo desvio em relação aos padrões de colocação de clíticos relativamente ao PE, como se vê nas frases em (4); os exemplos são acompanhados da versão correta entre parêntesis:

(4)(a) A amizade que eu tinha era uma amizade infinita nos comportávamos bem como irmãos. CC-07-T/amizade-I.01

PE: (... comportávamo-*nos* bem como irmãos).

(b) ...meus amigos são os melhores porque quando eu caía *me* levantavam e me corrigiam. HL- 03-T/amizade- I.06-07

PE: (... quando eu caía levantavam-*me* e corrigiam-*me*).

(c) Sem amor não teria amigos porque com amor fomos e *me* aproximo com os que hoje em dia tenho. MC-22-T/amor-05-I.03

PE: (... aproximo-*me* com os que hoje em dia tenho).

(d) Tivemos algumas brigas mas *nos* reconciliávamos muito rápido. ZF-08-T/amizade- I.05

PE: (... , mas reconciliávamo-*nos* muito rápido).

(e) Os nossos pais nos batia. PS-16-T/amizade- I.05

PE: (Os nossos pais batiam-*nos*).

(f) ... eu *te* amo e vou continuar a *te* amar para toda a eternidade. FA-25-T/amor- I.02-03

PE: (... eu amo-*te* e vou continuar a amar-*te*...)

(g) ... ele *me* aconselha. (...) ele *me* chamou para frequentarmos a igreja *me* ensinou para não fazer mal. TA-03-T/amizade-I.12

PE: (...ele aconselha-*me* (...) ele chamou-*me* para frequentarmos a igreja ensinou-*me* a não fazer mal).

(h) ... eu e ela éramos bem diferentes, mas *nos* amávamos. EW-35-T/amizade- I.12-13

PE: (... , mas amávamo-*nos*).

(i) A minha primeira amiga a distância *nos* separamos. EW-35-T/amizade-I.18

PE: (... separamo-nos).

(j) Muitas vezes não é fácil praticar o bem principalmente com o próximo *me* refiro a pessoas estranhas. EW-35-T/amor- I.10-11

PE: (... refiro-*me* às pessoas estranhas).

(k) Há certos aspetos, mas *me* esforço para ajudar o meu próximo e todos nós devemos dar o nosso melhor. EW- 35-T/amor- I.15-17

PE: (... , mas esforço-*me* ...)

(l) Ele *me* considerava como filho e *me* meteu a atender na cantina junto com o seu filho. OC- 19-T/amizade-I.08-09

PE: (Ele considerava-*me* como filho e meteu-*me* ...)

(m) Descubro novas coisas e eu *me* recordo na minha infância tinha amigos rebeldes. EM-14-T/amizade-I.04-05

PE: (... e eu recordo-*me* ...)

(n) Eu iniciei amar em primeiro lugar os meus pais tal como irmãos, irmãs, amigos, colegas e eu *me* recordo. EM- 14-T/amor-I.05

PE: (... e eu recordo-*me*).

(o) ... Miguel Santos ele *se* comporta bom. AS-17-T/amizade-I.01-02

PE (... ele comporta-*se* bem).

(p) No ano antepassado de 2017 eu conheci um clube chamado casa mãe e eu por minha vez *me* entreguei nesta equipa. AM-36-T/amizade-I.03

PE... entreguei-*me*...

Em 4, constatámos que, entre as categorias gramaticais, a classe dos pronomes pessoais e as conjunções coordenativas são as que mais são sentidas

pelos inquiridos como atractores de próclise. Notámos a ocorrência de sete pronomes pessoais “eu”, “ele” como atractores em (f), (g) e em (o); frase complexa em (l), (m), (n) conjunções aditivas “e” como proclisadores em (b), (c), (l) e igualmente adversativa “mas” em (d), (h) e (k); com menos incidência as categorias de nome em (e), (g) e em (i) e finalmente em adjetivo em (a) e verbo em (b), ocorrendo assim em orações simples e complexas. De acordo com a norma estes vocábulos não são proclisadores, mas são usados como tal pelos inquiridos.

4.1.2.4. Ênclise em vez da próclise

No corpus observado, neste contexto, não ocorreu nenhum caso desta natureza. Por esta razão podemos afirmar que, e em corroboração com vários investigadores já referidos no capítulo II, o português falado em Angola é predominantemente proclítico.

4.1.2.5. Uso de clíticos em locuções verbais

Nesta secção, os inquiridos produziram 5 estruturas fráscas desviantes com pronomes clíticos usando verbos auxiliares e perífrase aspectual: na estrutura (5a), usou -se o verbo auxiliar *dever* e o verbo principal no infinitivo, em (5b) empregou-se o verbo auxiliar *ter* e principal no particípio, em (5c) empregou-se o verbo auxiliar *tentar* e o principal no infinitivo já em (5d), usou-se o verbo auxiliar *haver* e o principal no infinitivo em (5e), empregou-se o verbo auxiliar *tentar* e o principal no infinitivo. Regra geral, nas locuções verbais, há sempre ênclise ao verbo principal e ao gerúndio. Há próclise ao verbo auxiliar nas circunstâncias impostas pelo pronome a um único verbo na frase, nomeadamente quando a locução verbal surge antecedida de palavra negativa, sem ocorrer uma pausa e nas orações que começam por pronomes ou advérbios interrogativos. Não há ênclise ao particípio no verbo principal, ou seja, o clítico deve estar proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar, Cunha (2014). Nas frases produzidas pelos inquiridos desrespeitou-se a regra estabelecida pela norma do PE, como se vê em (5).

(5)(a) Vejamos uma coisa se ela não teve amor connosco não deveria tratar-nos desta forma. AM-36-T/amor-l.05

PE: (... não nos deveria tratar desta forma).

(b) Primeiro dia em que eu vi o meu amigo pensei que Deus tinha dado *me* uma nova visão de amar alguém. JY- 38-T/amor-I.05

PE: (... pensei que Deus *me* tinha dado ...)

(c) quando tentava-*me* desviar do caminho certo HL- 03-T/amizade- I.06-07

PE: (... quando *me* tentava desviar do caminho certo).

(d) Eu sei que hei de *a* encontrar. EW- 35-T/amizade-I.19

PE: (Eu sei que *a* hei de encontrar).

(e) Tentaram *nos* separar, mas foi muito difícil. AF-37-T/amor- I.05

PE: Tentaram separar-nos, mas foi muito difícil).

Do descrito acima, verificámos que em todas as frases se utilizou atractores de próclise: em (a), o clítico *nos* hospedou-se na posição enclítica ao verbo principal, mas a presença de operador de negação frásico “não” que deveria atrair o pronome para próclise em relação ao verbo auxiliar; em (b) ocorreu ênclise do clítico *me* em participio do verbo principal, uma vez que não se dá ênclise ao participio. O clítico deveria estar alojado na posição proclítica em relação ao verbo auxiliar dada a presença do atrator de próclise “que”; em (c), ocorreu a ênclise do clítico *me* ao verbo auxiliar sem hífen e próclise ao infinitivo. Havendo o atrator de clítico “quando” o clítico deveria estar hospedado em colocação proclítica ao verbo auxiliar, em (d) ocorreu a próclise do clítico *a* ao infinitivo uma vez que na frase há o proclisador “que” antes do verbo auxiliar que atrairia o clítico *a* na posição proclítica; em (e), colocou-se o clítico *nos* na posição proclítica em vez da enclítica. Diante desta situação, similar com a já referida anteriormente, notámos que os inquiridos apesar de usarem em muitas frases o clítico corretamente na colocação proclítica nas formas verbais simples e de enquadrarem clíticos ora como enclíticos ora como proclíticos em locuções verbais, podemos afirmar que os inquiridos não dominam a regra de colocação de pronomes clíticos relativamente ao PE.

4.1.2.6. Casos de má seleção de clíticos

Nesta secção, vamos analisar os casos de má seleção de pronomes clíticos que foram empregues pelos alunos do complexo escolar do Samacaca. Designamos como má seleção dos clíticos todas as ocorrências em que o pronome clítico não corresponde à pessoa gramatical, à concordância em flexão e em número, relativamente à forma de clítico acusativo e dativo. O uso destes clíticos foi feito sem a observância da norma do PE. A descrição que a seguir se apresenta ilustra as frases produzidas pelos inquiridos e a consequente versão respeitante à norma padrão conforme se vê em (6)

(6) (a) Tinham um comportamento de abusos reconheceram os seus erros pediram-se desculpas e eu aceitei. IV-34-T/amizade-I.09-10

PE: (... pediram-*me* desculpas e eu aceitei).

(b) Tínhamos bom comportamento e sem esquecer do primeiro dia que se conhecemos foi na igreja. AC-05-T/amizade-I.04

PE: (... o primeiro dia que *nos* conhecemos...)

(c) Amor ao próximo é cuidarmos uns dos outros, protegemos os outros como se protegemos a nós mesmos. MS-06-T/amor- I.02

PE: (... como *nos* protegemos a nós mesmos).

(d) Uma das formas bonita da sociedade de amar uns aos outros da mesma forma que se ama a ti mesmo. AC-21-T/amor- I.01-02

PE: (... da mesma forma que *te* amas a ti mesmo).

(e) A amizade para mim é uma das formas de se comunicar com os outros. GU-39-T/amizade-I.01.

PE: (... de *nos* comunicar...)

(f) Na minha infância tinha três amigos com eles aprendi tipos de amizade que eu tinha com os meus amigos, aquele era amizade tão forte quando se mudamos nunca mais tive aquele tipo de amizade. TC-20- T/amizade-I.01-04

PE: (...aquela era amizade tão forte quando *nos* mudamos ...)

(g) Quando o pai do meu amigo morreu dali *se* separamos. OC-19-T/amizade-I.10

PE: (... dali *nos* separámos).

(h) Amizade é tudo aquilo que pretendemos criar com alguém conhecer-se com as pessoas. AC-21-T/amizade-I.01

PE: (... conhecermo-*nos*...)

(i) Podemos *se* encontrar com os nossos amigos da infância. GT-27-T/amizade-I.08-09

PE: (Podemo-*nos* encontrar ... ou / podemos encontrar-*nos*)

Neste contexto de má seleção, o corpus analisado revela que os inquiridos selecionaram mais os clíticos da 3ª pessoa gramatical em detrimento da 1ª e 2ª pessoa gramatical. Constatámos em (6a) a ocorrência de clítico reflexivo de 3ª pessoa do plural do acusativo ao invés de clítico da 1ª pessoa de plural; em (6b) empregou-se o pronome clítico recíproco acusativo de 3ª pessoa ao invés de clítico de 1ª pessoa gramatical; em (6c) ocorreu o clítico pronominal reflexivo do acusativo de 3ª pessoa de plural ao invés de clítico de 1ª pessoa de plural; em (6d) colocou-se o clítico pronominal de 3ª em oposição ao clítico da 2ª pessoa gramatical em obediência à concordância gramatical; em (6e), (6f), (6g) e (6h) usou-se o pronome clítico recíproco do acusativo de 3ª pessoa em vez do clítico de 1ª pessoa de plural; em (6i) ocorreu o clítico recíproco do acusativo de 3ª pessoa entre verbo auxiliar *poder* e infinitivo do verbo principal *controlar* em vez do clítico de 1ª pessoa de plural.

Perante esta situação, e apesar de os clíticos empregues estarem em posição adequada, não foi observada a regra de concordância gramatical. Por estas razões, podemos afirmar que os inquiridos desconhecem a regra de seleção e funcionamento de clíticos pronominais reflexivos e/ou recíprocos. Para tanto, Miguel (2003), já mencionada no capítulo II, afirma que a forma destes pronomes é influenciada pela contaminação do substrato linguístico: emprego de uma única

e mesma forma é a característica de Kimbundu, pelo que os pronomes reflexivos e recíprocos aparecem neutralizados na 3ª pessoa sendo “se” para todas as pessoas gramaticais.

4.1.2.7. Casos de má colocação e seleção de clíticos

No tocante à colocação e seleção de clíticos, são analisadas nesta parte do trabalho, certas deslocções que tem que ver com a posição do clítico, a seleção e concordância em relação ao verbo. Foram ao todo 6 clíticos pronominais que não observaram as regras, realçando o clítico *se*, como *se vê* em (7). Apresentamos a devida correção conforme a norma do padrão.

(7) (a) Todos dias brincávamos do carro eu como motorista e brincávamos muito aquilo era *se* divertir até outros dias ficávamos com fome, mas ficávamos alegres. JH-24-T/amizade- 05-06

PE: (... aquilo era divertirmo-*nos*...)

(b) Tivemos namoradas que foram irmãs e *se* conhecemos com elas na escola. OC-19-T/amizade-I.04

PE: (... e conhecemo-*nos* com elas na escola).

(c) Eu *lhe* aconselho. TA-01-T/amizade-I.15

PE: (Eu aconselho-*o*).

(d) A mãe do meu amigo gostava tanto de mim como do seu filho porque a minha amizade tornou-*lhe* a ser uma boa pessoa com a sua família. AM-36-T/amizade-I.13

PE: ... porque a minha amizade *se* tornou a ser / tornaram-no a ser / o tornou a ser

(e) Esse amor que eu sinto é muito grande que nem consigo *se* controlar. IV-34-T/amor-I.01

PE:(... que nem *me* consigo controlar. / controlar-me).

(f) Eu tive um amigo chamado João um amigo que crescemos juntos se conhecemos com 4 anos de idade. OC-19- T/amizade-I.01-02

PE: (...conhecemo-nos...)

Quanto ao contexto de colocação e seleção de pronomes clíticos, situação analisada em simultâneo tendo em conta aspetos de ordem o estudo mostra que os inquiridos têm dificuldades, quanto ao funcionamento de clíticos pronominais relativamente a norma padrão. Verificámos em (7a) e (7b) a má colocação de clítico acusativo *se* na posição proclítica em vez da enclítica, e, quanto à seleção, o pronome clítico selecionado devia ser *nos*; em (7c) o clítico *lhe* ocorreu como proclítico em relação ao verbo *aconselhar* em desobediência a norma do padrão; nota -se a má seleção do clítico dativo *lhe* em lugar de acusativo *o* selecionado pelo verbo; em (7d) o clítico dativo *lhe* ocorre na posição enclítica contrariamente à proclítica, já que na frase há um atrator clítico “porque”; respeitante à seleção e considerando o sentido do verbo *tornar* como (alterar, modificar) considera-se como má a seleção do clítico dativo *lhe* em vez do clítico pronominal/ reflexivo *se/o/* do acusativo; em (7e) nota-se o desrespeito pela regra de colocação do clítico *se* em locução verbal, porque não obedeceu a norma de próclise, uma vez que na frase existe um atrator de clítico; concernente à seleção, selecionou-se o clítico *se* ao invés de *nos* porquanto o enunciado está na 1ª pessoa do plural; em (7f) o clítico *se* ocorreu na posição proclítica em vez da enclítica, quanto à seleção, selecionou-se o clítico reflexivo *se* em vez de *nos* dado o enunciado estar na 1ª pessoa do plural.

4.1.2.8. Casos de omissão de clítico

Encontramos no corpus analisado estruturas frásicas com verbos acidentais, ou seja, verbos que podem ser usados quer na forma pronominal quer na forma simples. Na forma pronominal apresentam omissões de pronomes clíticos, que são parte integrante destes verbos, como é o caso do verbo *alegrar*, *esquecer*, *sentir* e *recordar*, como se pode ver em (8). Apresentamos as frases produzidas pelos inquiridos com transcrição já corrigida conforme a norma do padrão.

(8) (a) Tinha um amigo que [-] alegrava muito. TA-01-T/amizade- I.04

PE: (... que *me* alegrava muito).

(b) Tínhamos bons comportamento e sem [-] esquecer do primeiro dia. AC-05-T/amizade-I.04

PE: ... e sem *nos* esquecer ...

(c) Quando achamos o amor verdadeiro sempre [-] sentimos feliz. AM-33-T/amor-I.06

PE:(... sempre *nos* sentimos felizes).

(d) Sou alguém quando [-] recordo do passado choro. LS-18-T/amizade-I.04

PE: (... quando *me* recordo...)

(e) Eles tinham bom comportamento na sociedade nos vizinhos mais também nunca [-] esqueci deles. GE-30- T/amizade-I.03

PE: (... , mas também nunca *me* esqueci deles).

No inquérito, observámos que, ao nível de domínio e uso de complementos verbais, os inquiridos mostram uma certa incapacidade linguística; da análise feita, constatámos que em (8a) o verbo *alegrar* sendo accidental seria acompanhado por pronome clítico *me* proclítico ao verbo *alegrar*; em (8b) e (8c) os verbos *esquecer* e *sentir*, de modos a completar o seu significado ser-lhes-ia anteposto o clítico *nos*; em (8d) e (8e) seria colocado o clítico *me*, igualmente proclítico em relação aos respetivos verbos.

4.1.2.9. Situação de homofonia

Partindo do princípio de que os hospedeiros de clíticos verbais são sempre os verbos, nesta secção vamos analisar e descrever algumas situações de homofonia, ou seja, casos de ambiguidades manifestados na escrita pelos inquiridos. Os resultados obtidos indiciam má interpretação de palavras que não foram consideradas como clíticos pronominais, mas sim como morfemas suscetíveis de variação, como se pode ver em (9). Verificámos mais uma vez que os inquiridos apresentam debilidades na identificação e escrita de pronomes clíticos.

(9) (a) Mesmo eu trabalha-se tanto mais sem o amor o trabalho é in vão.
LS-18-T/

Amor-I.01

PE: (... *trabalhasse*...)

(b) Mais ninguém pode nós separar do amor que temos com a família. LS-
18-T/amor-I.04

PE: (... ninguém *nos* pode separar...)

(c) Sem ssim esquecendo das diferenças que sempre tivemos mais
sempre fomos muito próximo e felizes. EJ-13-T/amizade-I.02-03

PE: (Sem se esquecer... /ou: sem *nos* esquecermos...)

4.2. Análise e discussão dos dados do grupo da 12ª classe

Como já referimos anteriormente, este teste foi aplicado a 38 alunos da 12ª classe do Liceu do Dundo. A análise deste trabalho basear-se-á na apresentação dos resultados obtidos a partir do teste de comportamento linguístico provocado que foi aplicado para estudo de clítico e distintas formas de emprego. Serão analisados a nível da gramaticalidade e segundo a norma do PE relativamente ao PA.

A nível da gramaticalidade, o clítico pronominal será analisado em diferentes contextos de ocorrência, nomeadamente nas formas verbais simples, compostas, no futuro e no condicional; em estruturas de frases simples, coordenadas e subordinadas; em diferentes situações de frases afirmativas, negativas, introduzidas por advérbios, com pronome indefinido, por pronome interrogativo e com frases começadas com constituintes em posição inicial interpretado em foco. Analisaremos as entradas corretas e desviantes e faremos a consequente caracterização que, a seguir, vamos apresentar.

A primeira tabela corresponde a 1ª questão: «Risque o pronome clítico colocado incorretamente nas seguintes frases»:

Legenda:

(10) (a) Ninguém **se** fechou-**se** na cozinha.

b) Nunca, **nos** esquecemo-**nos** nas atividades.

c) Vi a Maria e **lhe** disse-**lhe** que teríamos aula amanhã.

d) Eu **te** disse-**te** a prova tinha sido antecipada.

Tabela 7: Seleção de clítico colocado incorretamente.

1ª questão	Entradas corretas		Entradas Desviantes	
	Ocorrência	Porcentagem	Ocorrência	Porcentagem
a)	1	0,66%	37	24,34%
b)	12	7,89%	26	17,10%
c)	11	7,24%	27	17,76%
d)	9	5,92%	29	19,08%
Subtotal de ocorrência	33	21,71%	119	78,29%
Total de ocorrência	152			

Os dados da tabela da 1ª questão ilustram que, no total de 152 respostas, na alínea (a), 1 aluno respondeu corretamente (0,66%) contrariamente a 37 (24,34%); na alínea (b) 12 (7,89%) contra 26 (17,10%); na alínea (c) 11 (7,24%) contra 27 (17,76%); na alínea (d) 9 (5,92%) contrariamente a 29 (19,08%).

A tabela a seguir corresponde à 2ª questão: «Identifique e assinale com uma cruz apenas uma alternativa que entenda ser a mais bem formada de entre as que são apresentadas».

Legenda:

(11) (2.1) Encontraram o professor?

(a) Encontraram-lhe. ()

b) Lhe encontram. ()

c) Encontram-no. ()

d) Encontram ele. ()

2.2. O pai foi buscar a filha à escola.

a) Foi buscar a ela? ()

b) Foi buscar-lhe? ()

c) Foi buscar ela? ()

d) Foi-lhe buscar? ()

e) Lhe foi buscar? ()

f) Foi buscá-la? ()

2.3. Alguém viu o professor de Língua Portuguesa?

a) Alguém viu ele? ()

b) Alguém lhe viu? ()

c) Alguém viu a ele? ()

d) Alguém o viu? ()

e) Alguém viu-o? ()

Em 2.1, a alínea bem formulada é a c) Encontram-no.

Em 2.2, a alínea bem formulada é a f) Foi buscá-la?

Em 2.3, a alínea bem formulada é a e) Alguém o viu?

Tabela 8: Identificação de clítico em alternativa que seja mais bem formulada.

Questão		Entradas corretas	Percentagem	Entradas desviantes	Percentagem
2.1	Encontraram o professor?	8	21,05%	30	78,95%
2.2	O pai foi buscar a criança à escola.	20	52,63%	18	47,37%
2.3	Alguém viu o professor de Língua Portuguesa?	12	31,58%	26	68,42%

Os dados da tabela 8 indicam que, de 38 respostas obtidas em cada alínea, em (2.1) o total de respostas corretas foram 8 (21,05%) contra 30 (78,95%); em (2.2) as frases bem formuladas foram 20 (52,63%) contrariamente a 18 (47,37%); e em (2.3) as frases bem formuladas totalizam 12 (31,58%) contra 26 (68,42%), respetivamente.

4.2.1. Caracterização

Considerando os resultados obtidos, na primeira questão, em que tinha que se seleccionar o clítico colocado incorretamente, as respostas dadas pelos inquiridos mostram uma percentagem superior de respostas erradas, pelo que se revela um certo desconhecimento do domínio da função e do uso de pronomes clíticos por parte dos inquiridos.

Na primeira questão, na alínea (10a), dada a presença do proclisador “ninguém”, o clítico acusativo se estaria na posição proclítica; em (10b) com presença de atrator de clítico “nunca”, precedido da vírgula, riscar-se-ia o clítico proclítico em relação ao verbo *esquecer*, conforme a regra já mencionada em 1.4.3.1; em (10c) com oração coordenada, uma vez não existir nenhum proclisador na frase seria riscado o clítico dativo proclítico e considerado o

enclítico; em (10d) a situação é similar a anterior, considerar-se-ia o clítico enclítico em relação ao verbo *dizer*.

Observou-se igualmente em (2.1) e em (2.2) que há a tendência para o uso da forma acentuada para a colocação de clítico dativo em detrimento do clítico acusativo, para o emprego de clítico dativo na posição inicial de frase e para o não cumprimento da disposição de clíticos enquanto houver atrator proclítico; em (2.3) notou-se a não obediência das regras de enquadramento de clíticos pronominais quando na frase existe um proclisador, contrastando assim com a norma do padrão. Como se pode ver nas seguintes frases, produzidas pelos inquiridos. São indicadas as versões corretas de acordo com a norma PE.

(12) PA: Encontraram-lhe.

PA: Lhe encontraram.

PE: Encontram-no.

PA: Lhe foi buscar?

PA: Foi buscar-lhe?

PE: Foi buscá-la?

PA: Alguém lhe viu?

PA: Alguém viu-o?

PE: Alguém o viu?

Esta forma quase generalizada de uso de clítico dativo ao invés de acusativo e do predomínio de clítico na posição inicial da frase e/ou na posição proclítica não é recente. Foi constatada por Gonçalves (2013): embora se registre uma grande instabilidade na colocação de pronomes átonos, sobretudo na linguagem coloquial, os dados recolhidos sugerem que existe a tendência para adotar o padrão proclítico em frases em que não estão presentes atratores da próclise. Por outro lado, Mingas (2000) constatou que o pronome “na variante angolana, por interferência do mesmo tipo de construção em kimbundu, o pronome não é nunca enclítico como em português, mas proclítico”. Deve ainda considerar-se a

influência de novelas brasileiras com grande audiência em Angola nas quais se utiliza uma linguagem com predomínio de clíticos na posição proclítica. Esta situação de colocação do pronome clítico antes do verbo aproxima o PA do que do PB e não do PE. Como afirmam Mattos e Silva (2013), “no PB, a posição mais comum dos pronomes clíticos é a próclise”. Afirmam também que “no PB, existe ainda uma aceitação generalizada dos clíticos na primeira posição da oração exceto os acusativos”. A este respeito, queremos realçar, de acordo com Mingas (2000) que “os angolanos praticam a mesma construção”. Ainda que se registre este contraste entre a norma do PA e do PE, tal não tem criado dificuldades na comunicação no cotidiano, mas pelo contrário provoca sérias complexidades no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, motivo pelo qual este fenómeno deve ser estudado.

4.3. Ocorrência de clíticos com formas verbais simples em frases simples

No gráfico 4, estão organizados os resultados de entradas corretas e desviantes relativas a frases afirmativas, com negativa predicativa, introduzidas por advérbios, por pronome interrogativo e por constituinte em posição inicial interpretado como foco. Os resultados são apresentados em percentagem relativamente a estes contextos.

3ª questão: complete as frases dadas, colocando na posição correta o pronome que se apresenta entre parenteses:

Em 14 estruturas frásicas analisadas na 3ª questão, de 38 inquiridos, são aqui retomados apenas algumas em (13) e outros encontram-se no anexo 1.

- (13)(a) O Leonardo ___ viu ___ na igreja. (o)
- (b) Apenas o Elísio ___ viu ___ na igreja. (a)
- (c) Só a Maria ___ viu ___ na igreja. (a)
- (d) Quem ___ disse ___ que o professor viajou. (lhe)
- (e) Por esse motivo ___ convenceram ___ a não faltar às aulas (o)

Uso de clíticos em estruturas verbais simples

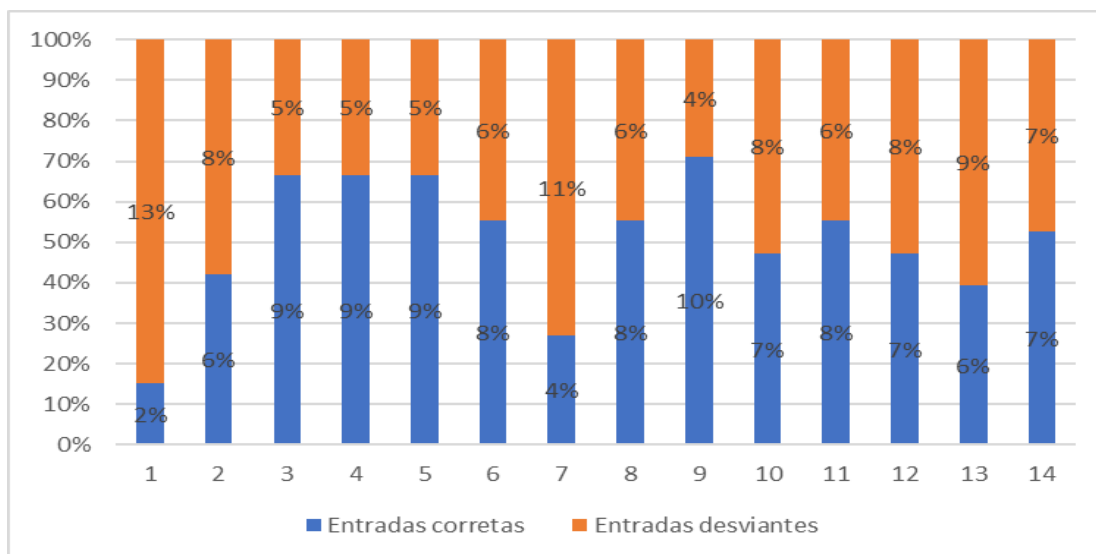


Gráfico 4: Uso de clíticos em estruturas verbais simples

No gráfico 4, as entradas corretas são numerosas com equilíbrio em algumas alíneas. Em 1), 7 respostas, correspondendo a (2,37%) dos inquiridos, estão conforme a norma do PE contrariamente a 31 (13,08); em (2), 18 (6,10%) contra 20 (8,44%); em (3), (4) e (5) 27 (9,15%) contra 11 (4,64%); em (6), 23 (7,80%) contra 15 (6,33); em (7), 12 (4,07%) contra 26 (10,97%); em (8), 23 (7,80%) contra 15 (6,33%); em (9), 29 (9,83%) contra 9 (3,80%); em (10), 20 (6,78%) contra 18 (7,60%); em (11), 23 (7,80%) contra 15 (6,33%); em (12), 20 (6,78%) contra 18 (7,60%); em (13), 17 (5,76%) contra 21 (8,86%) e em (14), 22 (7,46%) contrariamente a 16 (6,75).

4.4. Ocorrência de clíticos em frases coordenadas e subordinadas (finitas e infinitas) com forma verbal simples

A seguir, no gráfico 5, vamos apresentar resultados de entradas corretas e incorretas, em percentagens, obtidos na colocação de clíticos em frases coordenadas e subordinadas (finitas e infinitas).

Uso de clíticos em frases coordenadas e subordinadas (finitas e infinitas)

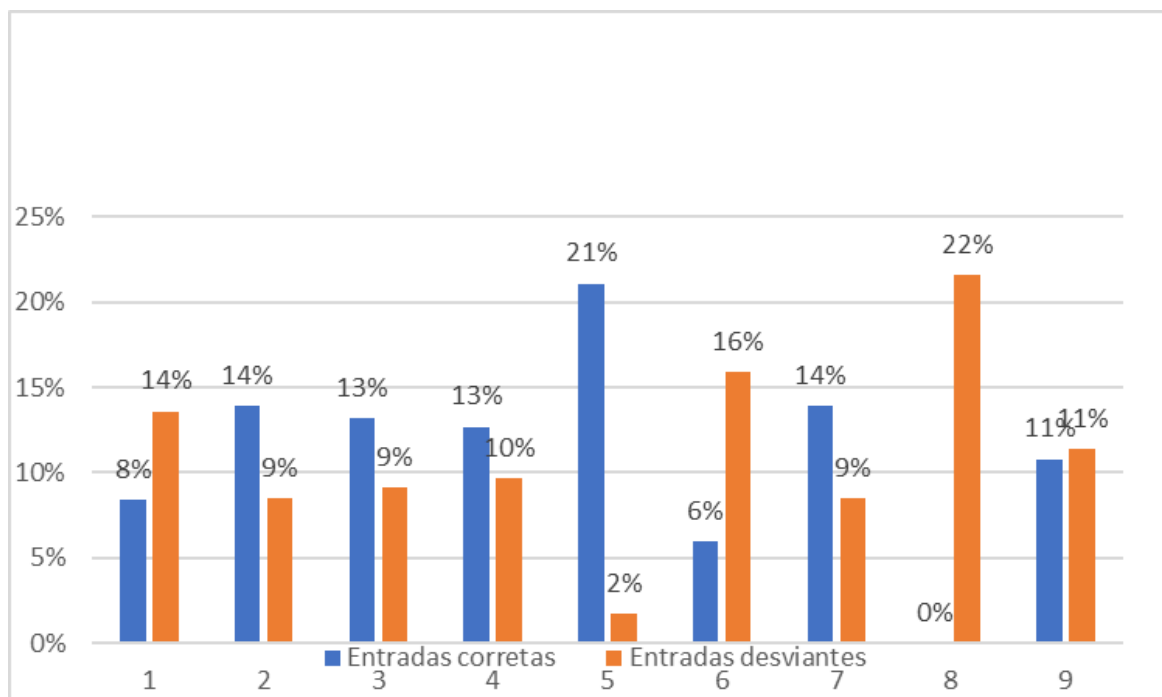


Gráfico 5: Uso de clíticos em frases coordenadas e subordinadas (finitas e infinitas)

Em 9 exercícios, igualmente da 3ª questão, referentes a colocação de clíticos na posição corretas em frases coordenadas e subordinadas, são retomados aqui alguns em (14) para exemplificar e os restantes estão em anexo número 1 e no guião de respostas.

- (14) (a) O Rodriguês visitou o Niltinho e ____ pediu ____ livro. (lhe)
- (b) Quando ____ encontrares ____ fala com ele sobre o negócio. (o)
- (c) O João prometeu à Domingas ____ levar (r) ____ ao jogo. (o)

O gráfico 5, ilustra a variação de resultados obtidos. A posição 1) da tabela indica que 14 inquiridos correspondendo a (8,4%) responderam conforme a norma do PE, contra 24 (13,6%); em (2), 23 (13,9%) contra (15 (8,5%); em (3), 22 (13,2%) contra 16 (9,1%); em (4), 21 (12,7%) contra 17 (9,7%); em (5), 35 (21,1%) contra 3 (1,7%); em (6) 10 (6%) contra 28 (15,9%); em (7), 23 (13,9%) contra 15 (8,5%); em (8), 0 (0%) contra 38 (21,6%) e em (9), 20 (10,8%) contrariamente a 20 (11,4%).

4.4.1. Caracterização

Em estrutura com forma verbal simples e em contexto de frases simples, na 3ª questão, os inquiridos tinham que colocar o pronome clítico na posição correta, em relação à norma do PE. Os resultados indicam mais respostas corretas. Ou seja, dada a existência de atratores proclíticos, a maior parte de respostas foram corretas, pelo que os inquiridos colocaram os clíticos na posição proclítica. Em frases coordenadas e subordinadas (finitas e infinitas), notou-se um certo equilíbrio de respostas, com mais resultados negativos e com a não observância da norma de colocação de clíticos. Os resultados mostram que os inquiridos insistem em usar clíticos na posição proclítica mesmo em casos em que não se impõe esta posição. É o caso da alínea (14a) em que a percentagem de respostas corretas é inferior à de erradas. Assim, revelam mais uma vez a falta de domínio de regra colocação de clíticos pronominais pelo facto de a resposta desviante ser elevadíssima na alínea (14c): dos 38 alunos, nenhum respondeu corretamente a esta questão, em que tinham de alterar a forma verbal infinitiva, ou seja, suprimir a consoante /r/ e usar a forma /la/; diante disto, podemos concluir que os inquiridos não possuem conhecimento deste padrão de colocação de clíticos.

4.5. Ocorrência de clíticos com formas verbais complexas em frases simples

O gráfico abaixo indica a ocorrência de entradas corretas e desviantes de clíticos pronominais com formas verbais complexas, em percentagem em exercícios com frases simples e em diferentes contextos de frases afirmativas e negativa, com verbos em tempos compostos e na voz passiva, reproduzidos aqui alguns em (15) e os restantes estão no anexo número 1 e no guião de respostas.

Legenda da questão 4.1

Reescreva as frases abaixo, substituindo a expressão sublinhada pelo pronome que se apresenta entre parenteses e coloque-o na posição correta.

(15)(a) O Mateus tem visto o Rodriguês esses dia. (o)

(b) O Mateus não tem visto esses dias a Rita. (a)

c) O computador nunca foi entregue a mim pelo Manuel. (me)

Uso de clítico com formas verbais complexas em frases simples

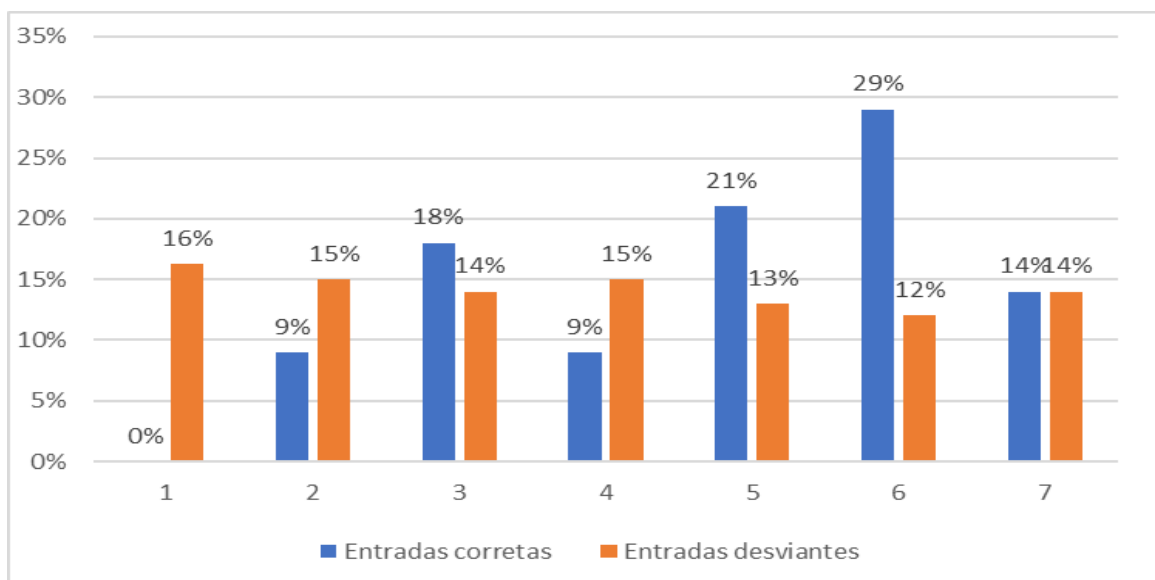


Gráfico 6: Uso de clítico com formas verbais complexas em frases simples

No gráfico 6, os dados ilustram que dos 38 inquiridos, em (1) nenhum aluno substituiu a expressão sublinhada pelo pronome clítico indicado em parêntesis corretamente conforme a norma do PE, equivalendo a 0% contrariamente a 38 (16,3%); em (2), 3 (9%) contra 35 (15%); em (3), 6 (18%) contra 32 (14%); em (4), 3 (9%) contra 35 (15%); em (5), 7 (21%) contra 31 (13%); em (6), 10 (29%) contra 28 (12%); e em (7), 5 (14%) contra (33 (14,4%).

4.6. Ocorrência de clítico com formas verbais complexas, introduzidas por advérbios e pronomes indefinido.

No gráfico 7, estão expostos os resultados obtidos com entradas corretas e desviantes de clíticos pronominais com forma verbais complexas em frases simples, introduzidos por advérbio e com pronome indefinido, reproduzidos aqui em (16).

Legenda da questão 4.2

16)(a) Só a Domingas tinha contado a história <u>à Maria</u> .	(lhe)
(b) Também foi atribuído um subsídio <u>aos trabalhadores</u> .	(lhes)
(c) Nada será entregue amanhã <u>ao aluno</u> .	(lhe)
(d) Alguma coisa tinha aborrecido <u>o professor</u> .	(o)

Uso de clítico em formas verbais complexas, introduzidas por advérbios e pronomes indefinido.

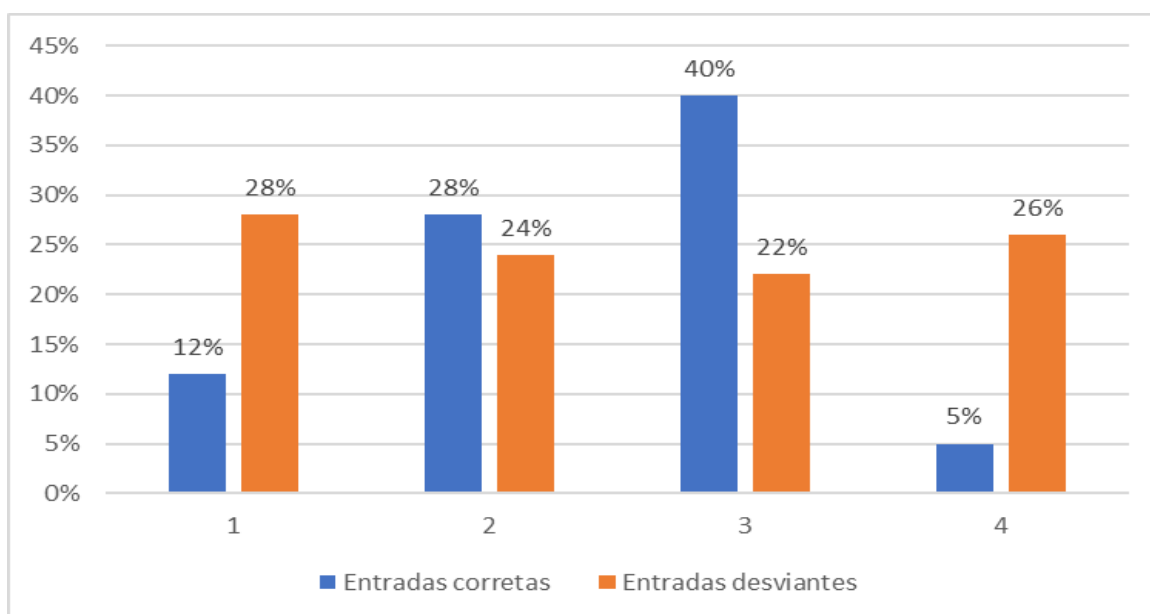


Gráfico 7: Uso de clítico em formas verbais complexas, introduzidas por advérbios e pronomes indefinido

No gráfico 7, os dados indicam que, em (16a) apenas 3 alunos (12%) é que responderam conforme a norma do PE contrariamente a 35 (28%); em (16b) 7 (28%) contra 31 (24%), (16c) 10 (40%) contra 28 (22%); e em (16d) 5 (20%) contra 33 (26%).

4.7. Ocorrência de clíticos em frases coordenadas e subordinadas (finitas e não finitas) com forma verbal composta.

Na tabela 9, vamos apresentar os resultados de entradas corretas e desviantes relacionados com a colocação de clíticos com formas verbais complexas, em frases coordenadas e subordinadas (finita e não finita), com negação predicativa e com pronome indefinido, conforme apresentados aqui em (17).

Legenda da questão 4.3.

(17) (a) O José tem-se zangado com o António tem maltratado o António.
(o)

(b) O António tem desculpado sempre das zangas ao José, mas este nunca tinha maltratado o António. (o)

(c) Os filhos têm visto o que acontece e todos têm dado razão ao pai. (lhe)

(d) Não falei com o Carlos embora tivesse visto o Carlos. (o)

(e) É provável o salário vir a ser aumentado no próximo ano aos trabalhadores. (lhes)

Tabela 9: Uso de clíticos em frases coordenadas e subordinadas (finitas e não finitas) com forma verbal composta.

Alíneas	a)	b)	c)	d)	e)
Entradas corretas de clíticos	0	3	2	4	4
Resultados em percentagem	0%	23%	15%	31%	31%
Total de entradas corretas	13				
Entradas desviantes de clíticos	38	35	36	34	34
Resultados em percentagem	22%	20%	20%	19%	19%
Total de entradas desviantes	177				

A partir da tabela 9, compreende-se que, dos 38 inquiridos, na alínea (a), nenhum aluno reescreveu e substituiu corretamente o clítico indicado entre parênteses conforme a norma do PE, correspondendo a (0%) contrariamente a 38 (22%); na alínea (b), 3 (23%) contra 35 (20%); na alínea (c), 2 (15%) contra 36 (20%); na alínea (d), 4 (31%) contra 34 (19%) e igualmente na alínea (d), 4 (31%) contra 34 (19%).

4.8. Ocorrência de clíticos na conjugação perifrástica

Na tabela 10, estão expostos resultados relativos a realizações corretas e desviantes relacionadas com a colocação de clíticos com forma verbais na conjugação perifrástica em frases simples, com pronome indefinido, introduzidos por pronome interrogativo, a seguir ao verbo modal ou aspectual e com forma finita do verbo principal, reproduzidos aqui em (18).

Legenda da questão 4.4.

(18) (a) Ninguém pode ajudar o electricista. (o)

(b) Perguntei ao Betinho quem anda a dizer ao Anderson essas ofensas.
(lhe)

(c) O Simão acaba de ver o polícia subir no carro. (o)

(d) Os professores começam a corrigir as provas amanhã. (as)

Tabela 10: Uso de clíticos na conjugação perifrástica

Alíneas	a)	b)	c)	d)
Entradas corretas de clíticos	10	6	5	0
Resultados em percentagem	47,62%	28,57%	23,81%	0%
Total de entradas corretas	21			
Entradas desviantes de clíticos	28	32	33	38
Resultados em percentagem	21,37%	24,43%	25,19%	29,01%
Total de entradas desviantes	131			

A partir da tabela 10, os dados demonstram que, dos 38 inquiridos, na alínea (a) só 10 reescreveram e substituíram corretamente o clítico conforme a norma do PE, correspondendo a (47,62%) contrariamente 28 (21,37%); na alínea (b), 6 (28,57%) contra 32 (24,43%); na alínea (c), 5 (23,81) contra 33 (25,19%); na alínea (d), nenhum aluno contra 38 (29,01%).

4.9. Ocorrência de clíticos na forma verbal simples do futuro e do condicional

Na tabela 11, estão apresentados resultados relativos a realização corretas e desviantes referentes a colocação de pronomes clíticos nas frases simples da forma verbal do futuro e do condicional em frases afirmativas, com negação predicativa, introduzidas por advérbio, com pronome indefinido, reproduzidas aqui em (19).

Legenda da questão 4.5.

(19) (a) Eles dirão ao Decano se aplico ou não as provas. (lhe)

(b) O Lucas nunca diria uma coisa dessas a mim. (me)

(c) O professor afirmaria a mesma coisa ao decano. (lhe)

(d) Apenas o Castro Ajudará o Manuel neste trabalho. (o)

(e) Ninguém diria isso à mãe.

(lhe)

Tabela 11: Uso de clítico na forma verbal simples do futuro e condicional

Alíneas	a)	b)	c)	d)	e)
Entradas corretas de clíticos	0	8	0	12	17
Resultados em percentagem	0%	22%	0%	32%	46%
Total de entradas corretas	37				
Entradas desviantes de clíticos	38	30	38	26	21
Resultados em percentagem	25%	20%	25%	17 %	13%
Total de entradas desviantes	153				

Na tabela 11, os dados indicam que na alínea (a) nenhum dos inquiridos respondeu conforme a norma do PE, correspondendo a (0%) contrariamente a 38 (25%); na alínea (b), 8 (22%) contra 30 (20%); na alínea (c), 0 (0%) contra 38 (25%); na alínea (d), 12 (32%) contra 26 (17%) e na alínea (e), 17 (46%) contra 21 (13%).

4.10. Ocorrência de clíticos na forma verbal composta do futuro e do condicional

Na tabela 12, estão demonstrados resultados relativos a realização corretas e desviantes referentes a colocação de clíticos na forma verbal do futuro e do condicional em forma composta, com pronome indefinido e introduzidas por pronome interrogativo.

Legenda da questão 4.6.

(20)(a) O Elísio terá dito algo ao pai.

(lhe)

(b) As crianças teriam visto a Zaida se ela estivesse em casa.

(a)

(c) Algum amigo teria convidado o João para a festa. (o)

(d) Para que lugar essa menina teria levado a Esperança a jantar?(a)

Tabela 12: Uso de clíticos na forma verbal composta do futuro e do condicional

Alíneas	a)	b)	c)	d)
Entradas corretas de clíticos	9	0	7	4
Resultados em percentagem	45%	0%	35%	20%
Total de entradas corretas	20			
Entradas desviantes de clíticos	29	38	31	34
Resultados em percentagem	22%	29%	23%	26%
Total de entradas desviantes	132			

Os dados da tabela 12 expostos, indicam que, dos 38 inquiridos, na alínea (a) apenas 9 (45%) reescreveram e substituíram corretamente o clítico indicado segundo a norma do PE contrariamente a 29 (22%); na alínea (b), nenhum aluno, ou seja, 0 (0%) contra 38 (29%); na alínea (c), 7 (35%) contra 31 (23%) e por último na alínea (d) somente 4 (20%) contra 34 (26%).

5. Caracterização

Em estrutura com formas verbais complexas e em contexto de frases simples, na quarta questão (em que os inquiridos tinham que reescrever e substituir a expressão sublinhada a indicar objeto direto ou indireto pelo pronome clítico correspondente) as respostas desviantes são superiores relativamente as corretas. Verificámos que os inquiridos não têm domínio do funcionamento e das regras de uso dos pronomes clíticos, quer seja na colocação de clíticos pronominais com tempos compostos verbais na passiva, quer seja com negação predicativa; o facto de terem colocado o clítico *a* na frase transcrita sem no entanto, terem observado o seu padrão de colocação, segundo o qual o pronome clítico *o/ a/ os/ as*, assumem a forma de *no/ na/ nos/ nas*, e de não respeitarem a posição do clítico conduziu os inquiridos a produzirem frases agramaticais relativamente ao padrão, como se vê em (21).

(21) (a) *O Mateus tem visto o esses dias.

*O Mateus tem o visto esses dias.

padrão: O Mateus tem-*no* visto esses dias.

(b) *O Mateus não tem visto a esses dias.

*O Mateus não tem a visto esses dias.

Frase padrão: O Mateus não *a* tem visto esses dias.

(c) *O computador nunca foi me entregue pelo Manuel.

?? O Manuel nunca *me* entregou o computador. (esta embora esteja certa, alterou a ordem da frase.

Frase padrão: O computador nunca *me* foi entregue pelo Manuel.

Notou-se igualmente a falta de segurança linguística e o reduzido domínio da função e do uso dos padrões de colocação de pronomes clíticos: os inquiridos colocaram o clítico dativo */lhe/ lhes/* e o acusativo */o/* entre o verbo auxiliar e o verbo principal, não respeitando os proclisadores *só, também, nada, alguma*, que atraem o clítico para a posição anterior ao verbo auxiliar; não obedecendo a este

princípio, os inquiridos produziram as seguintes frases desviantes relativamente a norma do PE, como em (22).

(22) (a) *Só a Domingas tinha-*lhe* contado a história.

*Só a Domingas tinha contado *lhe* a história.

Frase padrão: Só a Domingas *lhe* tinha contado a história.

(a) *Também foi *lhes* atribuído um subsídio aos.

*Também foi atribuído *lhes* um subsídio.

Frase padrão: Também *lhes* foi atribuído um subsídio.

(b) *Nada será entregue *lhe* amanhã.

*Nada será *lhe* entregue amanhã.

Frase padrão: Nada *lhe* será entregue amanhã.

(c) *Alguma coisa tinha *o* aborrecido.

*Alguma coisa tinha acontecido *o*.

padrão: Alguma coisa *o* tinha acontecido.

O corpus analisado em 4.3 revela também que os inquiridos não têm domínio do uso de clíticos pronominais em frases coordenadas e subordinadas (finitas e não finitas) devido a má colocação do clíticos /o/ *lhe/lhes*/, ou seja, em a) o clítico não obedeceu a regra, segundo a qual os pronomes *a/ o/ os/ as/* apresentam-se na forma de /*no/na/ nos /nas* quando a forma verbal termina em nasalidade, e segundo a qual o PE admite subida de clítico no caso da seleção pelo hospedeiro verbal quando o clítico pronominal não é dependente; em b), a situação é similar a anterior; porém, devia considerar-se a presença de operador de negação *nunca* na segunda oração para atrair o clítico *o* para a posição proclítica em relação ao verbo auxiliar; em c), na sua segunda oração subordinada existe o complementador simples *embora*: o clítico *o* seria proclítico ao verbo auxiliar; na alínea d), dada a inexistência de ênclise com participios, o clítico *lhes* seria proclítico a este e enclítico em relação ao verbo infinitivo. Não obedecendo a

estas regras, os inquiridos produziram frases agramaticais como se pode ver em (23).

(23) (a) *... e tem o maltratado.

*... e tem maltratado o.

Frase padrão: O José tem-se zangado com o António e tem-*no* maltratado.

(b) *..., mas este nunca tinha-o maltratado.

*..., mas este nunca tinha maltratado *lhe*.

Frase padrão: O António tem desculpado sempre das zangas ao José, mas este nunca o tinha maltratado.

(c) *Não falei com o Carlos embora tivesse visto-o.

*Não falei com o embora tivesse visto.

Frase padrão: Não falei com o Carlos embora o tivesse visto.

(d) *É provável o salário vir a ser aumentado no próximo ano *lhes*.

*É provável o salário vir *lhes* a ser aumentado no próximo ano.

Frase padrão: É provável o salário vir a ser-*lhes* aumentado no próximo ano.

No exercício 4.4, quanto a ocorrência de clíticos com verbos em conjugação perifrástica em frases simples, notámos um certo desconhecimento, uma vez mais, sobre as normas de colocação de pronomes clíticos: entre os inquiridos, nenhum substituiu corretamente o clítico pronominal na alínea d); ainda assim, os dados revelam que, neste contexto, ocorreu a má colocação dos clíticos *o*, *lhe*, *as*, isto é, em a), em sequências verbais encabeçadas por verbos semiauxiliares aspectuais que selecionam uma preposição distinta de *a*. Neste caso, a subida de clíticos pode operar ou pode produzir resultados marginais, devendo o clítico ser proclítico ao verbo auxiliar ou enclítico ao verbo principal no infinitivo, mas assumindo a forma *lo*; em b), dada a introdução de pronome interrogativo na frase, o clítico *lhe* seria proclítico ao verbo auxiliar; em c), o caso correto do clítico

seria a subida do clítico ou aplicação do clítico no domínio encaixado com a forma o ou proclítico ao verbo auxiliar; em d), o clítico *as* igualmente tomaria a forma de *las*, estando enclítico em relação ao verbo principal. Não obedecendo a estas regras, os inquiridos produziram frases agramaticais, como se pode ver em (24).

(24) (a) *Ninguém pode o ajudar.

*Ninguém pode ajudar-o.

Frase padrão: Ninguém o pode ajudar. Ou: Ninguém pode ajudá-lo.

(a) *Perguntei ao Betinho quem anda a *lhe* dizer essas ofensas.

*Perguntei ao Betinho quem a anda a dizer *lhe* essas ofensas.

Frase padrão: ... que *lhe* anda a dizer essas ofensas.

(b) *O Simão acaba de ver o subir no carro.

Frase padrão: O Simão acaba de vê-lo subir no carro. / ou: de o ver ...

(c) *Os professores começam as corrigir amanhã.

*Os professores começam a corrigir as amanhã.

Frase padrão: Os professores começam a corrigi-las amanhã.

Com forma verbal simples do futuro e do condicional, a questão 4.5. é relativa a substituição de objeto direto ou indireto pelo pronome correspondente em posição mesoclítica, nas condições em que não se aconselha a ênclise. No corpus analisado, constatámos a falta de competência linguística e uma vez mais a revelação do desconhecimento de padrões de colocação de pronomes clíticos: todos os inquiridos produziram respostas desviantes em a) e c), ao passo que em b) e em e), podemos afirmar que o uso de clíticos pronominais favoreceu mais a próclise, confirmando Frota e Vigário, (1996), citados por Matos (2003). Verificámos que os inquiridos colocam o clítico ora na posição proclítica como é usual segundo o PA ora enclítica, posição constatada como a alternativa no PE (moderno). Matos (2003:865), afirma que na variedade europeia sobrevivem marcas de uma gramática antiga, que está claramente em desaparecimento

havendo a colocação enclítica como alternativa à mesoclítica. Considerando essa inobservância da norma padrão, os inquiridos produziram frases agramaticais, como se ilustra em (25).

(25) (a) *Eles *lhe* dirão se aplico ou não as provas.

*Eles dirão *lhe* se aplico ou não as provas.

Frase padrão: Eles dir-*lhe*-ão se aplico ou não as provas.

(b) * O Lucas nunca diria-*me* uma coisa dessas.

Frase padrão: O Lucas nunca me diria uma coisa dessas.

(c) *O professor *lhe* afirmaria a mesma coisa.

*O professor afirmaria-*lhe* a mesma coisa.

Frase padrão: O professor afirmar-*lhe*-ia a mesma coisa destas.

(d) *Apenas o Castro ajudará-*o*.

Frase padrão: Apenas o Castro o ajudará.

(e) *Ninguém diria-*lhe* isso.

Frase padrão: Ninguém *lhe* diria isso.

Quanto ao corpus analisado no exercício 4.6, reescrita e substituição do objeto direto ou indireto com formas verbais compostas do futuro e do condicional em frases simples afirmativas e com pronome indefinido, a situação é idêntica à já descrita. Os inquiridos não possuem competência no uso de regras de colocação de clíticos pronominais: nenhum deles substituiu o clítico *a* na alínea b) conforme a norma do PE. Observámos igualmente a má colocação de clíticos *lhe* e *o*, desrespeitando a regra já anunciada no parágrafo anterior, e outra segundo a qual, nos tempos compostos e passivas de ser, os clíticos posicionam-se à esquerda do verbo auxiliar, se existir um atrator, como é caso das alíneas a), c) e d). Não obedecendo a estas regras, os inquiridos produziram frases agramaticais, como se ilustra em (26).

(26) (a) *O Elísio terá-*lhe* dito algo.

*O Elísio terá dito-*lhe* algo.

Frase padrão: O Elísio ter-*lhe*-á dito algo.

(b) *As crianças teriam a visto se ela estivesse em casa.

Frase padrão: As crianças tê-*la*-iam visto se ela estivesse em casa.

(c) *Alguém teria convidado a para a festa.

Frase padrão: Alguém a teria convidado para a festa.

(d) *Para que lugar essa menina teria a levado para jantar?

*Para que lugar essa menina teria levado-a para jantar?

Frase padrão: Para que lugar essa menina a teria levado para janta?

Em síntese

Neste último capítulo, fazemos a apresentação e discussão dos dados e a consequente análise. Pudemos observar, em textos produzidos por inquiridos do Complexo Escolar do Samacaca, o enquadramento dos pronomes clíticos em percentagem superior quer de entradas corretas quer as entradas desviantes quanto à colocação e seleção em posição proclítica. Constatámos que as palavras *eu, ele, igreja, pais, distância, infinita, próximo, infinita, caía* a funcionar como atratores de próclise nas frases simples e os vocábulos *e* e *mas* como atratores de próclise nas frases complexas. Tendo em conta este fenómeno, defendemos o ensino de padrões de colocação dos pronomes clíticos conforme o PE.

Confirmámos a seleção indevida de forma de clíticos pronominais de CD (*o, a, os, as*) a serem substituídos por CI (*lhe*) e os reflexivos e recíprocos de 1ª pessoa gramatical aparecem na 3ª pessoa. Verificámos igualmente que o pronome clítico *lhe* está associado a desvios relativamente à norma do PE, fundamentalmente na sua função de complemento indireto, mas com o mesmo pronome em função de complemento direto. Segundo Miguel (2003) os pronomes reflexos e recíprocos de 1ª pessoa aparecem neutralizados na forma *se* para todas as pessoas gramaticais. Este fenómeno pode ser justificado pela

contaminação do substrato linguístico, já que o emprego de uma única e mesma forma de pronome reflexo e recíproco é característica das línguas bantu.

No corpus analisado, os inquiridos não produziram estruturas frásicas com um verbo em que o pronome clítico ocupasse a posição enclítica ao invés de proclítica. Porém, apesar de não ocorrer nenhum caso desta natureza, comprovamos o fenómeno defendido por vários autores, segundo os quais nas línguas bantu os infixos de CD e CI e os infixos reflexivos e recíprocos são sempre colocados depois das partículas formativas antes do radical verbal. Por estas razões o português falado em Angola é predominantemente proclítico.

Notámos que, seja no grupo da 9ª classe seja no da 12ª classe, apesar do intervalo que os separa, foram raramente usados, os clíticos *o, as, os, lo, vos*. Tendo em conta que a 12ª classe é terminal no ensino geral, a falta de domínio no uso de pronomes clíticos e a prevalência de desvios relativos à colocação dos clíticos em relação a norma do PE é motivo de preocupação científica e pedagógica.

Relativamente a locuções verbais, os inquiridos usam o clítico ora como enclítico e/ou proclítico em relação ao verbo auxiliar ora como enclítico em relação ao verbo principal. Neste contexto, tendo em conta a predominância da próclise no PA, propusemos assim, que faça parte da norma em formação em Angola, a colocação do clítico na posição proclítica em relação ao verbo principal.

Verificámos também a falta de segurança linguística e o fraco domínio da função e dos padrões de colocação de pronomes clíticos, fundamentalmente em estruturas verbais complexas, sejam orações coordenadas ou subordinadas; nas formas verbais com o tempo composto com o futuro e o condicional, com a conjugação perifrásticas, os inquiridos produziram um número elevado de respostas desviantes.

Observámos nos dois grupos a tendência acentuada para o uso do clítico CI em detrimento do clítico CD assim como o emprego de clítico na posição inicial de frase, quando não existir atrator proclítico. Verificámos igualmente que esta forma de colocação de clítico, antes da forma verbal por parte dos inquiridos, é

semelhante à do português brasileiro (PB), diferenciando do português europeu (PE).

Defendemos que os desvios de colocação de clíticos em relação à norma do PE, e embora esteja em formação uma norma do PA, não tem criado dificuldades na comunicação no quotidiano, mas sim provoca sérias complexidades no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, motivo pelo qual propomos o ensino, aplicação, consolidação dos padrões de colocação dos pronomes clíticos conforme a norma do PE.

Conclusões

Na realização deste trabalho, o objetivo era primeiramente o de contribuir para a descrição e explicação (em textos escritos pelos alunos do 1º e 2º ciclo do ensino secundário) das particularidades no uso dos pronomes clíticos.

Dada a importância das classes terminais de cada ciclo, nomeadamente a 9ª e 12ª classes do 1º e 2º ciclo do Ensino Secundário respetivamente, a utilidade deste estudo tem uma dimensão científico-pedagógica.

Por conseguinte, através da análise feita, verificámos a ocorrência predominante de pronomes proclíticos independentemente de a norma do PE apontar para enclíticos ou mesoclíticos.

Entre as categorias gramaticais, os pronomes pessoais “eu” “ele” e as conjunções coordenativas “e” e “mas” são os itens que mais se destacam como sendo atractores de próclise e, com menor incidência, as categorias de nome, adjetivo e verbo.

Verificámos a ocorrência acentuada de clíticos com a função de complemento indireto a funcionar como clíticos de complemento direto. Também os reflexivos e recíprocos da primeira pessoa aparecem na forma de terceira pessoa gramatical; facto que comprova que a norma em formação do português em Angola ainda influencia o contexto de seleção de pronomes clíticos.

No corpus analisado, não registámos nenhuma ocorrência de clítico na posição enclítica em vez da proclítica. Razão pela qual, concluímos que o português falado em Angola é predominantemente proclítico.

Notámos que nos inquiridos, apesar de o nível académico ir avançando, prevalecem as dificuldades relativas a desvios de colocação e seleção de pronomes clíticos em relação a norma padrão.

No que se refere a locuções verbais, os inquiridos mostraram um certo desconhecimento dos padrões de colocação de clíticos, porquanto colocam o clítico ora como proclítico ora como enclítico ao infinitivo e ao participio. Esta

situação é inversa à que se verifica com predicados simples, com apenas um verbo. Considerando a predominância da próclise no português em formação em Angola, neste contexto, (com predicados simples) sugerimos que a colocação de clíticos na posição proclítica, em circunstâncias em que não houver proclisador, integre a norma do PA.

Em geral, os inquiridos manifestaram um desconhecimento do domínio da função dos clíticos, falta de segurança linguística, e baixo nível de domínio dos padrões de colocação de pronomes clíticos, sobretudo em estruturas verbais complexas (nas formas verbais com tempo composto, no futuro e no condicional, na conjugação perifrásticas). Com efeito, nestes contextos os inquiridos produziram um número elevado de respostas desviantes. Diante disto, propomos o ensino das regras aqui expostas, sua aplicação e consolidação dos padrões de colocação dos pronomes clíticos conforme a norma do PE, e a consequente formação de professores de Língua Portuguesa nesta área gramatical.

Para finalizarmos, estamos convictos de que a presente pesquisa pode revestir-se de algum proveito no sentido de contribuir para o uso correto de pronomes clíticos pelos falantes do português em Angola assim como constituir uma bibliografia para os futuros investigadores sobre o assunto.

Referências Bibliográficas:

- BECHARA, Evanildo (2003). *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- CÉSAR, Gina (2014). *O Uso de Pronomes Clíticos em Textos de Ensino Secundário e Universitário em Nampula*, Aveiro Dissertação de Mestrado no Departamento de Línguas e Culturas.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (2014). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 21ª edição. Lisboa: João Sá da Costa.
- DUARTE, Inês (2003). “Padrões de Colocação dos Pronomes Clíticos”. In: Mateus et. al., *Gramática da Língua Portuguesa*, 7ª edição. Lisboa: Caminho, pg. 847
- GALLISSON, R. & COSTA D. (1983). *Dicionário de Didática das Línguas*, Coimbra: Almedina.
- GONÇALVES, Perpétua (2013) “O Português em África”. In: Raposo, Eduardo Paiva et. al., *Gramática do Português*, Vol. I. pg.171-172. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Pp.171-172.
- INVERNO, Liliana (2005) “A Transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal”, In: Ana Carvalho (ed), *Português em contacto*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana /Editorial Vervuert.
- JUDITH, B. (1997). *Como realizar um Projeto de Investigação um guia para a pesquisa em ciências e da Educação*. Lisboa: Gradiva,1993.
- LAKATOS, E. M., e MARCONI M.A (1991). *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1991.
- LOBO, Maria (2013) “Dependências Referencias”. In Raposo, Eduardo Paiva et. al., *Gramática do Português*. Vol. II. pp. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2193-2194.

- MATOS, Gabriela (2003) “Tipos de pronomes clíticos”. In: Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho.
- MARTINS, Ana Maria (1994). *Clíticos na história do português*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- MARTINS, Ana Maria (2016). “A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia”. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.), Manual de Linguística Portuguesa. Berlin/Boston: De Gruyter. 401-430.
- MARTINS, Ana Maria (2013). “Posição dos pronomes pessoais clíticos”, in Raposo, Eduardo Paiva et al. Gramática do Português, Vol. II. Lisboa: Calouste Gulbenkian, pg. 2193-2194 e 2231
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, 7ª edição. Lisboa: Caminho.
- MATOS, Gabriela (2003). “Tipologia dos Pronomes Clíticos”. In: Mateus, et ali., Gramática da Língua Portuguesa 7ª edição. Lisboa: Caminho, pg. 827
- MATTOS, Rosa Virgínia & Silva (2013). “O Português do Brasil”. In: Raposo, Eduardo Paiva et. al., Gramática do Português, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Pg.153
- MAPASSE, Ermelinda (2005). *Clíticos Pronominais do Português em Moçambique*. Lisboa, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa.
- MOREIRA, Vasco & PIMENTA, Hilário (2017). *Gramática de Português*, 1ª edição: Porto Editora.
- MARQUINHAS, Rita (2013). “Fenómeno de mudança na história de português”, in: Raposo, Eduardo Paiva et al. Gramática do Português, Vol. I. Lisboa: Calouste Gulbenkian, pg. 35-36
- MINGAS, Amélia A. (2000). *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*. pg.23,71-72. Luanda: Xá de Caxinde, 2000.

- MIGUEL, Maria Helena (2003). *Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda*. Luanda: Editorial Nzila.
- MORENO, António (2015). “Pronomes clíticos e regência verbal em Niketche de Paulina Chiziane: Estilo ou variação linguística?”, in: Ferreira António, M., Brasete Maria, F. *Pelos Mares da Língua Portuguesa 2*. Universidade de Aveiro.
- NUNES, C., OLIVEIRA, Maria, L., & SARDINHA, Maria, L. (1997). *Nova Gramática de Português*, 5ª edição. Lisboa: Plátano editora.
- NZAU, Domingos Gabriel Dele (2011). *A Língua Portuguesa em Angola: Um Contributo para o Estudo da sua Nacionalização* (Tese para a obtenção do grau de Doutor em Letras) Universidade da Beira Interior. Covilhã.
- PAGOTTO, Emílio Gozze (1992). *A Posição dos Clíticos em Português: Um Estudo Diacrónico*. Dissertação apresentada a coordenação de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística
- PINTO, J. M. Castro & LOPES, M. do C. Vieira (2002). *Gramática do Português Moderno*, 1ª edição. Plátano Editora.
- RAPOSO, Eduardo Paiva (2013). *Caracterização dos pronomes*. Gramática do Português Gramática do Português. Vol. I. pp.893 Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- REIS, F.L. (2010). *Como elaborar uma dissertação de Mestrado*. Segundo Bolonha. Pactor: 2010
- SARDINHA, Leonor & OLIVEIRA, Luísa (2005) *Saber Português Hoje*, 1ª edição. Didática Editora.
- SILVA, E.L & MENEZES E.M (2005). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. Florianópolis: UFSC, 2005.

- SAID, Ali. M (1966). *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 7ª edição. Edições Melhoramentos, pg. 198
- SEMEDO, Manuel Brito (1997). *A Colocação dos Clíticos no Português em Maputo*. INDE.
- TAVARES, J. (2013). *O Pronome na Grammatica Portuguesa*, de Alfredo Gomes. Vol.13, nº2 Cadernos de Pós-Graduação em letras.
- UNDOLO, Márcio Edu da Silva (2014). *Caracterização da norma do português em Angola*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora.

APÊNDICE

Entradas corretas

1. Nós erramos, mas temos que perdoar porque deus *nos* perdoa. IV-34-T/amizade I.08
2. Eu não sei se eles (as) sentem mesma coisa, mas não *me* importa. IV-34T/amizade-I.04
3. Nós devemos fazer coisas aos outros o que queremos que *nos* façam. EW-35-T/amor-I.7
4. O meu amor com próximo é muito positivo é amor que ninguém se esquece. AC- T/amor-I.02
5. As minhas amigas conheceram-*me* e foi uma boa amizade. AF-37-T/amizade-I.04
6. Os nossos pais davam-*nos* brinquedos. TA-01-T/amizade-I.06
7. Nós amamos um ao outro e nunca consegui esquecer-*la*. AF-37- T/amizade-06
8. Nem sempre se comportam bem, mas pelo que eu sei elas também *me* amam. IV—T/amor-I.08
9. Uma coisa importante é não fazermos aos outros o que não queremos que *nos* façam. EW-35-T/amor-I.6
10. O que *me* põe tranquilo é que até agora *nos* mantemos informados isto é mais importante na vida. AM – 36-T/amizade- I.18
11. Ela que *nos* dá de vestir e de comer desde o falecimento dos nossos pais. AM1-T/amor-I.01
12. O nosso país terá o futuro melhor que deus há de *nos* abençoar. AR-31-T/amor-I.04

13. Você é uma mulher mais bonita e és o meu jardim, quando você *me* deixa eu gasto tipo uma vela. GJ-29-T/amor-I.07
14. Ela é o amor da minha vida e amo também os meus amigos/as e aqueles que *me* conhecem. JV-26-T/amor-I.05
15. Os amigos conheceram-*me* melhor. IJ-15-T/amizade-I.04
16. Devemos ajudar os nossos próximos e apoiá-*los* nas suas necessidades. IJ-15-T/amor- I.04
17. A minha amizade foi sempre boa, sincera e verdadeira e até hoje continua a ser boa, porque *me* comporto bem com os meus amigos. AM2- 12-T/amizade-I.01
18. Na minha infância fui bem-comportado, mostrando o amor verdadeiro, carinho, a compaixão com todos os amigos, vendo-os a sorrir e não a chorar, vendo-os felizes e não triste. AM2-12-T/amizade-I.03-04
19. O amor não vem só, mas sim nós é que o criamos. AM2-12-T/am-I.02
20. O amor que eu tenho com o próximo é de respeitá-lo como um ser humano. OD-09-T/amor-I.01
21. O amor deste de recordações tristes e alegres a solução é de *nos* amarmos uns aos outros. OD-09-T/amor-I.05-06
22. O amor sincero nunca abandona o outro, se o teu amor foi embora chame-o se não está respondendo. AM2-12-T/amor-I.03-04
23. Grite mais alto se não está vindo cala-*te* porque o amor verdadeiro sempre volta. AM2-12-T/amor-I.03-06
24. Uma boa amizade é ter um amigo que *te* defende. SS-11-T/amizade-I.02
25. Amor ao próximo primeira regra amarmo-*nos* uns aos outros respeitando-*nos* uns aos outros, cuidarmos de uns aos outros não desejar mal ao teu próximo que não espere que *te* façam a ti. HM-10-T/amor-I.01-06

26. Tinha uma amizade com uma amiga minha que *me* ensinou muitas coisas. ZF-08-T/amizade-I.02
27. Ela não só foi uma amiga, mas também uma irmã que *me* ensinava como fazer as coisas. ZF-08-T/amizade-I.03
28. Amar os outros como *nos* amamos a nós mesmos. MS-06-T/amor-I.05
29. Consegui ter bons amigos que *me* ajudam em muitas coisas e que também *me* dão alegria. 04-T/amizade-I.01-05
30. Eu considero também os meus pais como amigos, porque se interessam muito comigo para *me* ensinar, corrigir e até punir. PD- 04-T/amizade-I.01-06
31. Muitos dizem que quando os seus pais pegam num chicote para punir, pensam que não o amam. PD-T/amizade-I.07
32. A solução é de *nos* amarmos uns aos outros. OD-09- T/amor- I.06
33. Amor é algo que não morre e algo que não se destrói. AC-02-T/amor-I.01
34. Sem amor não *me* sinto feliz. MC-22-T/amor- I.01
35. Ter amor tens de saber mostrar-*te*. AM-33-T/amor-I.08
36. Quando disse aos pais que *vos* amo. EM-14-T/amizade-I.07
37. Deus amou ao mundo é assim que *nos* devemos amar uns aos outros. MD-28-T/amor-I.02
38. Ele por sua vez ensinou-*me* a dominar a bola. AM-36-T/amizade-I.05
39. Nós devemos-nos esforçar para combater preconceito. EW-35-T/amor-I.12

Próclise ao em vez da ênclise

40. A amizade que eu tinha era uma amizade infinita nos comportávamos bem como irmãos. CC-07-T/amizade-I.01
- PE: (... comportávamo-*nos* bem como irmãos).

41. ...meus amigos são os melhores porque quando eu caía *me* levantavam e *me* corrigiam. HL- 03-T/amizade- I.06-07

PE: (... quando eu caía levantavam-*me* e corrigiam-*me*).

42. Sem amor não teria amigos porque com amor formos e *me* aproximo com os que hoje em dia tenho. MC-22-T/amor-05-I.03

PE: (... aproximo-*me* com os que hoje em dia tenho).

43. Tivemos algumas brigas mas *nos* reconciliávamos muito rápido. ZF-08-T/amizade- I.05

PE: (... , mas reconciliávamo-*nos* muito rápido).

44. Os nossos pais nos batia. PS-16-T/amizade- I.05

PE: (Os nossos pais batiam-*nos*).

45. Eu *te* amo e vou continuar a *te* amar para toda a eternidade. FA-25-T/amor- I.02-03

PE: Eu amo-*te* e vou continuar a amar-*te*...)

46. Ele *me* aconselha. (...) ele *me* chamou para frequentarmos a igreja *me* ensinou para não fazer mal. TA-03-T/amizade-I.12

PE: Ele aconselha-*me* (...) ele chamou-*me* para frequentarmos a igreja ensinou-*me* a não fazer mal).

47. Eu e ela éramos bem diferentes, mas *nos* amávamos. EW-35-T/amizade- I.12-13

PE: (... , mas amávamo-*nos*).

48. A minha primeira amiga a distância *nos* separamos. EW-35-T/amizade-I.18

PE: (... separamo-*nos*).

49. Muitas vezes não é fácil praticar o bem principalmente com o próximo *me* refiro a pessoas estranhas. EW-35-T/amor- I.10-11

PE: (... refiro-*me* às pessoas estranhas).

50. Há certos aspetos, mas *me* esforço para ajudar o meu próximo e todos nós devemos dar o nosso melhor. EW- 35-T/amor- I.15-17

PE: (... , mas esforço-*me* ...)

51. Ele *me* considerava como filho e *me* meteu a atender na cantina junto com o seu filho. OC- 19-T/amizade-I.08-09

PE: (Ele considerava-*me* como filho e meteu-*me* ...)

52. Descubro novas coisas e eu *me* recordo na minha infância tinha amigos rebeldes. EM-14-T/amizade-I.04-05

PE: (... e eu recordo-*me* ...)

53. Eu iniciei amar em primeiro lugar os meus pais tal como irmãos, irmãs, amigos, colegas e eu *me* recordo. EM- 14-T/amor-I.05

PE: (... e eu recordo-*me*).

54. Miguel Santos ele se comporta bom. AS-17-T/amizade-I.01-02

PE: (... ele comporta-se bem).

55. Eu por minha vez *me* entreguei nesta equipa. AM-36-T/amizade-I.03

PE: (Eu por minha vez entreguei-*me*...)

56. Eles *nos* amam porque querem evitar muitas consequências em sua vida. PD-T/amizade-I.09

PE: (Eles amam-*nos*...)

Locuções verbais

57. Vejamos uma coisa se ela não teve amor connosco não deveria tratar-*nos* desta forma. AM-36-T/amor-I.05

PE: (... não *nos* deveria tratar desta forma).

58. Primeiro dia em que eu vi o meu amigo pensei que Deus tinha dado *me* uma nova visão de amar alguém. JY- 38-T/amor-I.05

PE: (... pensei que Deus *me* tinha dado ...)

59. Quando tentava-*me* desviar do caminho certo HL- 03-T/amizade- I.06-07

PE: (... quando *me* tentava desviar do caminho certo).

60. Eu sei que hei de *a* encontrar. EW- 35-T/amizade-I.19

PE: (Eu sei que *a* hei de encontrar).

61. Tentaram *nos* separar, mas foi muito difícil.AF-37-T/amor- I.05

PE: (Tentaram separar-nos, mas foi muito difícil).

Casos de má seleção de clíticos

62. Tinham um comportamento de abusos reconheceram os seus erros pediram-se desculpas e eu aceitei. IV-34-T/amizade-I.09-10

PE: (... pediram-*me* desculpas e eu aceitei).

63. Tínhamos bom comportamento e sem esquecer do primeiro dia que se conhecemos foi na igreja. AC-05-T/amizade-I.04

PE:(... o primeiro dia que *nos* conhecemos...)

64. Amor ao próximo é cuidarmos uns dos outros, protegermos os outros como se protegemos a nós mesmos. MS-06-T/amor- I.02

PE: (... como *nos* protegemos a nós mesmos).

65. Uma das formas bonita da sociedade de amar uns aos outros da mesma forma que se ama a ti mesmo. AC-21-T/amor- I.01-02

PE: (... da mesma forma que *te* amas a ti mesmo).

66. A amizade para mim é uma das formas de se comunicar com os outros. GU- 39-T/amizade-I.01.

PE:(... de *nos* comunicar...)

67. Na minha infância tinha três amigos com eles aprendi tipos de amizade que eu tinha com os meus amigos, aquele era amizade tão forte quando se mudamos nunca mais tive aquele tipo de amizade. TC-20- T/amizade-I.01-04

PE (...aquela era amizade tão forte quando *nos* mudamos ...)

68. Quando o pai do meu amigo morreu dali se separamos. OC-19-T/amizade-I.10

PE: (... dali *nos* separámos).

69. Amizade é tudo aquilo que pretendemos criar com alguém conhecer-se com as pessoas. AC-21-T/amizade-I.01

PE: (... conhecermo-*nos*...)

70. Podemos se encontrar com os nossos amigos da infância.GT-27-T/amizade-I.08-09

PE: (Podemo-nos encontrar /ou: Podemos encontrar-nos...)

Casos de má colocação e seleção de clíticos

71. Aquilo era se divertir até outros dias ficávamos com fome, mas ficávamos alegres. JH-24-T/amizade- 05-06

PE: (Aquilo era divertirmo-*nos*...)

72. Tivemos namoradas que foram irmãs e se conhecemos com elas na escola. OC-19-T/amizade-I.04

PE: (... e conhecemo-*nos* com elas na escola).

73. Eu *lhe* aconselho. TA-01-T/amizade-I.15

PE: (Eu aconselho-*o*).

74. A mãe do meu amigo gostava tanto de mim como do seu filho porque a minha amizade tornou-*lhe* a ser uma boa pessoa com a sua família. AM- 36-T/amizade-I.13

PE: (... porque a minha amizade se tornou a ser / tornaram-no a ser/ o tornou a ser)

75. Esse amor que eu sinto é muito grande que nem eu mesma consigo se controlar. IV-34-T/amor-I.01

PE: (... que nem eu mesma *me* consigo controlar. / controlar-me).

76. Eu tive um amigo chamado João um amigo que crescemos juntos se conhecemos com 4 anos de idade. OC-19- T/amizade-I.01-02

PE: (...conhecemo-*nos*...)

Guião de respostas de teste de comportamento linguístico provocado aplicado aos alunos da 12ª classe.

As respostas que a seguir são apresentadas, foram concebidas segundo a norma o português europeu.

1. a) Ninguém **se** fechou na cozinha.

b) Nunca, esquecemo-**nos** nas atividades.

c) Vi a Maria e disse-**lhe** que teríamos aula amanhã.

d) Eu disse-**te** a prova tinha sido antecipada.

2.1. Encontraram o professor?

a) Encontraram-lhe. ()

b) Lhe encontraram. ()

c) Encontraram-no. (+)

d) Encontraram ele. ()

2.2.a) Foi buscar a ela? ()

b) Foi buscar-lhe? ()

c) Foi buscar ela? ()

d) Foi-lhe buscar? ()

e) Lhe foi buscar? ()

f) Foi buscá-la? (+)

2.3.a) Alguém viu ele? ()

b) Alguém lhe viu? ()

c) Alguém viu a ele? ()

d) Alguém o viu? (+)

e) Alguém viu-o? ()

Forma verbal simples / frases simples

3.1. a) O Leonardo viu-o na igreja.

b) Telefonou-*lhe* a Zaida.

Introduzidas por advérbio

3.2.a) Apenas o Elísio *a* viu na igreja.

b) Mesmo o professor *a* viu na escola.

c) Só o Maria *a* viu na igreja.

d) Também o Digo *a* viu.

Com pronome indefinido

3.3. a) Todos *me* viram.

b) Ninguém *te* deixa viajar sozinha.

c) Nada o agradou.

d) Nenhum deles *nos* viu passar.

Introduzidas por um pronome interrogativo

3.4.a) Como *lhe* oferecer o livro ainda hoje?

b) Quem *vos* disse que o professor viajou?

c) Porque *nos* diz todas estas coisas?

Com complementadores simples e complexos

3.5.a) Por esse motivo o convenceram a não faltar às aulas.

Frase coordenada

b) O Rodriguês visitou o Niltinho e pediu-*lhe* livro.

c) Ou se compra outro telemóvel ou alguém o leva à revelia.

Frase subordinada: Frase finita

3.6.a) Disseram-me que a mãe *a* encontrou.

b) Perguntaram ao Manuel se o Rodriguês *lhe* entregou o dinheiro.

c) Quando *o* encontrares fala com ele sobre o negócio.

d) O professor disse que não *te* viu.

e) A pessoa a quem *me* apresentaste viajou ontem.

Frase não finita

f) O João prometeu à Domingas levá-*la* ao jogo.

g) O noivo queria arranjar-*lhe* um bom emprego.

(ii) Formas verbais complexas/ tempos composto e voz passiva

Frases simples

4.1. a) O Mateus tem-*no* visto esses dias.

Com negação predicativa

b) O Mateus não *a* tem visto esses dias.

c) O computador nunca *me* foi entregue pelo Manuel.

Introduzidas por advérbio

4.2. a) Só a Domingas *lhe* tinha contado a história.

b) Também *lhes* foi atribuído um subsídio.

Com pronome indefinido

c) Nada *lhe* será entregue amanhã.

d) Alguma coisa *o* tinha aborrecido.

Frase coordenada

4.3.a) O José tem se zangado com o António e tem-*no* maltratado.

Com negação predicativa

b) O António tem desculpado sempre das zangas ao José, mas este nunca o tinha maltratado.

Com pronome indefinido

c) Os filhos têm visto o que acontece e todos *lhe* têm dado razão.

Frase subordinada: Finita

d) Não falei com o Carlos embora o tivesse visto.

Não finita

e) É provável o salário vir a ser-*lhes* aumentado no próximo ano.

Conjugação perifrástica

Com pronome indefinido

4.4. a) Ninguém o pode ajudar. / ou: Ninguém pode ajudá-*lo*.

Introduzidas por pronome interrogativo

b) Perguntei ao Betinho quem *lhe* anda a dizer essas ofensas.

A seguir ao verbo aspetual

c) O Simão acaba de vê-*lo* subir no carro. Ou: ... acaba de o ver subir no carro.

Com forma não finita do verbo principal

d) Os professores começaram a corrigi-*las* amanhã.

(iii) Forma do futuro e do condicional

Forma simples /afirmativa

4.5. a) Eles dir-*lhe*-ão se aplico ou não as provas.

(b) O professor afirmar-*lhe*-ia a mesma coisa.

Com negação predicativa

c) O Lucas nunca *me* diria uma coisa dessas.

Introduzido por advérbio

d) Apenas o Castro o ajudará neste trabalho.

e) Ninguém *lhe* diria isso.

Forma composta /afirmativa

4.6. a) O Elísio ter-*lhe*-á dito algo.

Com negação predicativa

O Elísio não *a* terá dito nada.

(b)As crianças tê-*la*-iam visto se ela estivesse em casa.

Com pronome indefinido

(c)Alguém *a* teria convidado para a festa.

Introduzido por pronome interrogativo

(d) Para que lugar essa menina *a* teria levado?

ANEXOS

Anexo 1: Inquérito

Este inquérito é anónimo tem objetivo inteiramente académico e destina-se a um trabalho de investigação no âmbito de uma dissertação de Mestrado.

Parte A – Informação do aluno

Preencha os espaços abaixo

I- Parte (Dados individuais)

1. Nome: _____
2. Idade: ____ anos
3. Sexo: feminino____ masculino_____
4. Naturalidade: _____
5. Local de residência: _____
6. Classe 9^a _____ Turma_____

II. Parte / Meio Linguístico

A. Uso de Línguas

7. Línguas angolanas que falas e/ ou percebe

Línguas que fala	Línguas que percebe	Línguas que fala em casa
_____	_____	_____
_____	_____	_____

8. Em que situações usas geralmente as línguas, onde e com quem?

Língua Portuguesa _____

Língua(s) de Angola _____

B. Aprendizagem da Língua Portuguesa

9. Quando, onde e com quem aprendeu.

Quando _____ onde _____

Com quem _____

10. Para si, foi difícil começar a falar português (assinale com um x)

Sim () Não ()

Porquê? _____

III. Parte -Teste / Redação

11. Dos seguintes temas, em 200 ou 250 palavras, escolha um e desenvolva-o.

Tema: (A) Na vida, cada um de nós tem um amigo ou amiga; na infância, na juventude, idade adulta e na terceira idade. O tempo não passa pela amizade, mas a amizade passa pelo tempo. Fale de amizade, não se esquecendo do tipo de amizade, comportamento e recordações.

Tema:(B) Uma das formas mais bonitas na sociedade é ter amor ao próximo como um dos deveres mais importante de todo ser humano. Fale de amor com o teu próximo, sem, no entanto, te esqueceres de tipo de amor, comportamento e recordações.

Inquérito 2

Este inquérito é anónimo tem objetivo inteiramente académico e destina-se a um trabalho de investigação no âmbito de uma dissertação de Mestrado.

Parte A – Informação do aluno

Preencha os espaços abaixo

I- Parte (Dados Individuais)

1. Nome: _____
2. Idade: ____ anos
3. Sexo: feminino____ masculino_____
4. Naturalidade: _____
5. Local de residência: _____
6. Classe 12^a _____
7. Especialidade _____

II- Parte / Meio Linguístico

A. Uso de Línguas

8. Línguas angolanas que falas e/ ou percebe

Línguas que fala

Línguas que percebe

Línguas que fala em casa

9. Em que situações usas geralmente as línguas, onde e com quem?

Língua

Portuguesa

Língua(s)

de

Angola _____

B. Aprendizagem da Língua Portuguesa

10. Quando, onde e com quem aprendeu.

Quando _____ onde _____

Com quem _____

11. Para si, foi difícil começar a falar português (assinale com um **x**)

Sim ()

Não ()

Porquê?

III. Parte - Teste de comportamento linguístico provocado

1. **Risque o pronome clítico colocado incorretamente nas seguintes frases:**

a) Ninguém **se** fechou-**se** na cozinha.

b) Nunca, **nos** esquecemo-**nos** nas atividades.

c) Vi a Maria e **lhe** disse-**lhe** que teríamos aula amanhã.

d) Eu te disse-te a prova tinha sido antecipada.

2. Identifique e assinale com uma cruz (+) apenas uma alternativa que entende que seja a mais bem formada de entre as que são apresentadas.

2.1. Encontraram o professor?

a) Encontraram-lhe. ()

b) Lhe encontraram. ()

c) Encontraram-no. ()

d) Encontraram ele. ()

2.2. O pai foi buscar a filha à escola.

a) Foi buscar a ela? ()

b) Foi buscar-lhe? ()

c) Foi buscar ela? ()

d) Foi-lhe buscar? ()

e) Lhe foi buscar? ()

f) Foi buscá-la? ()

2.3. Alguém viu o professor de Língua Portuguesa?

a) Alguém viu ele? ()

b) Alguém lhe viu? ()

c) Alguém viu a ele? ()

d) Alguém o viu? ()

e) Alguém viu-o? ()

3. Complete as frases dadas, colocando na posição correta o pronome que se apresenta entre parenteses:

- 3.1. a) O Leonardo ____ viu ____ na igreja. (o)
- b) ____ telefonou ____ a Zaida. (lhe)
- 3.2.a) Apenas o Elísio ____ viu ____ na igreja. (a)
- b) Mesmo o professor ____ viu ____ na escola. (a)
- c) Só o Maria ____ viu ____ na igreja. (a)
- d) Também o Digo ____ viu _____. (a)
- 3.3. a) Todos ____ viram _____. (me)
- b) Ninguém ____ deixa ____ viajar sozinha. (te)
- c) Nada ____ agradou _____. (o)
- d) Nenhum deles ____ viu ____ passar. (nos)
- 3.4.a) Como ____ oferecer ____ o livro ainda hoje? (lhe)
- b) Quem ____ disse ____ que o professor viajou? (vos)
- c) Porque ____ diz ____ todas estas coisas? (nos)
- 3.5. a) Por esse motivo ____ convenceram ____ a não faltar às aulas. (o)
- b) O Rodriguês visitou o Niltinho e ____ pediu ____ livro. (lhe)
- c) Ou se compra outro telemóvel ou alguém ____ leva ____ à revelia. (o)
- 3.6.a) Disseram-me que a mãe ____ encontrou _____. (a)
- b) Perguntaram ao Manuel se o Rodriguês ____ entregou ____ o dinheiro. (lhe)
- c) Quando ____ encontrares ____ fala com ele sobre o negócio. (o)
- d) O professor ____ disse que não ____ viu _____. (te)
- e) A pessoa a quem ____ apresentaste ____ viajou ontem. (me)
- O João prometeu à Domingas ____ levar (r) ____ ao jogo. (a)

e) O noivo queria ____ arranjar ____ um bom emprego. (lhe)

4. Reescreva as frases abaixo, substituindo a expressão sublinhada pelo pronome que se apresenta entre parenteses e coloque-o na posição correta.

4.1. a) O Mateus tem visto o Rodriguês esses dias. (a)

b) O Mateus não tem visto esses dias a Rita. (a)

c) O computador nunca foi entregue a mim pelo Manuel. (me)

4.2. a) Só a Domingas tinha contado a história à Maria. (lhe)

b) Também foi atribuído um subsídio aos trabalhadores. (lhes)

c) Nada será entregue amanhã ao aluno. (lhe)

d) Alguma coisa tinha aborrecido o professor. (o)

4.3.a) O José tem-se zangado com o António e tem maltratado o António. (o)

b) O António tem desculpado sempre das zangas ao José, mas este nunca tinha maltratado o António. (o)

c) Os filhos têm visto o que acontece e todos têm dado razão ao pai. (lhe)

d) Não falei com o Carlos embora tivesse visto o Carlos. (o)

e) É provável o salário vir a ser aumentado no próximo ano aos trabalhadores. (lhes)

4.4. a) Ninguém pode ajudar o electricista. (o)

b) Perguntei ao Betinho quem anda a dizer ao Anderson essas ofensas. (lhe)

c) O Simão acaba de ver o polícia subir no carro. (o)

d) Os professores começam a corrigir as provas amanhã. (as)

4.5. a) Eles dirão ao Decano se aplico ou não as provas. (lhe)

b) O professor afirmaria a mesma coisa ao decano. (lhe)

c) O Lucas nunca diria uma coisa dessas a mim. (me)

d) Apenas o Castro Ajudará o Manuel neste trabalho. (o)

e) Ninguém diria isso à mãe. (lhe)

4.6. a) O Elísio terá dito algo ao pai. (lhe)

b) As crianças teriam visto a Zaida se ela estivesse em casa. (a)

c) Alguém teria convidado a Cristina para a festa. (a)

d) Para que lugar essa menina teria levado a Esperança a jantar? (a)

ANEXO 2

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos se declara que José Muachiãnvua, aluno nº 90763, do Mestrado em Português LE/L2, da Universidade de Aveiro, desenvolve, neste momento, trabalho de investigação sobre o uso dos pronomes clíticos no Português de Angola, no âmbito da sua dissertação de mestrado, sendo por mim orientado.

Universidade de Aveiro, 19 de dezembro de 2018



Prof. Dr. António Moreno
Professor Auxiliar
Departamento de Línguas e Culturas
Universidade de Aveiro



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas

À Direção do Complexo Escolar do Samacaca

Lunda-Norte/ Dundo

Assunto: Pedido de Autorização

Vimos pedir a colaboração da vossa escola para a recolha de dados para uma investigação realizada no âmbito de uma dissertação de Mestrado em cumprimento aos requisitos parciais para a obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda do 2º Ciclo.

A presente investigação tem como objetivo a descrição e explicação em textos escritos pelos alunos da 9ª classe do 1º ciclo do ensino secundário das particularidades do uso dos pronomes clíticos.

Para alcançar os objetivos da investigação, é necessário proceder a recolha de dados escritos de pelo menos 45 alunos da 9ª classe.

Para o sucesso da presente investigação, a vossa colaboração é indispensável; pedimos à escola que nos auxilie na seleção de informantes (alunos) com particularidades acima referidas e, por parte de professores, pedimos a facilitação do acesso a alunos para a recolha de dados.

Os dados serão recolhidos por meio de questionários anónimos e não se destinam à avaliação de informantes (alunos) mas sim à análise das características do Português por falantes de Angola.

Agradecendo, desde já, a disponibilidade de V. Exa., aguardamos uma resposta.

Cordial Saudações!

Aveiro, 20 de Dezembro de 2018.

José Muachiânvua



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
GABINETE PROVINCIAL DA EDUCAÇÃO
DIRECÇÃO MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO

COMPLEXO ESCOLAR DO SAMACACA

À

UNIVERSIDADE DE AVEIRO (PORTUGAL)

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E
CULTURAS

RE.ª Nº 07 GD.CES/2019

ASSUNTO: RELATÓRIO SÍNTESE DA REALIZAÇÃO DO INQUÉRITO.

Os nossos melhores cumprimentos

No dia 11 do Mês de Fevereiro do corrente ano, recebemos nesta Direcção o estudante José Muachiânvua, em missão de realização um inquérito do trabalho do fim de curso, para o Mestrado em Português.

A presente investigação teve como objectivo a descrição e explicação em textos descritivos pelos alunos de 9ª Classe do 1º Ciclo do ensino secundário das particularidades do uso dos pronomes clíticos.

Considerando uma tarefa de grande importância que pode contribuir no melhoramento da qualidade de ensino, congratula-nos com o trabalho ora desenvolvido, pelo que nos propusemos em manter boas relações com a instituição para fins de investigação científica.

O presente relatório testa o trabalho desenvolvido pelo estudante da Universidade de Aveiro (Portugal), do ano em curso.

Dundo aos 12 de Fevereiro de 2019.





Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas

À Direção da escola do Liceu do Dundo

Lunda-Norte/ Dundo

Assunto: Pedido de Autorização

Vimos pedir a colaboração da vossa escola para a recolha de dados para uma investigação realizada no âmbito de uma dissertação de Mestrado em cumprimento aos requisitos parciais para a obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda do 2º Ciclo.

A presente investigação tem como objetivo a descrição e explicação em textos escritos pelos alunos da 12ª classe do 2º ciclo do ensino secundário das particularidades do uso dos pronomes clíticos.

Para alcançar os objetivos da investigação, é necessário proceder a recolha de dados escritos de pelo menos 45 alunos da 12ª classe que tenham a Língua Portuguesa como disciplina nuclear.

Para o sucesso da presente investigação, a vossa colaboração é indispensável; pedimos à escola que nos auxilie na seleção de informantes (alunos) com particularidades acima referidas e, por parte de professores, pedimos a facilitação do acesso a alunos para a recolha de dados.

Os dados serão recolhidos por meio de questionários anónimos e não se destinam à avaliação de informantes (alunos) mas sim à análise das características do Português por falantes de Angola.

Agradecendo, desde já, a disponibilidade de V. Exa., aguardamos uma resposta.

Cordial Saudações!

Aveiro, 20 de Dezembro de 2018.

José Muachiânvua



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
LICEU DO DUNDO/LUNDA NORTE

À
UNIVERSIDADE DE AVEIRO
PORTUGAL

10 /LD/ LN/19.

ASSUNTO: RESPOSTA À SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO.

Respeitosos cumprimentos laborais.

Em conformidade ao vosso ofício datado de 20 de dezembro de 2018, que solicita a realização da investigação sobre pronomes clíticos no português de Angola. Baseando na Escola do Liceu do Dundo, no Chitato. Esta Direcção não vê impedimento algum para que se proceda o exercício em epígrafe;

Portanto, fica autorizado o Senhor **José Muachiânvua** a prosseguir com a sua actividade desde a investigação até a publicação do pesquisado.

Sem outro assunto, reiteramos votos de boa jornada laboral.

DUNDO, 01 DE FEVEREIRO DE 2019. –


DIRECTOR
DOMINGOS IPANGA